

JOAQUIM NABUCO

Discursos e  
Conferencias

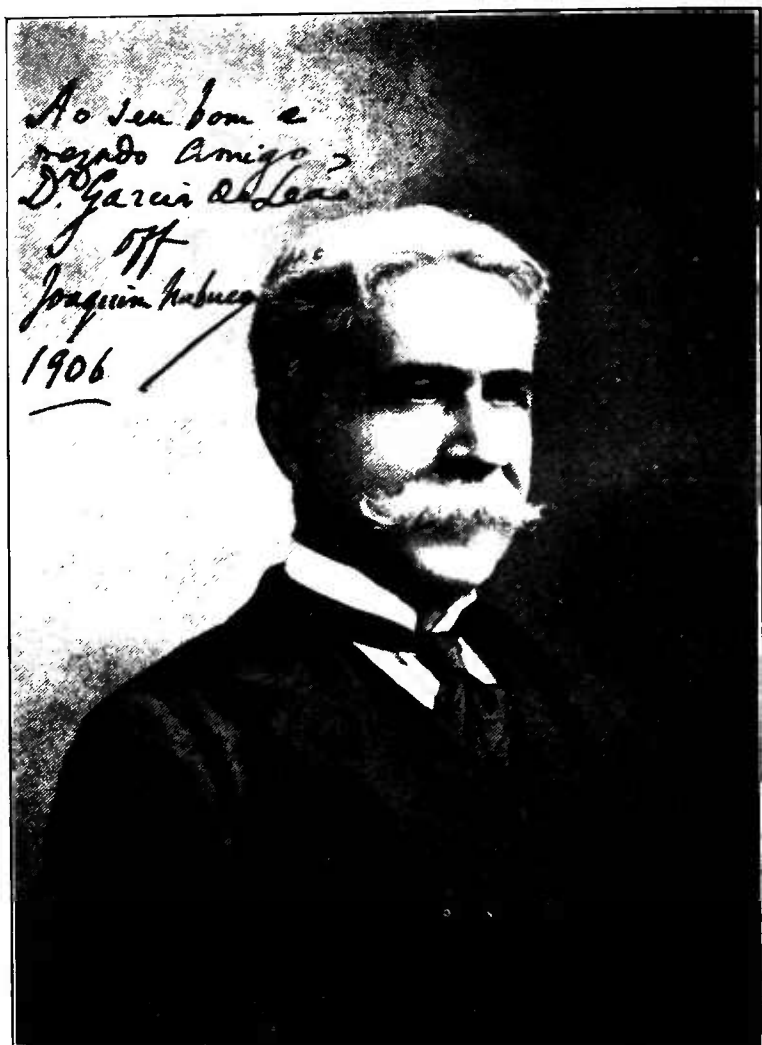
Editor BENJAMIN AGUILA

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





JOAQUIM NABUCO

JOAQUIM NABUCO  
*Discursos e Conferencias*

NOS

ESTADOS UNIDOS

---

Tradução do Inglez  
de  
ARTHUR BOMILCAR

---

EDITOR  
BENJAMIN AGUILA  
RIO DE JANEIRO

---

IMPRESSO EM NOVA YORK



## AO LEITOR.

---

Ha nomes que apenas pronunciamos em mente, sentimos de subito mover-se-nos o apparelho imaginativo, engolfando-nos pouco a pouco num torvelinho de idéas claras a principio e por fim vagas e esbatidas, até chegarmos a esse leve aturdimento que nos causam as obras excepcionais da Natureza. As primeiras idéas que nos acodem são porem as que fixam os traços da sua personalidade, a moldura da sua vida. Não é possível pensar-se em Joaquim Nabuco sem logo o associar ás idéas de abolicionismo, belleza varonil, eloquencia, nobreza de character e outras.

Mas de quantas idéas o seu nome nos suggere a principal, posto que a menos falada, é a de raça latina.

De feito. Não fôra nenhuma exaggeração affirmar-se que Joaquim Nabuco em sua derradeira fase era o mais eminente, o mais legitimo representante da raça latina, e isso somente porque nenhuma das quatro nações que a compõem, poderia dar um homem capaz de alçar-se acima do horisonte visual da nacionalidade e de amal-as a todas por igual, de possuir-lhes as mesmas affinidades intellectuais, de menear-lhes as linguas e imbeber-se carinhosamente da cultura e do espirito de cada uma dellas.





## INDICE.

O lugar de Camões na Literatura.. . . . .	13
Camões, o Poeta Lyrico.. . . . .	41
Os Lusíadas como a Epopéa do Amôr... . . . .	79
A Influencia de Lincoln no Mundo.... . . . .	107
Possibilidades Scientificas no Brazil... . . . .	111
Bureau Internacional das Republicas Americanas	117
O Espirito de Nacionalidade na Historia do Brazil	121
A Approximação das Duas Americas. . . . .	139
Saint-Gaudens .. . . . .	153
Restauração do Governo Nacional de Cuba.. . . .	157
O Centenario de Lincoln.. . . . .	161
Elihu Root e a Paz.... . . . .	167
Gridiron Club.. . . . .	169
O Quinhão da America.. . . . .	187

Só a America com esse dom de adaptação da juventude e sem resabios de dissidios historicos, poderia gerar um homem desse estalão.

E ninguem melhor o sentiu que os Anglo-Saxões. Como explicar essa calorosa e entusiastica admiração que sempre lhe renderam, senão por lhes dizer o instincto que Nabuco representava alguma coisa mais que um paiz Sul-americano? Senão por lhe palparem o contraste da sua estructura moral? A que attribuir esse prestigio inaudito que grangeou de um lance entre o corpo diplomatico em Washington e na Casa Branca?

Notavel é porem que o seu amor da patria não diminuia de intensidade com a extensão que ia tomando o seu sentimento racial. Pelo contrario; cada vez se sentia "mais escravo da gleba brasileira" e mais estreitamente ligado ao nobre ramo de que brotara, o luzo brasileiro. E nada mais commovente que esse empenho que elle puzera em seus derradeiros dias, em espertar a attenção dos Americanos do Norte para o nosso paiz e para o astro-rei da literatura portugueza. Sonhava que se elles viessem a attentar na grandeza dos Lusiadas, força era que se interessassem pela historia de Portugal e dahi o estudo da lingua portugueza seria o canal por onde ao cabo chegariam a descobrir este mundo ignorado, que é o Brazil. Não advertia o sonhador que um couraçado de trinta mil toneladas faz mais prompto appello ao homem de hoje que a mais primorosa obra d'arte; não cuidava que os canhões de grosso calibre, quer dormentes, quer fa-

**lando a** sua linguagem rude e estrepitosa, attraem muita mais sympathia para os seus donos que todos os seus monumentos artisticos.

E essa sua constante fuga do paul das coisas circumstantes, era o mais seguro argumento do seu talhe de predestinado. Idealista por necessidade e vocação, nunca se empenhou em causa que lhe trouxesse proveitos immediatos. A abolição da escravatura, a que lhe abriu os portões da Immortalidade, pudera ter lhe consumido de balde a vida, como de feito lhe consumiu parte. Vimos depois de Treze de Maio o grande astro immergir nesse eclipse que succede invariavelmente á consumação das obras vitais, quando não é a propria morte.

Ao tornar a lume, com a cabeça coberta da neve das meditações, mais que dos annos, foi como se surgira no meio da posteridade. Já ninguem o conhecia. O enthusiasmo que dantes espertava nas massas, tornara em profunda reverencia, e cada palavra sua era recolhida com carinho e transmittida de bôcca em bôcca como se viera de um oraculo. A circumstancia de exprimir-se ultimamente em lingua estrangeira, e longe de patria, cercava-o ainda mais de um certo halo de mysterio, parecendo retrahir o Nabuco dos tempos da campanha abolicionista para um passado mui remoto donde a sua voz nos chegava branda e vagamente em um murmuro como sobrenatural.

Nesse seu novo surto em lingua estrangeira outra coisa não vejo que o proposito, sempre observado da Natureza de accentuar que os grandes varões não são patrimonio

de uma só nação, senão da humanidade e por isso invariavelmente lhes baralha os titulos de futura identificação, apagando-lhes os rastros de naturalidade, de lingua, de nome e filiação para ao cabo afogal-os na poeira da lenda. E' por isso que Homero é um mytho; o maior francez nasce na Corsega e se chama *Buona-parte*; Camões, a pedra angular da nossa lingua, escreve indistinctamente em vernaculo e em castelhano; Shakespeare já passa por um pseudonymo de Bacon; Colombo é valido pela Espanha; Byron e Heine adoptam novas patrias; Montesquieu bebe na Inglaterra a inspiração da sua obra-prima; Federico o Grande é classico francês; Dumas nasce nas Antillas; Garibaldi, o patriota italiano, arrisca a sua vida pelejando no Brazil e se liga á familia brazileira. Mas nunca acabaria com esses exemplos lançados ao correr da penna.

O nosso paiz não offerece excepção valiosa a essa regra. Se tomarmos por exemplo dos quatro grandes homens da actualidade vel-os-emos num dado passo da sua carreira desprender-se do galho nacional para enxertar-se no tronco commum da humanidade. Rio Branco, levado pelo destino a viver largos annos no exterior, vê-se um dia forçado a vasar todo o seu cabedal de historia patria em lingua estrangeira; José Carlos Rodrigues é por muitos annos jornalista americano; Nabuco é sagrado escriptor em França e orador nos Estados Unidos; Ruy Barbosa, a maior autoridade da lingua portugueza no seu tempo, vai se immortalisar em lingua franceza.

E nenhum delles o fez de livre alvedrio, senão por

**imposição** do destino. A' **semilhança** dos rios que depois de beneficiar as zonas por onde passam devolvem ao mar as aguas que lhe tomaram em suas correntes subterraneas, esses homens num dado momento restituem a humanidade as demasias do que receberam para o bem da patria. As suas individualidades vão pouco a pouco se avolumando até transbordarem para fora das fronteiras nacionais. Mas seja como fôr, essa perda temporaria do colorido nacional, um caso especial de mimetismo humano, é um dos traços caracteristicos dos fortes e dos predestinados.

Grande influencia teve na carreira de Nabuco a sua belleza varonil. Pode dizer-se que cada gesto seu era um golpe de cinzel a estatua que elle ia lentamente lavrando de si proprio. Houvera elle uma deformidade fisica ou fôra menos fascinante a sua figura, bem outra teria sido a sua acção na vida. Viera a ser porventura um solitario e a asfixia em que se debatem os espiritos perigrinos teria sem duvida apurado a sua tão pronunciado organisação poetica e desenvolvido a faculdade creadora. Faltou-lhe porem a Dôr, essa triste Mãe dos creadores; e, o que é mais, sobejaram-lhe todos os gozos que fazem a vida desejavel. Mais não os desejara Tasso quando escrevia a um amigo: "Quizera ser adulado pelos amigos; bem servido pelos meus servos; acariciado por quantos me cercam; honrado por meus protectores; celebrado pelos poetas e apontado a dedo pela turba-multa."

E quando attentamos em que elle logrou-se de muito mais que isso, e sem embargo encontrou em si

forças para a tudo renunciar e refugiar-se no silencio do gabinete, onde escreveu a valiosa obra que nos legou, livros adoraveis de sinceridade, e immortais por isso mesmo, somos naturalmente levados a pensar nas *Meditações* de Marco Aurelio. Custa a crer que um homem que diariamente se defrontava com os intricados problemas do governo, que assumia o commando das suas tropas para combater os Quadi e os Marcommani e outras tribus, ainda tivesse tempo para escrever os livros que nos herdou.

Essa evocação de Marco Aurelio nos vem lembrar o que constituia o fundo do character de ambos: a bondade. Nunca houve quem visse Joaquim Nabuco sem aquelle sorriso luminoso de saude moral, que irradiava por todo o seu rosto, no qual trazia estampadas as suas credenciais, a sua historia e o seu programma. Nunca teve uma frase siquer, calculada para maguar a quem quer que fosse. Se gerou rancores ou invejas houve nisso tanta culpa quanto o sol em fazer brotar cardos e ortigas em terreno cujo natural não consente vingar lirios e violetas.

Ao desaparecer essa figura estatuessa opinou o pessimismo indigena que Nabuco era o ultimo fruto duma arvore que se finara com elle. Não pensam assim os que attentam na amalgação das raças que compõem a familia brasileira. Um povo formado pela raça branca, a raça pensante, pela raça preta, a affectiva, e pela amarella, a raça activa, tem todas as qualidades necessarias de intelligencia, de coração e de vontade para produzir o typo mais brilhante e

mais perfeito de homem sobre a terra. E Joaquim Nabuco parece ter sido uma antecipação que nos fez a Natureza do typo futuro dos filhos do Brazil.

ARTHUR BOMILCAR.

Nova-York, Julho, 1911.





## O LUGAR DE CAMÕES NA LITERATURA

---

Conferencia realisada na Universidade de Yale  
aos 14 de Maio de 1908.

Logo que li os *Lusiadas* pela primeira vês, immediatamente escrevi um livro para exprimir a minha admiração, salvando-me na escusa de que sempre quadra a um poeta um tributo de amôr. Não me arrependo de haver registrado em letra de fôrma aquella primeira impressão, que com os annos tornou em admiração sincera, e acompanhou-me o espirito durante toda a vida. Foi sempre minha tenção renovar a *Camões*, em meu declinio, a promessa da minha mocidade, senão quando um lance inesperado da fortuna consentiu-me pô-la por obra diante de uma grande Universidade Americana.

Emquanto estava a cultura sob o influxo latino, permaneciam os *Lusiadas* inconcusso no posto que para elle reclamava a raça portugûesa. Agora a cultura está se tornando mais diffusamente Anglo-Germanica, e pelas mostras, parece que assim nos paizes anglo-saxonicos, como nos germanicos, continúa inabalavel a sua fama. Mas bem duros são para os Classicos os tempos que correm, ainda para os favoritos, havendo mister lembrar-se *Camões* aos estudantes americanos, para quem sempre foi elle mais ou menos um forasteiro, embora apresentado pelo proprio Longfellow.

Facil tarefa é mostrar o grande poeta que foi Camões. Basta pegar-se dos *Lusiadas* e lêr-se o episodio de Ignês de Castro, ou o de Adamastor, ou o da Ilha dos Amôres; mas para isso é força que a audiencia comprehenda o portuguez. Fallecendo-lhe essa condição, ha que depender do traductor, de mediação alheia. Privar a um poeta da sua linguagem, é roubar-lhe metade d'alma. Quem pudéra trasladar para o francês ou italiano o *Allegro* de Milton, ou o *To a Shylark* de Shelley, sem despojal-os do que mais caro lhes era, a ambos? Todo o grande poeta, o é em qualquer lingua, mas nenhum o é tamanho, quanto na propria, e os damnos que padecem com as traducções podem ser taes e tantos que até venham a affectar a sua posição relativa na literatura. Tal é o caso de Camões.

Falando especialmente d'elle, tem Camões, diante de qualquer audiencia estranha á lingua portuguesa, outras muitas desvantagens em um certamen. Antes de mais nada, é o poeta da sua Nação, por obra do destino e tambem da sua ambição, e como poeta de Portugal, é victima do pouco interesse que inspira aos demais povos, a raça portuguesa, e o papel que desempenhou na historia, a sua individualidade della. O mundo está sempre enlevado pelos nomes da Grecia, de Roma e das Republicas Italianas da Idade Media, e isso adduz novo lustre á *Iliada*, á *Eneida*, á *Divina Comedia*. Em tudo influe a fortuna, quer em relação aos homens, quer ás nações, e em nada tão sensivelmente, como na fama. Quando se trata de aquilatar o valor dum poeta, ha de se fazer conta do prestigio da

**sua raça.** Somente um antigo Romano pudéra dizer, com conhecimento cabal, até que ponto as tres linguas, italiana, espanhola e portugûesa, sôam como o latim; certamente muito do que se conservou da lingua materna, em cada uma dellas, pelo demasiado uso, ou desuso, desapareceu das outras duas; sem embargo é a lingua portugûesa a irmã desamparada. Deve ser um caso de prestigio historico. Ou será que o assumpto dos Lusíadas, o descobrimento do Oriente, fala mais á imaginação européa, que á americana. Para os americanos Vasco da Gama é figura secundaria em relação á Colombo. O verdadeiro interesse nos Descobrimentos cifra-se para nós no atravessar o Atlantico e achar a America.

Se resumirmos as circumstancias que se oppõem á fama de Camões no exterior, temos: a geral ignorancia da lingua em que escreveu; as duas grandes adulterações que soffreu com as traducções; a influencia sômenos que Portugal exerce na imaginação do mundo; o descaso em que por isso é havida a lingua portugûesa, e por derradeiro, a sombra que projecta Colombo sobre Vasco da Gama, como heróes da Idade dos Descobrimentos. Não cuideis que estou dando ao meu favorito tanto partido que acabarei por retiralo da liça. Não, atenho-me ás suas côres. Quero unicamente explicar-vos a indifferença em que são havidos os Lusíadas fóra das fronteiras da lingua portugûesa.

Uma vês que me referi aos traductores, cumpre-me declarar-vos que não tenciono deprecial-os. Camões se orgulharia das suas homenagens. A traducção de

Richard Fanshaw, dada á estampa em 1655, popularizou os Lusíadas entre os homens de letras da Restauração. Será ella a que Milton leu. A de Mickle foi reeditada varias vêses desde 1776, e Southey e Walter Scott chamaram-lhe homem de genio. O que esses fizeram para o seculo 17<sup>o</sup> e 18<sup>o</sup>, fizeram-n'ò para o 19<sup>o</sup> Quillinan, este infelizmente só em parte, Aubertin e Richard F. Burton. Emtanto, não leríamos nenhuma dellas com a impressão de que estaríamos a lêr o proprio Camões. Nenhuma é fiel. Todos põem muito do seu no poema. E' mister que appareça um que não empreste ao poeta, mas que lhe faça sem cuidados surgir só, inteiramente só. Onde quer que se deparasse um lanço, em verso inglês, dos traductores precedentes, conforme ao original, esse devêra se preservar. Uma vês alcançada a perfeição seria copiado. A perfeição é o remate. Uma traducção tal dos Lusíadas revelaria ás raças que falam o inglês um Camões muitissimo maior. O verdadeiro painel do Mestre jaz escondido dellas atraz da obra dos seus traductores. Por que não haveria de semelhante versão em prosa partir de Yale? Tendes o homem: Henry R. Lang. Tem o portugûes tal parecença com o espanhol, e ainda que menos, com o italiano, que o leitor, no original, de Cervantes ou Dante, facilmente perceberia, comparando-os, qualquer differença sensível entre o texto portugûes e a traducção. Citarei uma estancia dos Lusíadas em portugûes e em italiano, afim de mostrar a similhaça entre as duas linguas e de ambas com o latim.

**Explica o Poeta o amor de Venus aos portugueses, a quem quer Baccho aniquilar. Lerei primeiro em inglês: *Against Bacchus stands the beautiful Venus, attached to the Lusitan race for the many qualities she found in it of her own beloved Romans: the stout hearts; the brilliant star, showed on the lands of Tanger; and the language, which the more she thinks, the more appears to her, with slight change, to be the Latin.*** I, 33.

Sustentava contra elle Venus bella  
 Sosteneva contro di lui Venere bella  
 Afeiçãoada á gente Lusitana  
 Affezionata alla gente Lusitana  
 Por quantas qualidades via nella  
 Per (tutte) quante (le) qualità vedeva in essa  
 Da antiga tão amada sua romana,  
 Della antica tanto amata sua (gente) Romana:  
 Nos fortes corações, na grande estrella,  
 Nei forti cuori, nella grande estella  
 Que mostraram na terra Tingitana  
 Que (essa) avea mostrata sulla terra Tingitana  
 E na lingua na qual quanto (1) imagina  
 E nella lingua che più vi pensa (quanto imagina)  
 Com pouca corrupção crê que é Latina  
 Con poca (corruzione) differenza crede che sia la Latina.

Seja-me licito dizer algumas palavras acerca de Portugal. Portugal é uma nação que desempenhou saliente papel na Historia, isto é, uma das que realisaram algum destino da humanidade. Em um sentido, pode dizer-se que todos os modernos descobridores vêm da Escola de Sagres e tiveram por patrono o Principe

(1) No original está quanto em vês de quando.

Henrique, o Navegante. Sem falar dos primeiros quais os da Madeira, dos Açores, ilhas do Cabo Verde, foi um português, por nome Bartholomeu Dias, quem converteu o Cabo das Tormentas em Cabo da Bôa Esperança; outro, Vasco da Gama, quem primeiro aportou nas Índias; Pedro Alvares Cabral, quem descobriu o Brazil; e a Magalhães cabe a grande honra da circumnavegação do globo. Sem os descobrimentos portugueses não poderíeis explicar Colombo. A influencia dos navegantes portugueses, foi de todas a que mais actuou sobre elle: deve ter apprendido a vida do mar com elles; casou com a filha de um dos capitães do principe Henrique; viveu algum tempo em Lisbôa, e somente por obra de um ainda não desvendado mysterio, foi que a honra de o coadjuvar na realisação do seu sonho, passou do Rei João II para Fernando e Isabel. Em 1580, todavia, tal éra então a força do principio dynastico que Felipe II, de Espanha, succedeu ao throno de Portugal e a nação desapareceu.

Foi um accidente providencial que os *Lusiadas* viessem a lume na vespera da queda da nação. O resultado, sessenta annos mais tarde, foi a revivescencia da nacionalidade, quasi illesa, em todos os oceanos, e em alguma parte, como no Brazil, até mais engrandecida. Entre 1572, o anno da nascença do Poema, e 1640, quando se deu a restauração, appareceram em Lisbôa, treze edições. Só o titulo já era de si um toque-de-reunir nacional. A obra-prima levantou entre as duas raças da Península uma fronteira nacional, tal qual o faria para a Espanha o *Don Quixote*, se fôra Portugal a



Poema só a historia portugüesa, cumpre comprehender que elle é a um tempo santuario e relicario da nação. Antes de ser poeta, Camões era portugüês, como Dante era italiano e Milton inglês. Comprehende-se porque o mais da sua obra torna-se de somenos interesse para os estrangeiros. Nem foi outro o seu fito. Varios passos ha no poema que somente podem apreciar-se com a alma portugüesa. Em todas as grandes construcções literarias encontra-se necessariamente uma larga parte tambem, que forma meramente a estrutura, o grosso, o tamanho da obra. Não repareis nisso; fazei conta que é a folhagem escura dentro na qual se espalham as flores; ou o baldio que forma a taça em cujo fundo repousa o lago de esmeralda. Muito mais da historia portugüesa converteu o Poeta, com um simples toque da lenda ou do Ideal, em poesia, do que deixou em estado de minerio, se assim me posso exprimir. Nos *Lusiadas* reçuma poesia toda a viagem das náos de Vasco da Gama, de Lisbôa ás Indias; é poesia a versão das origens da nação portugüesa; são-n'o as pelejas com mouros e espanhões; o encontro da rainha Maria com o seu pai D. Affonso IV; a historia de Dona Ignês de Castro; os innumeraveis epitafios escriptos para os bravos que tombam em longes terras pelejando pelo Rei e pela Patria; o itinerario dos enviados de Dom João II á procura de caminho por terra para as Indias; as esculpturas que lavrou em tamanho natural; é poesia cada um dos seus rapidos debuxos do scenario portugüês, ou d'algum apartado dominio da "pequena casa lusitana."



De Africa tem maritimos assentos;  
He na Asia mais que todas soberana;  
Na quarta parte nova os campos ara;  
E se mais mundo houvera la chegara.

VII, 14

A segunda impressão que nos deixam os *Lusiadas* é de ser o Poema do Oceano. Passou Camões annos e annos de vida no mar, ao tempo em que a navegação, assim na bonança, como na tormenta, gerava essa intimidade entre o mar e o navegante, a qual, hoje em dia, que cessou o reinado dos ventos, já é de todo desconhecida. Essa communhão longa, silenciosa e profunda, revela-se quasi em cada estancia. Os *Lusiadas* são um poema para se ler no tombadilho á sombra do velame. A sua acção desenrola-se a bordo. Do oceano hauriu Camões toda a inspiração que este encerra e transmittiu-a aos seus leitores. A seu respeito escreve Alexandre von Humboldt: “Camões abunda em descrições inimitaveis do perenne intercambio do ar com o oceano, das varias formas de nuvens, das mudanças de céu, e dos differentes aspectos da superficie do mar. E’, no sentido mais rigoroso, um pintor de marinhas.” Devereis ler todo este passo no *Cosmos* de Humboldt. Não são porem tanto as descrições, notaveis pela fidelidade e profundo conhecimento da natureza, nos quais se deleitam os naturalistas, o que mais nos encanta no poema, senão as pinceladas, os versos isolados que resumem em um traço toda a poesia do oceano. Tem-se a sensação de estar-se a bordo e tanto assim que a sua leitura é realmente uma viagem, no tocante á

imaginação. Entretanto, nada de mais simples que o seu estylo. Vêde se podeis enxergar nestes versos qualquer artificio, sem esquecer, porem, que os velhos mythos lhe viviam no coração e eram as suas naturais exclamações :

Já no largo Oceano navegavam,  
As inquietas ondas apartando,  
Os ventos brandamente respiravam,  
Das náos as velas concavas inchando :  
Da branca escuma os mares se mostravam  
Cobertos, onde as prôas vão cortando  
As maritimas aguas consagradas,  
Que do gado de Protheo são cortadas.

I, 19.

Adiante :

Tão brandamente os ventos os levavam,  
Como quem o Ceo tinha por amigo :  
Serenos o ar e os tempos se mostravam  
Sem nuvens, sem receio de perigo :  
O promontorio Prasso já passavam  
Na costa da Ethiopia, nome antigo ;  
Quando o mar descobrindo lhe mostrava  
Novas ilhas, que em torno cerca, e lava.

I, 43.

Em nenhum Poema se nos deparam paineis mais perfeitos, em algumas pinceladas, do nascer e do pôr do sol, do luar, de todos os aspectos do oceano, das partidas e regressos das viagens, emfim, de quanto constitue a vida do marinheiro, até a sua sepultura em uma onda.

“Quam facil é ao corpo a sepultura  
Quaesquer ondas do mar ”

v, 83.

A's naus chavama-lhes "aves nadantes."

Haverá português que algum dia tenha visto desaparecer no horizonte a ribeira do Tejo sem que lhe acudisse logo a ultima impressão fixada por Camões?

Já a vista pouco e pouco se desterra  
 Daquelles patrios montes, que ficavam:  
 Ficava o caro Tejo e a fresca serra  
 De Cintra; e nella os olhos se alongavam.  
 Ficava o caro Tejo e a fresca serra  
 O coração, que as magoas lá deixavam;  
 E já, depois que toda se escondeu.  
 Não vimos mais em fim que mar e ceo.

v. 3.

Da Africa Equatorial diz:

Passámos o limite aonde chega  
 O sol, que para o Norte os carros guia,  
 Onde jazem os povos, a quem nega  
 O filho de Clymene a cor do dia.

v, 7.

Aqui vão algumas vinhêtas da manhã e do pôr do sol:

Mas assi como a Aurora marchetada  
 Os formosos cabellos espalhou  
 No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada  
 Ao claro Hyperionio, que acordou,

I, 59.

Mas já a amorosa estrella scintillava  
 Diante do Sol claro no horizonte,  
 Mensageira do dia, e visitava  
 A terra e o largo mar com leda fronte.

VI, 85.

Vêde como se assemêlha ao italiano :

*“Ma già l'amorosa stella scintillava  
Dinanzi al chiaro sol nell'orizonte,  
Messagera del dì e visitava  
La terra e il largo mar con lieta fronte.”*

Os versos dão a mesma impressão fresca, luminosa, alentadora que as palavras de Shakespeare nos lábios de Romeu :

“ *jocund day*  
*Stands tiptoe on the misty mountain top.*”

(Já sobre os alcantis ennevoados está nas pontas dos pés o dia jucundo.)

Ainda acerca de manhã; attentai na belleza inimitavel destes versos :

Iam-se as sombras lentas desfazendo  
Sobre as flores da terra, em frio orvalho;  
II, 92.

Agora o pôr do sol. O sol está chegando :

á desejada e lenta meta  
E da casa maritima secreta  
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo.  
II, I.

E alhures :

Mas já a luz se mostrava duvidosa  
Porque a alampada grande se escondia  
Debaixo do horizonte, e luminosa  
Levara aos antipodas o dia;  
VIII, 44.

A terceira grande impressão é a da formação de Imperio e de potencia maritima. Fez Camões a Portugal o que nunca fez nenhum poeta inglês á sua patria, mas assim obrando para com a sua nação, celebrou toda a expansão colonial da Europa. Os Lusíadas são o

poema da colonisação, dos commettimentos remotos e por conseguinte são o poema da construcção do Novo Mundo. Resume em um só verso toda a lei da immigração, o maior de todos os feitos da historia moderna:

“Que toda terra é patria para o forte.”

Em o seu “Génie des Religions” disse Edgard Quinet que os *Lusiadas* são o poema da alliança do Oriente com o Occidente. “Encontrareis alli por toda a parte, escreve elle, uma alma tão profunda como a do oceano, e que, á similhaça deste, une as duas praias.” Ha sem duvida nos *Lusiadas* uma forte evocação do Levante recém-descoberto, mas o espirito do Oriente fica livre no Poeta de todas as suas influções, não soffre a sua penetração, nem se rende, como Alexandre, aos seus encantos. O Oriente se lhe figura meramente um campo de emprehendimento e acção. As duas praias, que os *Lusiadas* parece destinados a unir, não são as da Europa e Asia, senão as da Europa e America, porque, como se tem amiude dito, elle é o poema do commercio e da industria, o poema da Idade moderna, e em tudo isso, o papel da America é, e ha de ser, mais conspicuo que o da Asia.

A quarta grande impressão é a capacidade creadora, a imaginação. Nada melhor o demonstra, que a maneira por que Camões torna um arido roteiro de bordo em alevantada poesia. Começa a transformação com o sonho de Rei Dom Manuel, a quem apparece o espirito do Ganges e das Indias para annunciar lhe que Portugal regerá as Indias. Segue-se a partida da frota, de Lisbôa, painel em que Camões personifica o

Passado, representado por um velho, *com um saber de experiencias feito*, condemnando todo o processo da remota conquista por cuja obra recêa

“ se despovôe o reino antigo,  
Se enfraqueça e se vá deitando a longe.”  
IV, 101.

Depois de condemnar a politica nacional seguida pelos Reis portuguezes, Camões reproduz em uma imprecação contra toda a audacia humana, as brandas censuras de Horacio (1) em sua Ode ao navio que leva Virgilio a Athenas..

‘ *qui fragilem truci*  
*Comisit pelago artem*  
“*Primus* ”

Oh maldito o primeiro que no mundo  
Nas ondas vela poz em sêcco lenho!  
IV, 102.

Apparece então Adamastor, esse mytho vivo, criação ainda não emparelhada na literatura moderna. Attentai como elle conta a sua historia, quando vê que as suas profecias não fazem com que os portuguezes virem de bordo. Nãs ha no que ides lêr uma só palavra que não pertença ao Poeta. Os oradores gregos paravam para ouvir aos arautos a leitura dos decretos de Athenas. Peço a algum de vós para sêrdes o aranto de Camões:

---

(1) Antonio Ferreira em sua Ode VI, reproduz-as nestes versos:

Quem commetteu primeiro  
Ao bravo mar num fraco páo a vida.  
(N. do T.)

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo  
A quem chamais vós outros Tormentorio;  
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo  
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto promontorio  
Que para o polo Antaretico se estende:  
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fui dos filhos asperrimos da terra,  
Qual Eneclado, Egeo, e o Centimano;  
Chamei-me Adamastor; e fui na guerra  
Contra o que vibra os raios de Vulcano:  
Não que puzesse serra sobre serra;  
Mas conquistando as ondas do Oceano,  
Fui capitão do mar, por onde andava  
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo  
Me fizeram tomar tamanha empreza,  
Todas as deosas desprezei do ceo,  
Só por amar das aguas a princeza:  
Hum dia a vi, co'as filhas de Nereo,  
Sahir nua na praia; e logo preza  
A vontade senti de tal maneira,  
Que inda não sinto cousa, que mais queira.

Como fosse impossibil alcançal-a  
Pela grandeza fêa de meu gesto,  
Determinei por armas de tomal-a,  
E a Doris este caso manifesto:  
De medo a deosa então por mi lhe falla;  
Mas ella c'hum formoso riso honesto  
Respondeu: qual será o amor bastante  
De nymfa, que sustente o d'hum gigante?

Com tudo, por livrarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu buscarei maneira,  
Com que com minha honra escuse o dano:  
Tal resposta me torna a mensageira.  
Eu, que cahir não pude neste engano,  
(Que é grande dos amantes a cegueira)  
Encheram-me com grandes abundanças  
O peito de desejos, e esperanças.

Já nescio, já da guerra desistindo,  
Huma noite de Doris promettida  
Me apparece de longe o gesto lindo  
Da branca Thetis unica despida:  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços para aquella, que era vida  
Deste corpo; e começo os olhos bellos  
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

Oh que não sei de nojo como o conte!  
Que, crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei c'hum duro monte  
De aspero mato, e de espessura brava:  
Estando c'hum penedo fronte a fronte,  
Que eu pelo rosto angelico apertava,  
Não fiquei homem não, mas mudo o quedo,  
E junto d'hum penedo outro penedo.

Oh nymfa a mais formosa do Oceano,  
Já que minha presença não te agrada,  
Que te custava ter-me n'este engano,  
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?  
D'aqui me parto irado, e quasi insano  
Da magoa, e da deshonra alli passada,  
A buscar outro mundo, onde não visse,  
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.



Eram já n'este tempo meus irmãos  
Vencidos, e em miseria extrema postos;  
E, por mais segurar-se os deoses vãos,  
Alguns a varios montes sotopostos:  
E como contra o ceo não valem mãos,  
Eu, que chorando andava meus desgostos,  
Comecei a sentir do fado imigo  
Por meus atrevimentos o castigo.

Converte-se-me a carne em terra dura,  
Em penedos os ossos se fizeram;  
Estes membros que vês, e esta figura  
Por estas longas aguas se estenderam:  
Em fim, minha grandissima estatura  
N'este remoto cabo converteram  
Os deoses; e, por mais dobradas magoas,  
Me anda Thetis cercando d'estas aguas.  
v, 50-59.

E' este o poderoso Espirito do Cabo que viverá  
emquanto a Serra da Meza se apresentar aos humanos  
olhos.

Já Phlegon, e Pyrois vinham tirando  
Co'os outros dous o carro radiante,  
Quando a terra alta se nos foi mostrando,  
Em que foi convertido o grão gigante:  
v, 61.

O ultimo dos grandes frescos, digno da Renascença,  
é a Ilha dos Amôres, que Venus põe no oceano e leva  
pelas ondas, diante dos "segundos Argonautas que o  
Novo Mundo descobrem," para lhes dar os deleites da  
Natureza e do Amôr. Só a Ilha dos Amores é de si  
um poema. Será uma allegoria, como diz o Poeta?  
Ou o disse unicamente por escapar ao Cerbero da  
Inquisição? O sensualismo dessa composição é tão

innocente como o do Eden antes de se perceber a nudez. A belleza do scenario emparelha com a de qualquer outra paysagem em poesia. Toda a tapissaria pudéra servir de modelo para muitos paineis. A *Caça de Diana de Domenichino* parece copiada dahi.

Isso me faz lembrar uma inda maior impressão dos *Lusiadas*: a Renascença. Os *Lusiadas* são o unico poema que a reflecte e resume, o unico escripto sob a sua inspiração. Ha em Lisbôa um interessante manuscrito, datado de 1549, de um pintor portugûes, Francisco de Hollanda, recontando suas praticas com Miguel Anjo, em Roma. Delle só sei de um fragmento trasladado para o francês. Camões nunca se apartou de Portugal, senão para militar na Africa e nas Indias. Entretanto tinha intuição tão perfeita da Renascença, como se houvera sido, qual Francisco de Hollanda, em companhia de Miguel Anjo, Bacio Bandinelli, Perino del Vaga, Salustiano del Pombo, e por derradeiro, mas não somenos, Vittoria Colonna, marquesa de Pascara. Isso prova que um espirito novo é uma onda que a todos empolga. Perino, por exemplo, terá pintado as náos de Enéas e a peleja dos gigantes com Jupiter, na Villa Doria, em Genova, sob os mesmos dictames que Camões debuxou as náos do Gama e a fado de Adamastor. A obra de Camões tem precisamente o character dos ultimos trabalhos de Rafael. Entre a sua Venus, a sua Galatea, o seu Cupido, e os de Rafael, eu, pelo menos, não enxergo differenças. Nunca fui a Farnesina que não tivesse a impressão de que Camões e Rafael foram pintores gemeos. Guardo

no meu *Lusiadas*, como a sua melhor illustração, o painel da Farnesina.

A mythologia dos *Lusiadas* parece uma evolução da antiga, tal qual por ventura se daria se o Paganismo durasse mais dez seculos lado a lado do Christianismo. E' viva. Como Poetica, conservou toda a sua força plastica. Não é um *pastiche*, senão uma perfeita supervivencia. E' Camões muito mais polytheista em invenção, não digo em criticismo, do que Goethe. Disse alguém que sós os Gregos e os Allemães lograram beber á taça das Musas. Nada ha na literatura allemã que se compare com os mythos dos *Lusiadas*. Em parte nenhuma são tão visiveis as Musas como nelle. Nunca teve tamanho esplendor, por exemplo, o reino de Neptuno; nunca no Oceano se reuniu Côte mais brilhante; nunca as ondas carregaram tão bellas nymphas. Os *Lusiadas* são genuinamente o poema de Venus. E' um turibulo no qual ardem, em honra sua, todos os aromas do recém descoberto Oriente.

A sexta grande impressão do Poema é a de estímulo aos mais altos commettimentos da vida. Nos *Lusiadas*, Camões satisfiz as quatro grandes paixões da sua alma, senão a toda ella: Patria, Amôr, Poesia e Acção. Não poderia dar lhe tal vasteza de expansão nem tal intensidade de lustre em nenhum outro campo. E é isso que faz a superioridade dos *Lusiadas* sobre qualquer Epico puramente literario, como guia da vida. O poeta viveu a sua inspiração; a sua obra comprehende poesia e acção da mais alta ordem.

O espirito de acção apparece em cada estancia, a

par do espirito do sublime que a eleva. Em toda esfera humana estão traçadas as linhas que separam as regiões supremas da acção das mais baixas. Dirá, por exemplo, do amôr :

“Que um baixo amor os fortes enfraquece.”

III, 139.

E ao passo que vasa em versos admiraveis a fidelidade e devoção do povo portugûes ao seu monarcha, pondera sem ambages que o povo

“A rei não obedece nem consente  
Que não fôr mais que todos excellente.”

III, 92.

Porque

um fraco rei faz fraca a forte gente.”

III, 138.

De Dom João I diz :

“Joanne a quem do peito o esforço cresce  
Como a Sansão hebreio da guedelha”

IV, 12.

Põe o padrão da coragem acima do da força, quando diz :

“Porque não é das forças Lusitanas  
Temcr poder maior por mais pequeno.”

III, 99.

Diz ainda :

“Nenhum ambicioso que quizesse  
Subir a grandes cargos, cantarei,  
Só por podêr com tôrpes exercicios  
Usar mais largamente de seus vicios.”

VII, 186.

“E que por comprazer ao vulgo errante  
Se muda em mais figuras que Proteio.”

Ib. 187.

Condemna o abuso maligno do poder :

Quem faz injúria vil e sem razão  
 Com forças e poder em que está posto  
 Não vence; que a victoria verdadeira  
 E' saber ter justiça nua e inteira.

x, 58.

Denuncia o Christianismo por desamparar o Santo Sepulchro e exalta a liberdade dos Grêgos, Thracianos, Armenios e Georgianos com maior eloquencia que a de Gladstone.

Oh miseros Christãos, pela ventura  
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,  
 Que huns aos outros se dão a morte dura,  
 Sendo todos de hum ventre produzidos?

vii, 9.

Se cobiça de grandes senhorios  
 Vos faz ir conquistar terras alheas,  
 Não vedes, que Pactolo e Hermo rios,  
 Ambos volvem auríferas areas?  
 Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios,  
 Africa esconde em si luzentes veas :  
 Mova-vos já se quer riqueza tanta,  
 Pois mover-vos não pode a Casa santa.

vii, ii.

Paga o mais insigne tributo ao liberal D. Diniz, Rei-Poeta, pela fundação da Universidade de Coimbra :

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
 O valeroso officio de Minerva;  
 E de Helicóna as Musas fez passar-se  
 A pizar do Mondego a fertil herva.  
 Quanto pode de Athenas desejar-se,  
 Tudo o soherbo Apollo aqui reserva :  
 Aqui as capellas dá tecidas de ouro,  
 Do baccharo, e do sempre verde louro.

iii, 97.

Mas os evangelhos do verdadeiro espirito americano, que se tem chamado a “vida estrenua,” são os versos em que elle canta os feitos dos descobridôres portugêses ao aportarem nas Indias. Aqui reconheceréis o vosso mesmo ideal se um de vós quizer prestar-se a lêr.

Por meio destes horridos perigos,  
Destes trabalhos graves, e temores,  
Alcançam os que são de fama amigos,  
As honras immortais, e grãos maiores:  
Não encostados sempre nos antigos  
Troncos nobres dos seus antecessores,  
Não nos leitos dourados entre os finos  
Animais de Moscovia zebellinos:

Não co'os manjares novos e exquisitos,  
Não co'os passeios moles e ociosos,  
Não co'os varios deleites e infinitos,  
Que afeminan os peitos generosos;  
Não co'os nunca vencidos appetitos,  
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,  
Que não soffre a nenhum, que o passo mude  
Para alguma obra heroica de virtude:

Mas com buscar co'o seu forçoso braço  
As honras, que elle chame proprias suas,  
Vigiando, e vestindo o forjado aço,  
Soffrendo tempestades, e ondas cruas,  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,  
Engolindo o corrupto mantimento,  
Temperado c'hum arduo soffrimento:

E com forçar o rosto, que se enfia,  
A parecer seguro, ledo, inteiro,  
Para o pelouro ardente, que assovia,  
E leva a perna ou braço ao companheiro.  
Desta arte, o peito hum callo honroso cria,  
Desprezador das honras, e dinheiro,  
Das honras, e dinheiro, que a ventura  
Forjou, e não virtude justa, e dura.

Desta arte se esclarece o entendimento,  
Que experiencia fazem repousado;  
E fica vendo, como de alto assento,  
O baixo trato humano embaraçado:  
Este onde tiver força o regimento  
Direito, e não de affectos occupado,  
Subirá (como deve) a illustre mando  
Contra vontade sua, e não rogando.

VI, 95-99.

Desejo apontar-vos mais uma grande impressão. Não é a adversidade requisito imprescindível á atmosfera do alto engenho poetico; mas é mui notavel a relação entre esse e a adversidade, nos tres casos de Dante, Camões e Milton. Se a vida lhe houvera corrido á feição, não teria Camões ido ás Indias, e sem essa viagem, fôra impossivel imaginar os Lusíadas. Houvera porventura produzido um poema igualmente bello, mas nunca tão vibrante. Seria até porventura o poeta da Renascença, se em vês de ás Indias, fôsse á Italia; mas deixaria de ser o poeta nacional que é. Esta é a ultima impressão a que alludi: que através da sua obra vereis a figura do Poeta sempre submissa á acção do destino para a criação dos Lusíadas.

Abre a sua epopéa cheio de entusiasmo, seguro dos

laureis que o hão de coroar. Diz dos seus versos ao rei infante Dom Sebastião:

Vereis amor da patria, não movido  
De premio vil, mas alto, e quasi eterno;  
Que não é premio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno.

I, 10.

E a lua de mel da criação intellectual, do consorcio do genio com a sua obra, dura através da composição de todo o Poema. De onde em onde deparam-se signais de desanimo pela indiferença e ingratição de que é victima. Ao fim do Canto V diz que só o seu amôr da patria é que está obrigando ás Musas a dar na lyra fama e nome a seu heróe, que Calliope não é amiga sua, nem as Tagides deixariam as suas telas de ouro fino para o cantar. Recorda-se por vezes, com sentimento, mas se sente fatalmente vingado, de haver uma vês exposto no pellourinho da sua Epopéa os vicios e abusos nas Indias. E' um pelejador tenaz. Somente quando a sua tarefa está quasi acabada, é que dá mostras de fadiga. Ao começo do ultimo Canto, depois de dizer que está perdendo o gosto de escrever, penetra essa solidão tristonha, e faz lembrar Milton em sua cegueira.

Vão os annos descendo, e já do estio  
Ha pouco que passar até o outono;  
A fortuna me faz o engenho frio,  
Do qual já não me jacto, nem me abono;  
Os desgostos me vão levando ao rio  
Do negro esquecimento, e eterno somno:  
Mas, tu me dá, que cumpra, oh grão Rainha  
Das Musas, co'o que quero á nação minha!

x, 9.



Não estava ainda completo o Poema, e elle lobrigava em seu manuscripto a offuscante riqueza que accumulara durante esses annos de resignado padecimento; dera azas á prosa de Castanheda e João de Barros, de modo que a gloria de Portugal já não seria sepultada na lingua portugueza, e quando torna á Lisbôa, após deseseis annos de desterro, a esperança de um reconhecimento nacional lhe sorri novamente, embora já lhe não aquecendo o coração, como na mocidade. Que decepção! A nação se achava então no seu leito mortuario. Não podia mais sentir a mensagem da immortalidade que lhe elle trazia—não tinha sympathias com os que forcejavam por levar-a a actos heroicos e á fama immorredoira, e elle murmurou o seu: Não mais! não mais!

Nó mais, Musa, nó mais; que a lyra tenho  
Destemperada, e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda, e endurecida.  
O favor, com que mais se accende o engenho,  
Não no dá a Patria, não; que está mettida  
No gosto da cobiça, e na rudeza  
D'uma austera, apagada, e vil tristeza:

x, 156.

Entretanto attentai quão renitente automato da inspiração é o poeta, o creador. Não olha aos proprios padecimentos. As ultimas palavras dos Lusíadas são ainda um appello ao jovem e leviano Rei, Dom Sebastião, já então na maioridade, para passar a Africa e desbaratar os Mouros, de modo que a “já estimada e leda Musa” do poeta pudesse cantar de novo, e o

mundo viesse a vêr no Rei um “Alexandro sem á dita de Achilles ter inveja.” x—156.

A Musa estava satifeita, mas a lyra, espedaçada. Essa é uma das grandes impressões dos *Lusiadas*: a tragedia do genio a trabalhar, perseguido a cinte, de todos os lados.

Senhores, o meu fito foi espertar-vos a curiosidade para os *Lusiadas*, e espero o haver alcançado. Não vim submetter á critica o que uma prescripção immemorial colloca mui acima disso. Ha uma razão para que o genio seja reconhecido só pela turba-multa, e essa é que nella é onde elle vae captar a sua inspiração, que nos devolve ao espirito na poesia, á similhaça das nuvens que restituem á terra em chuva fertilisadora a agua que haurem do oceano. Justamente me acode uma observação de Camões: que a tromba

“As ondas torna as ondas que tomou”

“Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe”

v, 22.

Assim o genio. Guarda comsigo toda a amargura da inspiração, que bebe no oceano da vida. Mas Camões não nos dá cuidados. Tanto que appareceram os *Lusiados*, logo se fez Torquato Tasso o paranypho *del colto e buon Luigi*, que desde então sempre occupou lugar lado a lado desse “*que bebeu tanta da agua Aonia*,” v, 87, e dess’outro, por cital-o mais uma vês,

“ que esclarece toda Ausonia

A cuja vóz altisona e divina

Ouvindo o patrio Mincio se adornece

Mas o Tibre com o som se ensoberbece.”

v, 87.

Acertou elle, como esses, através da poesia, num alvo que até ao rei e ao estadista é defeso, o de imprimir vida immorttal ao espirito da sua raça. Não compareis com os *Lusiadas* a *Divina Comedia*, o *Paraiso Perdido*, *Orlando Furioso* ou *Gerusalemme Liberata*; mas com a *Iliada* e a *Eneida*. Dante vos dá o espirito da *Idade Media*; Ariosto e Tasso tentam inspirar-se de epochas que ja não eram as suas; Milton vai buscar seu assumpto alem da orbita da imaginação humana, ou pelo menos, aonde esta não pudera librar-se com os nossos sentidos; só Camões entre os poetas ficou no terreno que occuparam Homero e Virgilio e mostra que esse terreno é eterno como o em que se erigiu o Parthenon.

Não ha duvida que Camões valeu-se de Virgilio quando por exemplo faz de Venus a protectora dos portuguezes e seus navios, porem renova quanto lhe toma de emprestimo, qual o pintor que trata de assumpto que já inspirou a outrem. Nunca houve engenho humano tamanho que produzisse só de si mesmo. Tomou Virgilio a Homero mais que Camões a Virgilio. A lei do genio é a de Molière: "*Je prends mon bien où je le trouve*"; unicamente lh'o cumpre fazer, por titulo differente e superior, como o fez tão a miúde Shakespeare.

Quem pudéra decidir qual o mais bello, o templo grego ou a cathedral gothica? O mesmo fôra que indagar qual o espectáculo mais encantador — o mar calmo ou revolto pela tempestade? Amamos naturalmente, acima de todas, a figura de Prometheu; a isso

somos forçados como filhos intellectuais seus, mas si consideramos espirito e não coração, força e não beneficencia, não podemos alçar o Prometheu de Eschylo acima do Satan de Milton. Ninguem sabe qual o maior, se Newton, por descobrir a lei do Universo, ou Rafael por receber o condão do bello. As medições intellectuais têm que ser tomadas, assim á profundidade, como á largura e á altura; e cumpre tambem olhar á traça e desenho, á côr, á musica, mas não sós ás palavras.

Senhores, aqui não vim, nem tal pudera ser o meu intento, para entrar em confróntos invejosos. Em parte nenhuma são elles mais descabidos e odiosos que no gôso da Natureza e da Poesia. Espero que lhes nunca dareis credito. A verdadeira lei do criticismo encontra-se na Genesis: “E viu Deus que isto era bom.” Tudo o que está de feito creado, é igualmente bom. Não pode graduar-se a perfeição. Ao tomar por assumpto *o lugar de Camões na literatura*, não visei pô-lo ao lado dos demais poetas para medir lhes as respectivas estaturas, senão unicamente mostrar que Camões é uma dessas summidades immensuraveis da cordilheira immortal dos Creadores.

---

## CAMÕES O POETA LYRICO

---

Conferencia realisada no Collegio Vassar  
aos 21 de Abril de 1909.

O anno passado falei acerca de Camões na Universidade de Yale ; cabe me agora novamente a satisfação de falar a seu respeito e justamente perante a instituição onde elle, como verdadeiro poeta, que sempre recebeu mais inspiração das mulheres que dos homens, desejara de preferencia ancorar a sua fama. O amôr era o pão de cada dia do seu genio ; como poeta, alimentava-se de amôr : nos seus primeiros versos, como cantor das proprias penas e alegrias ; em sua virilidade, como o espelho de sua força sobre a natureza e a humanidade. Tentarei hoje debuxar em traços rapidos a parte que seu culto á mulher desempenha em sua obra. Mas fôra porventura preferivel dizer-vos primeiro o papel que esse culto desempenha na sua vida mesma, e della tenrarei traçar um breve bosquejo.

Tanto se tem escripto a este respeito que até já me parece uma tentativa de vivesecção. E' cruel esse farejar de segredos intimos de um homem em sua vida particular, ou melhor, no olvido, em que elle desejaria os relegasse a sua mais clemente Madonna, para desvendal-os diante de uma posteridade mascarada, tudo só porque elle creou uma obra-prima.

Os principais acontecimentos da vida de Camões podem se resumir assim. Nasceu em 1524, recebeu solida educação em Coimbra sob a tutela do seu tio, Cancellario da Universidade, Frei Bento de Camões. Depois de 1542 passou-se para Lisbôa, fazendo a côrte ás bellezas do Paço, e escrevendo-lhes um mundo de versos, até um dia vir a enamorar-se de véras de uma dellas, uma jovem aia da Rainha. Esse amor motivou-lhe a retirada da capital e o seu alistamento para a Africa, onde foi ferido e perdeu um olho, facto este que o inutilisou para as galanterias. Tornando a Lisbôa feriu um homem em uma briga na rua, foi encarcerado, sómente alcançando a liberdade para ir militar na India. Em 1553 passa ao Oriente, onde vive dezeses annos, do seu 29° ao 45°. E' esse o periodo dos Lusiadas. Em 1559 torna a Lisbôa, após constantes desventuras. Em 1572 saem os Lusiadas á luz do publico. Em 1580 morre Portugal como nação, e, graças a elle, somente por sessenta annos; e elle morre com ella. Essa é a moldura de sua vida. A primeira metade pertence ao Lyrico, a segunda ao Poeta Epico, posto que o Lyrico nunca foi maior na mocidade que sob as primeiras sombras do ocaso.

Ha muitos pontos escuros em sua vida. Em nossos dias, dois homens, um dos quaes acaba de fallecer, têm deligenciado bastante a reconstruil-a, Dr. Theophilo Braga e o allemão, Dr. Wilhelm Storck. Os seus nomes não de ser para sempre associados ao delle, como os do Morgado de Matheus, no primeiro quartel do seculo passado e o do Visconde de Jurumenha, meiado o

mesmo seculo. Fizeram obra de pezo e sobre mão, mas não se pode assegurar que os pontos duvidosos ficassem de uma vês resolvidos. Ao terminar o seculo desenove o Dr. Storck, por exemplo, levantou a idéa de que a até então havida por mãe de Camões, Dona Anna de Sá, era apenas a sua madrasta, tendo lhe fallecido a mãe ao dal-o á luz. Felipe II de Espanha concedeu uma pensão a Dona Anna persuadido que ella era a mãe do poeta, mas o Dr. Storck fia mais da sua propria interpretação de um verso de Camões que de um decreto real do Rei da Espanha. Ambos os livros, de Theophilo Braga e do Dr. Storck, estão repletos de novas concepções dos factos relativos á vida do poeta, todos quasi fundados na lição dos seus poemas e datados e localizados de novo por elles. São mui engenhosas as suas restaurações, mas estou persuadido de que o poeta seria o primeiro a se surprender com os muitos episodios e intenções que ambos lhe attribuem. Devo declarar que falo com o maximo respeito dos seus conhecimentos e trabalhos, aos quais muito devo, mas não posso deixar de notar que ambos se sentem demasiado confiantes em suas prendas divinatorias.

Receio que com o andar dos annos ha uma tal ou qual tendencia para concentrar-se a admiração e tomar-se um homem para representar a literatura de uma epoca ou de um povo. Em mim mesmo noto isso com relação a Camões; mas ainda não cheguei ao periodo de fetchismo de Storck, Theofilo Braga, Burton e outros. Toda obra verdadeiramente prima, deve conter muito cascalho a par do ouro. Em Dante, Milton e

Camões topam-se com alguns passos bem longos e enfadonhos. A falta com certeza é minha, não delles, que o autor lê o que compõe ao lume da sua inspiração; o seu escripto é apenas a sombra do que lhe corre no cerebro ou no coração, e que elle deligencia por reduzir a palavras. Nós outros os lemos sem a luz interior que nos alumie a fonte dos seus pensamentos; recebemos apenas o borralho da inspiração do poeta, o echo dos seus cantos intimos, e os interpretamos cada qual ao nosso modo.

Ha um ponto obscuro na historia de Camões, do mais vivo interesse. A lite entre as cidades que se presumem a sua terra natal interessa apenas aos seus habitantes; a que diz respeito á mulher cujo amôr o inspirou, toca uma classe muito maior, a dos amantes, ou antes, a quantos tem para elles um sorriso. A tradição fixou o nome della como Catharina de Athayde, e a sua posição ou emprego, como Dama da Rainha, Dona Catharina. Infelizmente, parece, havia mais de uma Dona Catharina de Athayde no Paço Real de Lisbôa, duas pelo menos: a filha de Dom Alvaro de Souza, e a de Dom Antonio de Lima. Os principais biografos, inclusive Braga e Storck, são conformes em que a fascinadora do Poeta foi a ultima; os direitos da primeira, todavia, revivesceram dês da publicação de um lanco dos escriptos do seu confessor. A historia com a filha de Antonio de Lima fôra esta: Camões a viu em sua adolescencia, foi expulso da Côrte por dar mostras de lhe querer, e ficou fiel a esse amôr até a morte, a pezar das perseguições que padeceu e do



desdem della. Ella não casou e morreu ainda jovem na Côrte. A historia com a filha de Dom Alvaro de Souza corre assim: Camões amou-a antes della casar-se, o que lhe transtornou a vida por completo e lhe creou valiosos inimigos na Côrte. As perseguições motivaram o seu desterro e alistamento para a Africa. Quando elle torna a Lisbôa é para saber do seu casamento. Dahi a sua rixa com um parente do marido da jovem e o seu embarque para a India, nada mais havendo que o apegasse á patria. Parece mais plausivel a ultima versão: harmonisa mais com o tom dos seus sonetos amatorios, e é a unica explicação para o em que elle se lastima ter sido sacrificado por rival indigno; justifica a aggressão que elle fez em um parente della ao serviço do Rei; explica mais plausivelmente as suas tristezas, a vida que levou, e a sua partida.

Não pode deixar-se de attentar na estranha coincidência de haver Camões salteado a Gonçalo Borges, irmão de Ruy Borges, marido da filha de Dom Alvaro de Souza. E que dizer das suas palavras della ao seu confessor, Frei João do Rosario, do Convento Dominicano do Aveiro, que elle muito frequentava e onde se suppõe jazem os seus restos? E' essa a nota encontrada nos papeis do seu confessor: "E sempre que lhe falava do poeta, exilado por sua causa, respondia-me que não era assim; o seu alto espirito é que o levara ás grandes emprezas em paises remotos." E morreu ella em 1551, durante a estada de Camões na Africa. E' possivel que ignorasse onde elle se achava. A

inquirição do Confessor bem denota que o amôr de Camões era bastante conhecido em torno della, emquanto a sua resposta, ainda que a de uma esposa fiel, que procura pôr cobro ás murmurações, mostra que ella não podia escurecer a sua admiração ao poeta, que a amara em donzella e continuava á amar sem esperança.

Este problema não é de facil solução, visto que os mais bellos versos de Camões fôram escriptos nas Indias e falam de um longo sentimento, ainda vivo, embora subdividido pela resignação e pelo desengano de todas esperanças terrenas, e não padece duvida que, se datas de lapidas tumulares não se alteram, a filha de Dom Alvaro fallecera antes da sua partida para o Oriente. Será possivel que elle não soubesse de sua morte? Uma coisa porem sahe mui clara dos versos de Camões: que a donzella que elle amou tão ardentemente, casou com outro homem, e que elle nunca a cessou de amar.

O amôr de Dante a Beatriz não morreu com o seu casamento; o effeito do seu casamento sobre o poeta foi somente tornar esse amor immortal, retirando-a do seu alcance. Ha muita similhaça no amor de Camões com o de Dante e Petrarca, indicando identica situação. A intensidade do desespero que elle põe nos seus versos fala de um obstaculo mais inexoravel que opposição alheia á vontade de dois amantes. O amôr que elle recebeu e esparge pelos Lusíadas não nasceu de um olhar de uma rapariga, logo após, e para sempre, uma imagem ausente e silenciosa no seu espirito. Fala

de uma completa reciprocidade de dois corações palpitando a um tempo.

Pedindo Wordsworth a um critico para não desdenhar de sonetos, lembra lhe Shakespeare e Camões:

“*Com elles aleviou Camões o seu desterro,*”

e quando Elisabeth Browning procurava um titulo para os seus sonetos amorosos, que velasse por um momento a sua autoria, não o achou melhor que este: *Sonnets from the Portuguese*.<sup>\*</sup> Essas duas reminiscencias bastam para testificar a funda impressão causada entre os poetas na Inglaterra das gerações passadas pelos sonetos de Camões. Alguns delles appareceram no pequeno livro de Lord Strangford, *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens*, editado por John Adams em 1820. A admiração de Robert Southey, demonstrada pela sua propria traducção, muito contribuiu para se pôem lado a lado os poemas amorosos de Camões, de Dante e Petrarca. Assim em Camões, como em Dante, o epico supera inteiramente o lyrico, mas o lyrico não deixa de ser de primeira grandeza. A razão é que a luz epica ou collectiva é do seu natural mais intensa que a lyrica ou a pessoal. Obra assaz consideravel são os versos lyricos de Camões. Ha quem pretenda que ainda sem os Lusiadas fôra ella bastante para assegurar-lhe um posto a par dos maiores poetas. Cuido entretanto que sem os Lusiadas o seu nome, dado o estreito circulo da lingua Portu-

---

<sup>\*</sup>Na serie “The Golden Books” publicada por Borse & Hopkins, New York, encontra-se um volume com esses sonetos. (N. do T.)

guêsa, não competeria com o de Petrarca, e receio que não fôra havido mesmo em Portugal e no Brazil por infinitamente maior que os demais poetas nativos. Não falo por mim, que o colloco em uma esphera solitaria na literatura das duas lingoas irmãs, a Portuguêsa e a Espanhola. Mas quando attento em Dante e Petrarca, quer me parecer que elles fecharam o cyclo dos sonetos amatorios, e que tudo mais que appareceu após elles, ou está implicado, ou em germen em suas obras. De feito, o soneto de Dante.

Tanto gentile e tanto onesta pare  
La donna mia, quand'ella altrui saluta

fica acima de todos os sonetos amorosos, como o limite nunca mais accessivel e que se afasta com cada nova geração de poetas que passa. Cuido que viria a ponto relembrar-vol-o, suppondo que elle vos virá a ser um amigo de toda a vida, como o foi da minha:

Tanto gentile e tanto onesta pare  
La donna mia, quand'ella altrui saluta  
Che ogni lingua divien, tremando, muta  
E gli occhi non ardiscon di guardare.

Elle sen va, sentendosi laudare  
Benignamente d'umiltá vestuta;  
E par che sia una cosa venuta  
Di cielo in terra a miracol mostrare.

Mostrasi si piacente a chi la mira  
Che dá per gli occhi una dolcezza al core,  
Che intender non la puó chi no la prova.

E par che della sua labbia si muova  
Uno spirto suave e pien d'amore  
Che va dicendo all'anima: sospira!

E' todavia uma esplendida colheita a que foi semeada pelos lyricos italianos do inicio da Renascença, e em nenhuma parte produziu flores tão semelhantes ás primitivas como nos versos de Camões. Não posso associar Shakespeare com elles, que Shakespeare forma um mundo áparte, inteiramente uma nova projecção em todo o dominio da Poesia; mas Dante, Petrarca e Camões são do mesmo padrão divino: a alma poetica do primeiro resôa por inteiro na do segundo, e o espirito de ambos vibra no terceiro e se espalha entre os homens. Camões, como lyrico, é o eco de Dante e Petrarca, não o echo dos seus cantos, senão das suas melopéas. Os tres formam uma cadeia unica na Poesia. Destacaram-se do mesmo côro, em que se terão reunido novamente.

Eis aqui um dos seus sonetos, descrevendo a sua primeira impressão de não ser mais livre. Foi num Templo, como Petrarca, em Sexta Feira Santa.

O culto divinal se celebrava  
No templo donde toda criatura  
Louva o Feitor divino, que a feitura  
Com seu sagrado Sangue restaurava.

Amôr alli, que o tempo me aguardava  
Onde a vontade tinha mais segura  
Com uma rara e angelica figura  
A vista da razão me salteava.

Eu, crendo que o lugar me defendia  
De seu livre costume, não sabendo  
Que nenhum confiado lhe fugia;

Deixei me captivar; mas hoje vendo  
 Senhora, que por vosso me queria,  
 Do tempo que fui livre me arrependo.

LXXVII.

Essa idéa do amôr se esconder nos olhos de alguém  
 que nos attrahe, para saltar de um lance a sua presa,  
 de quando em quando surde em seus versos sob diffe-  
 rente forma.

Está o lascivo e doce passarinho  
 Com o biquinho as pennas ordenando;  
 O verso sem medida, alegre e brando,  
 Despedindo no rustico raminho.

O cruel caçador, que do caminho  
 Se vem calado e manso desviando  
 Com prompta vista a setta endireitando  
 Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.

Dest'arte o coração que livre andava  
 (Posto que ja de longe destinado)  
 Onde menos temia foi ferido.

Porque o frecheiro cego me esperava  
 Para que me tomasse descuidado  
 Em vossos claros olhos escondido.

xxx.

E' esse o costumeiro tom dos seus sonetos: louvores  
 e queixumes, caricias e temores.

Está-se a Primavera trasladando  
 Em vossa vista deleitosa e honesta;  
 Nas bellas faces e na bocca e testa,  
 Cecens, rosas e cravos debuxando,

De sorte, vosso gesto matisando  
Natura quanto pode manifesta,  
Que o monte, o campo, o rio e a floresta  
Se estão de vós, senhora, namorando.

Se agora não quereis que quem vos ama  
Possa colher o fructo destas flores,  
Perderão toda graça os vossos olhos.

Porque pouco aproveita, linda Dama  
Que semeasse o Amor em vós amores  
Se vossa condição produz abrolhos.

Comparai com este :

Tornai essa brancura á alva assucena  
E essa purpurea côr ás puras rosas ;  
Tornai ao sol as chammas luminosas  
Dessa vista que a roubos vos condemna.

Tornai á suavissima sirena  
Dessa vós as cadencias deleitosas ;  
Tornai a graça ás Graças, que queixosas  
Estão de a ter por vós menos serena.

Tornai á bella Venus a belleza ;  
A' Minerva o saber, o engenho, e a arte ;  
E a pureza á castissima Diana.

Despojai-vos de toda essa grandeza  
De dôes ; e ficareis em toda parte  
Comvosco só, que é só ser inhumana.

Estuda agora a natureza do amor em seu proprio  
coração e os seus enleiantes contrastes :

Amor é um fogo que arde sem se ver ;  
E' ferida que dóe e não se sente ;  
E' hum contentamento descontente ;  
E' dôr que desatina, sem doer.

E' um não querer mais que bem querer  
 E' solitario andar por entre a gente;  
 E' um não contentar-se de contente;  
 E' cuidar que se ganha em se perder.

E' um estar-se preso por vontade;  
 E' servir a quem vence o vencedor;  
 E' um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode o seu favor  
 Nos mortais corações conformidade  
 Sendo a si tão contrario o mesmo amor?

Eis aqui outro que pertence á metafysica do amôr,  
 á essencia do Platonismo. E' composto sobre o motivo  
 Petrachiano:

*L'amante nel amato si transforme.*  
 Transforma-se o amador na cousa amada  
 Por virtude do muito imaginar:  
 Não tenho logo mais que desejar  
 Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nella está minha alma transformada  
 Que mais deseja o corpo de alcançar?  
 Em si somente pode descansar  
 Pois com elle tal alma está liada.

Mas esta linda pura semidéa  
 Que como o accidente em seu sujeito  
 Assi com alma minha se conforma,

Está no pensamento como idéa;  
 E o vivo e puro amor de que son feito  
 Como a materia simples busca a forma.



Elle parece o cysne cada dia prestes a entoar o derradeiro canto:

O cysne quando sente ser chegada  
A hora que põe termo á sua vida,  
Harmonia maior com vós sentida  
Levanta por a praia inhabitada

Deseja lograr vida prolongada  
E dura está chorando a despedida;  
Com grande saudade da partida,  
Celebra o triste fim desta jornada.

Assim, senhora minha, quando eu via  
O triste fim que davam meus amores  
Estando posto já no extremo fio;

Com mais suave accento de harmonia  
Descantei por os vossos desfavores  
La vuestra falsa fé, y el amor mio.

XLIII.

Agora este outro, que bem mostra quanto bebia constantemente na natureza toda a poesia que elle torna em cadencias amorosas:

A formosura desta fresca serra  
E a sombra dos verdes castanheiros  
O manso caminhar destes ribeiros  
Donde toda a tristeza se desterra:

O rouco som do mar a estranha terra  
O esconder do sol pelos oiteiros  
O recolher dos gados derradeiros,  
Das nuvens pelo ar a branda guerra:

Em fim tudo que a rara natureza  
Com tanta variedade nos offerece  
Me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti tudo me enoja e me aborrece;  
 Sem ti perpetuamente estou passando  
 Nas mores alegrias, mor tristeza.

CCLXXI.

Agora temos um dos mais bellos dos seus sonetos, o que reconta a sua separação da sua amada, se para sempre ou se por dias, ninguem o sabe. E' o soneto 24 das suas Rimas. O soneto refere-se, segundo Braga, á manhã do seu desterro de Lisbôa, e segundo Storck, á manhã da sua partida para as Indias; mas ha mister grandes acontecimentos para que dois amantes ao apartar-se derramem torrentes de lagrymas? A mais breve separação não lhes parece sempre bastante tragica, sem nenhuma idéa de perseguição e exilio? E' esse um ponto que os amantes podem julgar melhormente que os criticos. A ajuisar pelo soneto, tratava-se de uma separação em que tudo se perdêra, excepto o amôr.

Aquella triste e leda madrugada  
 Cheia toda de magna e de piedade  
 Em quanto houver no mundo saudade  
 Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena e marchetada  
 Sahia, dando á terra claridade,  
 Viu apartar-se de uma outra vontade  
 Que nunca poderá ver-se apartada.

Ella só viu as lagrimas em fio,  
 Que de uns e outros olhos derivadas,  
 Juntando-se formaram largo rio.

Ella ouviu as palavras maguadas  
 Que puderam tornar o fogo frio,  
 E dar descanso ás almas condemnadas.

Aqui tereis visto a sua força, a sua vehemencia, a sua faculdade de tocar os corações, em tão alto gráo que mal se comprehende como tanta emoção pode conter-se em tão poucas linhas.

Lerei outro no mesmo tom, ainda que com uns laivos de resignação que nasce—coisa estranha—da perda de todas esperanças.

Que poderei do mundo já querer  
Pois no mundo em que puz tamanho amor,  
Não vi senão desgosto e desfavor,  
E morte, em fim, que mais não pode ser?

Pois me não farta a vida de viver,  
Pois ja sei que não mata grande dôr,  
Se houver que magoa dê maior  
Eu a verei, que tudo posso ver.

A morte, a meu pesar me assegurou  
De quanto mal me vinha: ja perdi  
O que a perder o medo me ensinou.

Na vida desamor somente vi;  
Na morte a grande dôr que me ficou  
Parece que para isto só nasci.

E para rematar vai agora o seu celebre soneto “Alma minha gentil...” havido pelo mais bello de todos. A historia, como atraz fica dito, com a filha de Dom Antonio de Lima, faz Camões deixar Portugal, durante a vida della, e escrever este soneto sobre a sua morte annos depois. Braga pretende que elle o escrevera pelo anno de 1561. Se esse soneto fosse escripto na India sobre a noticia retardada da morte daquella que elle vira por ultimo alguns annos atraz,

os versos teriam mais o caracter de uma reminiscencia que dum amôr ardente, e conteriam provavelmente alguns indicios das suas peregrinações e da grande obra que o então absorvia.

Este soneto tem sido amiúde traduzido em verso inglês. Os dois primeiros versos são quasi iguais aos primeiros do soneto de Petrarca :

Quest'anima gentil che si departe  
Anzi tempo chiamata al altra vita.....

mas se abre similhantemente, desenvolve-se e fecha de modo inteiramente diverso :

Alma minha gentil que te partiste  
Tão cedo desta vida descontente,  
Repousa la no ceo eternamente,  
E viva eu ca na terra sempre triste.

Se la no assento Ethereo, onde subiste  
Memoria desta vida se consente,  
Não te esqueças daquelle amôr ardente,  
Que ja nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
Alguma coisa a dôr que me ficou  
Da magoa sem remedio de perder-te.

Roga a Deus, que teus annos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te  
Quão cedo de meus olhos te levou.

A melodia deste pequeno poema não pode ser excedida em nossa lingua : aqui o sentimento predominante da raça, a *saudade*, encontra a sua perfeita expressão.

Eu não devo retirar me do Vassar College sem tentar plantar aqui a palavra *saudade*. Nos poemas que

vos li, ella eccorreu varias vêses, mas como trasladar um sentimento que não se exprime com uma só palavra em outra qualquer lingua? Essa nossa palavra, temol-a pela mais bella da nossa fala; considermol-a a gemma da linguagem humana. Exprime as tristes recordações e as suas continuas esperanças. Os tumulos levam esta inscripção *saudade*; a mensagem dos amantes é *saudade*; *saudade* é a epistola dos ausentes ao seu paiz e aos seus amigos. Como vêdes, *saudade* é a sempreviva do coração, prêsa ás suas ruinas e a crescer na solidão. Para traduzir-lhe o sentido haverieis de tomar quatro palavras inglêsas: *remembrance, love, grief e longing*. Sem qualquer dellas não lograrieis exprimir fielmente o sentimento. Entretanto *saudade* é simplesmente uma nova forma, polida pelas lagrimas, da palavra *soledade*, solidão, assim como nossa palavra *adeus, adieu*, é a sobrevivencia de duas outras, antigamente empregadas ás despedidas: *A Deus, A Dieu*. *Recommendo-te a Deus*. *Saudade* é o sentimento da solidão, de após a perda do que nos alegrava o peito: a patria, a casa, os amigos, quem quer que amemos ou tenhamos amado, seja a separação breve, ou seja a morte. Dahi a infinita escala de palavras para exprimir todos os estados do espirito caracterisados pelo vacuo que deixa em nossa alma a ausencia da coisa amada. E' caso singular que só uma raça humana haja distillado da palavra *solitude* as suas impressões sobre o coração; que só uma raça possúa uma palavra para significar o pezar da perda ou ausencia, meiado do desejo de tornar a vêr, e que

só uma traga constantemente nos labios essa palavra. A palavra inglêsa *longing* terá sido uma tentativa para exprimir-se esse sentimento em uma palavra comprehensivel, não tomada de solidão, senão da palavra “longe,” mas não alcançou em inglês o mesmo triumpho que em português, talvez por não ser a vossa raça do seu natural nostalgica. “Longing” não é com effeito a moeda corrente costumeira da vossa lingua, ao passo que “saudade” é a alma, a essencia da portuguesa, influindo-lhe o aroma de um vergel de violetas. Essa palavra, de si só, basta para mostrar a natureza solitaria da raça, a sua nostalgia, o seu apêgo ás primeiras impressões, a sua natural tristeza, essa dos que desdenham de qualquer coisa futura que não tenha raizes no passado.

Dos versos de fantasia folgazã de Camões, a *Carta a uma Dama* vos dará uma idea sufficiente. São puras facecias, mas mostram como a sua imaginação era activa assim nas recreiações do seu coração como em seus padecimentos.

Escrevem varios Authores  
Que junto da clara fonte  
Do Ganges, os moradores  
Vivem dos cheiros das flores  
Que nascem naquelle monte.  
Se os sentidos podem dar  
Mantenimento ao viver  
Não é logo de espantar  
Se estes vivem de cheirar  
Que viva eu só de vos ver.

Huma arvore se conhece  
Que na geral alegria  
Ella tanto se entristece  
Que, como é noite, floresce  
E perde as flores de dia,  
Eu qu'em ver-vos sinto o preço  
Que eu vossa vista consiste,  
Em a vendo m'entristeço,  
Porque sei que não mereço  
A gloria de ver-me triste.

Um Rei de grande poder  
Com veneno foi criado  
Porque sendo costumado  
Não lhe podesse empecer,  
Se depois lhe fosse dado.  
Eu que criei de pequena  
A vista a quanto padece,  
Desta sorte m'acontece  
Que não me faz mal a pena  
Senão quando me fallece.

Quem da doença Real  
De longe enfêrmo se sente  
Por segredo natural  
Fica são vendo somente  
Hum volatil animal.  
Do mal que Amor em ni cria  
Quando aquella Phenix vejo  
São de todo ficaria;  
Mas fica me hydropesia  
Que quanto mais, mais desejo.

Querendo Amor sustentar-se  
Fez uma vontade esquiva  
Duma estatua namorar-se:  
Despois, por manifestar-se  
Converteu-a em mulher viva.  
De quem me irei eu queixando  
Ou quem direi que me engana  
Se vou seguindo e buscando  
Huma imagem que d'humana  
Em pedra se vai tornando?

Duma fonte se sabia  
Da qual certo se provava  
Que quem sobre ella jurava  
Se falsidade dizia  
Dos olhos logo cegava.  
Vós que minha liberdade,  
Senhora, tyranisais,  
Injustamente mandais,  
Quando vos fallo verdade,  
Que vos não possa ver mais.

Da palma se escreve e canta  
Ser tão dura e tão forçosa  
Que pêso não na quebranta.  
Mas antes de presunçosa  
Com elle mais se levanta.  
Co' o pêso do mal que dais  
A constancia qu'em mi vejo  
Não somente m'a dobrais  
Mas dobra-se meu desejo  
Com qu'então vos quero mais.



Se alguém os olhos quizer  
As andorinhas quebrar  
Logo a mãe sem se deter  
Huma herva lhe vai buscar  
Que lhes faz outros nascer.  
Eu que os olhos tenho attento  
Nos vossos qu'estrellas são  
Cegão-se os do entendimento  
Mas nascem-me os da razão  
De folgar com meu tormento.

La para onde o sol sahe  
Descobrimos navegando  
Hum novo rio admirando,  
Que o lenho que nelle cave  
Em pedra se vai tornando.  
Não se espantem disto as gentes;  
Mais razão será que espante  
Um coração tão possante  
Que com lagrymas ardentes  
Se converte em diamante.

Pode um mudo nadador  
Na linha e cana influir  
Tão venenoso vigor  
Que faz mais não se bulir  
O braço do pescador.  
Se começo de beber  
Deste veneno excellente  
Meus olhos sem se deter  
Não se sabem mais mover  
A nada que se apresente.

Quantos contrarios consente  
Amor por mais padecer!  
Que aquella vista excellente  
Que me faz viver contente  
Me faça tão triste ser!  
Mas dou este entendimento  
Ao mal que tanto me offende  
Como na vela s'entende  
Que se se apaga com o vento  
Co'o mesmo vento se ascende.

Escreveu Camões também Canções, *Canzones*, como os poetas italianos. Nestas elle não sendo obrigado a um pequeno numero de versos, deixava a sua inspiração correr á larga. São longos soliloquios acerca de seus amôres, suas esperanças, seus desejos, e em parte nenhuma o seu espirito penetrante e melodioso apparece tão claro.

Uma das mais bellas é a Canção X, escripta no Oriente, na costa arabica. Lerei alguns passos. Braga considera-a “a mais profunda expressão da dôr humana.” Eu não diria isso, depois dos *Psalms* e do *Livro de Iob* e da *Divina Comedia*; não comparo os soffrimentos do amôr com as tragedias reais da alma; mas concedo que essa especie de dôr que um amôr infeliz produz nunca foi exprimida de um modo tão harmonioso e tocante.

Aqui a alma captiva  
Chagada toda, estava em carne viva  
De dores rodeada e de pezares,

Desamparada e descoberta aos tiros  
Da soberba Fortuna;  
Soberba, inexoravel e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,  
Nem esperança alguma, onde a cabeça  
Hum pouco reclinasse por descanso;  
Tudo dôr lhe era e causa que padeça  
Mas que pereça não; porque passasse  
O que quiz o destino nunca manso.  
Oh que este irado mar gemendo amanso!  
Esses ventos da vós importunados,  
Parece que se enfreiam;  
Somente o Ceo severo,  
As estrellas e o fado sempre fero  
Com meu perpetuo damno se reereiam;  
Mostrando-se potentes e indignados  
Contra um corpo terreno,  
Bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse  
Saber inda por certo que algum' hora  
Lembrava a huns claros olhos que ja vi;  
E se esta triste voz, rompendo fora  
As orelhas angelicas tocasse,  
Daquella em cuja vista ja vivi;  
A qual tornando um pouco sobre si,  
Revolvendo na mente pressurosa  
Os tempos ja passados  
De meus doces errores,  
De meus suaves males e furores,  
Por ella padecidos e buscados.  
E (pôsto que ja tarde) piedosa  
Hum pouco lhe pesasse  
E la entre si por dura se julgasse.

Isto só que soubesse me seria  
Descanso para a vida que me fica;  
Com isto affagaria o soffrimento  
Ah Senhora! Ah Senhora! E que tão rica  
Estais, que cá tão longe d'alegria  
Me sustentais com doce fingimento!  
Logo que vos figura o pensamento,  
Foge com todo o trabalho e toda a pena.  
Só com vossas lembranças  
Me acho seguro e forte  
Contra o rosto feroz da fera morte;  
E logo se me juntam esperanças  
Com que a frente, tornada mais serena,  
Torno os tormentos graves  
Em saudades brandas e suaves.

Aqui com ellas fico perguntando  
Aos ventos amorosos que respiram  
Da parte donde estais, por vós Senhora;  
As aves que alli vôam se vos viram  
Que fazieis, que estaveis praticando;  
Onde, como, com quem, que dia e que hora.  
Alli a vida cansada se melhora  
Toma espiritos novos, com que vença  
A fortuna e trabalho  
Só por tornar a vêr vos,  
Só por ir a servir vos e querer-vos;  
Mas o desejo ardente, que detença  
Nunca soffreu sem tento  
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.

Assi vivo; e se alguem te perguntasse  
Canção porque não mouro  
Podes lhe responder: que porque mouro.

Somos chegados á Canção Undecima, sem duvida nenhuma o seu mais alto padrão de poeta do amôr. Haveis de considerar antes de tudo a grande differença que vai entre um poema português e uma traducção inglêsa, de mais a mais, feita por estrangeiro que apprehendeu vossa lingua ao acaso, e então julgareis por vós mesmos se elle merece ou não os gabos dos seus admiradores. Dr. Wilhelm Storck, o seu coryfeu allemão, qualifica esta canção “a rainha de todas as Canções de quantos poetas precederem ou succederam a Camões ou floresceram no seu tempo.” Richard Burton, seu coryfeu inglês, é do parecer do Morgado de Matteus, um dos adoradores portuguezes do poeta, que a canção

*“Vinde cá meu tão certo Secretario”*

e mais duas outras são superiores ás mais bellas Canções de Petrarca. Eu não gosto de estabelecer confrontos entre obras primas. Qualquer qualificação exprime apenas o capricho pessoal do critico. Para aquilatar comparativamente a inspiração das mais bellas canções de Petrarca e Camões, só um poeta superior a ambos, e dotado tanto das mesmas prendas quanto do espirito das suas Idades e das suas linguas. Um critico pode ser a pessoa menos presunçosa deste mundo, mas a sua profissão, mais que a do juiz, porque elle faz as suas proprias leis, é do seu natural uma presunção de superioridade. Admiração de caso pensado nunca é um tributo tão perfeito como a inconsciente, a que não sabe onde principia nem onde acaba.

Contento-me com declarar que a Canção Undecima se me figura um tal raptó de harmonia como os mais bellas que já resoaram de humano instrumento; que nunca a Poesia manou lagrimas mais puras que as que hão de para sempre tremeluzir nestes versos.

Viude ca meu tão certo Secretario  
 Dos queixumes que sempre ando fazendo,  
 Papel com que as penas desaffogo,  
 As semrazões digamos, que vivendo  
 Me faz o inexoravel e contrario  
 Destino, surdo a lagrimas e a rôgo,  
 Lancemos agua pouca em muito fôgo  
 Accenda-se com gritos hum tormento  
 Que a todas as memorias seja estranho.  
 Digamos mal tamanho  
 A Deus, ao mundo, a gente, emfim ao vento  
 A quem ja muitas vezes o contei,  
 Tanto debalde como o conto agora,  
 Mas já que para errores fui nascido  
 Vir este a ser um delles não duvido.  
 E pois já de acertar estou tão fora  
 Não me culpem tambem se nisto errei.  
 Se quer este refugio só terei,  
 Fallar e errar, sem culpa, livremente  
 Triste quem de tão pouco está contente.

Já me desenganei que de queixar-me  
 Não se alcança remedio; mas quem pena  
 Forçado lhe é gritar, se a dor é grande  
 Gritarei; mas é debil e pequena  
 A vóz para poder desabafar-me;  
 Porque nem com gritar a dor se abrande  
 Quem me dará se quer que fóra mande.

Foi minh'ama uma fera; que o destino  
Não quiz que mulher fosse a que tivesse  
Tal nome para mi; nem a haveria.  
Assi criado fui, porque bebesse  
O veneno amoroso de menino,  
Que na maior idade beberia  
E por costume não me mataria.  
Logo então vi a image e semelhança  
Daquella humana fera tão formosa,  
Suave e venenosa,  
Que me criou aos peitos da esperança;  
De quem eu vi depois o original,  
Que de todo os grandes desatinos  
Faz a culpa soberba e soberana.  
Parece me que tinha forma humana,  
Mas scintilava espiritos divinos.  
Hum meneio e presença tinha tal  
Que se vangloriava todo o mal  
Na vista della: a sombra co'a viveza  
Excedia o poder da natureza.

Que genero tão novo de tormento  
Teve Amor, sem que fosse não somente  
Provado em mi, mas todo executado?  
Implacaveis durezas que ao fervente  
Desejo que dá força ao pensamento,  
Tinham do seu proposito abalado.  
E corrido de vêr-se e injuriado:  
Aqui sombras fantasticas trazidas  
D'algumas temerarias esperanças;  
As bemaventuranças  
Tambem nellas pintadas e fugidas,  
Mas a dor do desprêso recebido  
Que todo o fantasiar desatinava,  
Estes enganos punha em desconcerto.

Aqui o advinhar, e o ter por certo  
Que era verdade quanto advinhava,  
Lagrimas e suspiros infinitos,  
Iguais ao mal que dentro na alma mora?  
Mas quem pode algum'hora  
Medir o mal com lagrimas ou gritos?  
Direi enfim aquillo que me ensinam  
A ira, a magoa, e dellas a lembrança,  
Que outra dôr he por si mais dura e firme;  
Chegai, desesperados, para ouvir-me;  
E fujam os que vivem d'esperança  
Ou aquelles que nella se imaginam;  
Porque Amor e Fortuna determinam  
De lhes deixar poder para entenderem.  
A' medida dos males que tiverem.

Quando vim da materna sepultura  
De novo ao mundo, logo me fizeram  
Estrellas infelices obrigado:  
Com ter livre alvedrio m'ô não deram;  
Que eu conheci mil vezes na ventura  
O melhor, e o peor segui forçado.  
E para que o tormento conformado  
Me dessem com a idade, quanto abrisse,  
Inda menino, os olhos brandamente,  
Mandam que deligente  
Hum menino sem olhos me ferisse.  
As lagrimas da infancia já manavam  
Com uma saudade namorada;  
O som dos gritos que no berço dava  
Já como de suspiros me soava,  
Co'a idade e fado estavam concertado:  
Porque quando por caso me embalavam  
Se d'Amor tristes versos me cantavam  
Logo me adormecia a natureza;  
Que tão conforme estava com a tristeza!



E logo o desdizer-se de corrido ;  
Dar ás cousas que via outro sentido ;  
E para tudo, emfim, buscar razões :  
Mas eram muitas mais as semrazões.

Não sei como sabia estar roubando  
Co'os raios as entranhas, que fugiam  
Par'ella por os olhos subtilmente!  
Pouco a pouco invisiveis me sabiam ;  
Bem como do veo humido exhalando  
Está o subtil humor o sol ardente.  
O gesto puro, emfim, e transparente  
Para quem fica baixo e sem valia  
Este nome de bello e de formoso ;  
O doce e piedoso  
Mover d'olhos, que as almas suspendia  
Foram as hervas magicas que o ceo  
Me fez beber, as quaes por longos annos  
Noutro ser me tiveram transformado,  
E tão contente de me ver trocado  
Que as maguas enganava com os enganos ;  
E diante dos olhos punha o veo  
Que m'encobrisse o mal que assi cresceu :  
Como quem com affagos se criava  
Daquella para quem crescido estava.

Pois quem pode pintar a vida ausente,  
Com um descontentar me quanto via  
E aquelle estar tão longe donde estava ;  
O fallar sem saber o que dizia ;  
Andar sem ver por onde e juntamente  
Suspirar sem saber que suspirava ?  
Pois quando aquelle mal me atormentava  
E aquelle dôr que das Tartareas agoas  
Sahi no mundo, e mais que todas dôe  
Que tantas vezes sóe  
Duras iras tomar em brandas magoas ?

Agora com o furor da magoa irado,  
Querer, e não querer deixar de amar;  
O desejo privado de esperança  
Que tão mal se podia já mudar?  
Agora a saudade do passado  
Tormento puro, doce e magoado,  
Que converter fazia estes furores  
Em magoadas lagrimas d'amores?

Que desculpas comigo só buscava  
Quando o suave Amor me não soffria  
Culpa na cousa amada e tão amada!  
Eram enfim remedios que fingia  
O medo do tormento qu'ensinava  
A vida a sustentar-se de enganada.  
Nisto uma parte della foi passada;  
Na qual se tive algum contentamento  
Breve, imperfeito, timido, indecente  
Não foi senão semente  
Dum comprido amarissimo tormento.  
Este curso continuo de tristeza  
Esses passos vãamente derramados  
Me foram apagando o ardente gosto  
Que tão de siso n'alma tinha posto  
Daquelles pensamentos namorados  
Com que criei a terra natureza  
Que do longo costume da aspereza,  
Contra quem força humana não resiste  
Se converteu no gosto de ser triste.

Dest'arte a vida em outra fui trocando;  
Eu não, mas o destino fero, irado;  
Qu'eu, inda assi, por outra não trocara,  
Fez me deixar o patrio ninho amado,  
Passando o longo mar, que ameaçando  
Tantas vezes me esteve a vida chara.

Agora, experimentando, a furia rara  
Que nos olhos, quiz que logo  
Visse e tocasse o acerbo fructo seu.  
E neste escudo meu  
A pintura verão do infesto fogo.  
Agora peregrino, vago, errante  
Vendo nações, linguagens e costumes  
Ceos varios, qualidades differentes,  
Só por seguir com passos deligentes  
A ti, Fortuna injusta, que consumes  
As idades, levando lhes diante  
Huma esperança em vista de diamante:  
Mas quando das mãos cahe se conhece  
Que he fragil vidro aquillo que apparece.

A piedade humana me faltava  
A gente amiga já contraria via,  
No perigo primeiro; e no segundo  
Terra em que pôr os pés me fallecia.  
Ar que respirar se me negava  
E faltava me, emfim, o tempo e o mundo.  
Que segredo tão arduo e tão profundo  
Nascer para viver e para a vida  
Faltar-me quanto o mundo tem para ella!  
E não poder perdê-la  
Estando tantas vezes já perdida!  
Emfim não houve trance da fortuna  
Nem perigos, nem casos duvidosos,  
Injustiças daquelle que o confuso  
Regimento do mundo, antigo abuso,  
Fez sobre os outros homens poderosos,  
Que eu não passasse atado á fiel coluna  
Do soffrimento meu, que a importuna  
Perseguição dos males em pedaços  
Mil vezes fez á força dos seus braços.

Não conto tantos males, como aquelle  
Que depois da tormenta procellosa,  
Os casos della conta em pôrto ledo;  
Qu'inda agora a fortuna fluctuosa  
A tamanhas miserias me compelle,  
Que de dar um só passo tenho mêdo.  
Ja de mal que me venha não me arredo  
Nem bem que me falleça já pretendo;  
Que para mim não val astucia humana.  
De força soberana  
Da Providencia, emfim, Divina pendo,  
Isto que cuido e vejo ás vezes tomo  
Para consolação de tantos danos,  
Mas a fraqueza humana, quando lança  
Os olhos no que corre, e não alcança  
Senão memoria dos passados annos;  
As aguas que então bêbo, e o pão que como,  
Lagrimas tristes são, qu'eu nunca domo,  
Senão com fabricar na fantasia  
Fantasticas figuras d'alegria.

Que se possivel fosse que tornasse  
O tempo para traz, como a memoria,  
Por os vestigios da primeira idade;  
E de novo tecendo a antiga historia  
Dos meus doces errores, me levasse  
Por as flores que vi da mocidade;  
E a lembrança da longa saudade  
Então fosse maior contentamento,  
Vendo a conversação leda e suave  
Onde huma e outra chave  
Esteve do meu novo pensamento,  
Os campos, as passadas, os sinais,  
A vista, a neve, a rosa, a formosura,  
A graça, a mansidão, a cortezia,

A singela amisade que desvia  
Toda baixa tenção, terrena, impura  
Como a qual outra alguma não vi mais...  
Ah vãs memorias! onde me levais  
O debil coração, qu'inda não posso  
Domar bem este vão desejo vosso?

Nó mais, Canção, nó mais; qu'irei fallando  
Sem o sentir mil annos; e se acaso  
Te culparem de larga e de pesada;  
Não pode ser (Ihe dize) limitada  
A agoa do mar em tão pequeno vaso.  
Nem eu delicadezas vou cantando  
Co'o gôsto de louvor, mas explicando  
Puras verdades já por mi passadas.  
Oxala foram fabulas sonhadas!

Cuido já haver hoje lido de Camões o bastante para vos persuadir que elle merece de feito ser contado entre os maiores poetas lyricos. Creio que as gemmas de sua poesia aqui apresentadas, perdurarão emquanto durarem outras alfaias literarias da humanidade. Nos tempos que correm as leituras se fazem tão atropelladamente que a popularidade de um autor não é argumento da sua valia intrinseca. Quem se avesou a ler por passar o tempo, não deve siquer tocar em Homero ou Dante ou Camões. Para lhes gozar a companhia, ha de se ter o habito contrario de ler para enthesourar as horas que passam em recordações immorredoiras. Ler os grandes autores antigos é dever de quantos são de feito particulas da humana intelligencia. O que embebe demasiado os seus gostos nos escriptos do

dia, esquece esse sagrado dever de zelar os preciosos patrimonios do espirito humano, de guardar na memoria os fastos da nossa raça, de apertar cada vês mais as laços que lhe prendem ao passado á medida que elle mais se alonga de nós. Uma humanidade somente interessada no presente, perdendo pouco a pouco a sua memoria, incapaz de gozar o que devêra ser seu maior prazer,—o de viver de novo, pelas recordações, nessas idades da arte, da poesia e da lenda—fôra lastimoso espectáculo, embora cercada do maior progresso material imaginavel. Qualquer mingoamento da imaginação humana fôra fatal ao espirito e ao coração, por mais avultados que viessem a ser os novos descobrimentos. Bem sei que tal aviso, quanto mais partindo de um estrangeiro, é tão descabido aqui, como o fôra o de um barbaro para a conservação do palladio na casa das Vestais Romanas. Quero apenas explicar o me occupar de Camões e não da literatura corrente do dia.

Pensei que seu nome merecia espartar os echos deste Instituto, que em relação ao mundo inteiro, está tão adiantado dos nossos tempos. A immigração foi o maior feito humano do seculo desenove, e o progresso social da mulher será o grande acontecimento do seculo vinte. Ambos são por emquanto factos Americanos. Quanto ao primeiro os Lusíadas podem chamar-se o Poema da Immigração. Respeito ao segundo, nada nelle exprime a idea que inspirou a criação do Vassar College; mas se os meios não são visiveis, o fim está á plena luz no poema, e a mulher,

como Camões a debuxou, é o mais nobre typo que poderiam talhar os seculos da mais alta cultura.

Para falar e obrar como a sua Venus, sua Rainha Maria; morrer como Ignês de Castro, ou sua Dona Leonor de Sá, suppõe e requer a chrystallisação da alma como um espelho divino, o que sem falta nenhuma seria o escopo da educação, se toda educação não houvera necessariamente que se contentar com um limite, afim de obter a maior media.

Viessem a vida, a literatura, a arte a ser privadas do amôr, os Lusiadas, como a Iliada, a Odyssea, e a Biblia, perderiam todo interesse para a humanidade; mas sempre que o amôr fôr summamente purificado pela Religião e pela dignidade moral, os Lusiadas guardarão intactos o seu calor e a sua luz. Na sua poesia podeis divisar a alma da Renascença purificada pelo sôpro da Cavallaria. E' o poema do heroismo e tambem do amôr; o poema de Neptuno e de Venus, isto é, representa a força conjugada dos dois polos da humanidade: o masculino e o feminino.

Em um só ponto a familiaridade com os Lusiadas seria de algum modo perigosa para as mulheres: poderia fazel-as demasiado conscias da sua força. Já nas relações de Venus com Jupiter no principio a força do appello feminino se mostra irresistivel. Através de todo o poema a belleza, a graça obram milagres, os quais, posto que disfarçados nos trajos mythologicos, são claramente symbolicos do poder da mulher. Mas cuidado que vos ensinam aqui a não abusardes desta força.

Futuras alumnas de Vassar, folgo de vos trazer as saudações de vossas collegas do Brasil. O nosso paiz tem um titulo a vossa sympathia: prestou á mulher summa reverencia refugando, quando Monarchia, a Lei Salica, e só entre todas as nações americanas, foi regido por uma mulher. Entre as filhas do nosso Continente, nenhuma, excepta Mrs. Beecher Stowe, poderia reclamar precedencia na Historia diante da Princesa Brasileira, que legou o seu nome ás nossas duas grandes leis sobre a Emancipação dos Escravos. Nós nos ufanamos da magnificante parte da terra que Deus nos doou e de muitas outras feições nacionais nossas, mas o nosso maior orgulho, sem comparação, é a Mulher Brasileira, e nossa esperança é que uma mais alta educação lhe alargue o espirito, sem lhe bulir no coração. Podemos bem nutrir essa esperança, visto que essa é a maior experiencia do Vassar College.

Confesso-me sobremodo grato ao Presidente Taylor por me haver asado tão elevado ensejo de vos falar de Camões. Se me tocasse fazer em estylo camoneano uma lapida em honra de Matthew Vassar, não teria mais que alterar duas palavras da estancia dos Lusias consagrada ao rei-poeta Dom Diniz, o fundador da Universidade de Coimbra:

(It was he who first caused the high craft of Minerva to be practised by *women* and who made the Muses desert the Helicon to tread the rich verdure of *the Hudson*. All that could be expected from Athens is given here by proud Apollo: here he distributed the



wreaths of baccharis and evergreen laurel twined with gold.)

Fez primeiro *em Coimbra* exercitar-se  
O valeroso officio de Minerva;  
E de Helicon as Musas fez passar-se  
A pisar *do Mondego* a fertil herva  
Quando pode d'Athenas desejar-se  
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:  
Aqui as capellas dá tecidas de ouro  
Do baccharo, e do sempre verde louro.

III, 97.

---



# OS LUSIADAS COMO A EPOPÉA DO AMÔR

---

Conferencia realisada na Universidade de Cornell

Senhores da Universidade de Cornell:

Pela terceira vez appareço diante dum Collegio americano, como um Rhapsodo Camoneano; mas, coitado de mim, não, como os Rhapsodos gregos, para recitar os proprios versos do poeta, sim para traduzil-os em prosa estrangeira, mui diminuidos do seu vigor. Não ha duvida que a parte mais alta da Poesia é o pensamento, communicavel de homem a homem por meio de qualquer lingua, e é por isso que a Biblia e a Iliada ficam como obras summas em não importa que lingua sejam vertidas. Porem se a essencia da poesia é o pensamento, não o som, que lhe é apenas o vehiculo, de grande relevancia é a questão de impressionar o pensamento. O verso original, na lingua do poeta, faz um appêllo directo á memoria, e resôa-nos no espirito por toda a vida; ao passo que a sua versão em prosa não interessa o aparelho auditivo, o mecanismo musical do espirito.

A outra noite, no Collegio Vassar, fiz Camões apresentar-se como o bardo do amor. Hoje apparecerá diante de vós como o Poeta do Amor, isto é, vereis o

poeta lyrico transformando-se em epico. Espero que esta Conferencia sobre Camões virá a espertar a attenção de alguns dentre os estudantes americanos para um dos maiores nomes da Literatura moderna e para a belleza e poesia da nossa lingua. A cada passo me estão a pedir para falar em espanhol, tão generalizada é aqui a crença de que no Brazil falamos o espanhol. A expressão America espanhola é aqui empregada para toda a America latina. Não a condemno de todo, attendendo ao antigo sentido historico da palavra *Hispania*. Mas o portuguez é uma lingua muito distincta do espanhol, e por isso teve uma literatura á parte. Ambas são transformações do latim, com alguns indicios de formação nacional differente, mas o ouvido dos povos da Peninsula, que se dividiram em duas nações, é de algum modo diverso e as differenças assim introduzidas no seu baixo latim, commummente falado, foram bastantes para formar linguas de ressonancia diversa.

Palavras ha que são flores exclusivas de uma lingua, e, pelo seu costante uso, como algumas arvores mostram a natureza do terreno em que vingam, revelam o character da raça que fala tal lingua, ou o da epoca em que chegam á plena florescencia. Não se poderia mostrar melhor a differença entre o portuguez e o espanhol que pela predominancia em portuguez da palavra *Saudade* e a sua morte prematura no espanhol. Acerca desta palavra deverieis lêr a nota do Prof. Henry H. Lang, da Universidade de Yale, em o seu Cancioneiro Gallego-Castelhano, P. 199-201.

O grosso do português, ao tempo da fundação da monarchia, era o dialecto galaico, isto é, o latim como se falava na Galicia. A autonomia, sob o governo de Henrique de Borgonha, produziu na joven Lusitania uma tendencia nacional differente, que as influencias locais alargaram de dia para dia. A lingua espanhola resente-se muito mais da influencia arabica que a portugêsa, não tanto talvez em vocabulario, como na aspe-rêsa guttural. O maior louvor da lingua portugêsa, fêl-o Camões, ao explicar o amor de Venus aos portugêses, pela sua similhaça com os antigos romanos, mormente em sua linguagem :

E na lingua na qual quando imagina  
Com pouca corrupção crê que é latina.

Depois de dizer uma palavra acerca da lingua, farei uma ligeira referencia ao paiz. Pequeno como é Portugal, o vestigio que de si deixou na Historia pode bem se comparar com o da Espanha, visto que lhe pertenceu durante obra de um seculo o segredo da navegação. Na esfera da Arte não tem Portugal nome que se contraponha ao de Velasquez ou Murillo, ou Goya. Não possui Cathedrais que se comparem com as de Burgos e de Toledo. Nada que emparelhe com Alhambra. Sem embargo, se reunirdes tudo isso em uma concha de balança, aggregando lhe por cima o *Don Quixote*, e na outra puzêrdes os *Lusiadas*, não sei qual pesará mais; do mesmo modo que se se quizerá pesar toda a Arte antiga contra a Iliada, estou que a concha de Homero ficaria immovel.

Conheceis a vida do Poeta. Nada de importancia se lhe accrescentou dês do bosquejo de Longfellow. Possuam os seus progenitores um solar na Galicia, ao qual se prende a lenda dum passaro chamado camão, que morreria de pesar se visse infidelidade na dona da casa, como bem o diz o poeta em seus versos amatorios :

Experimentou-se algum'hora  
Da ave, que chamam camão,  
Que se da casa onde mora  
Vê adultera a senhora,  
Morre de pura paixão.

Oxalá que o passaro que deu seu nome á familia tenha justificado a innocencia da senhora perante o seu marido e que lhe tomassem o nome por gratidão. Mas de uma ou outra maneira a legenda testifica que o amor teve grande influencia em Camões. Grande e fatal, excepto em o ter alimentado, por assim dizer dês da meninez, para levar a cabo a grande obra da sua vida. O amôr foi causa do seu exilio de Lisbôa, do seu desterro para a Africa, da sua prisão, do seu engajamento para as Indias, de todos os seus revêses, mas tambem de sua gloria. Conservou-o em uma como inutil vida, que emtanto era a unica que quadrava á producção da immoredoira obra-prima. Não ha nada averiguado acêrca dos seus amôres, senão que foi sempre infeliz com elles e que nunca se arrependeu de amar. Ha uma certa tendencia para reduzil-os, todos, a um, mas em verdade não sabemos quantos fôram, nem a differença de intensidade e de ardor entre si. Ninguem pode affirmar que as suas referencias enten-

dem com uma só pessoa, nem quem fosse ella. Certo, um amôr que elle pinta como o objectivo de sua vida, escrevendo ja em idade madura, avantajase a todos os mais, porem lhe terá passado. Peor que tudo é a impossibilidade de identificar a donzella a quem se dirigiram as suas mais bellas e sentidas endechas. Muitas raparigas do seu tempo têm os seus campeões, mas nenhuma apparece como reclamante da gloria.

De todas as revindicações rivais essa é a mais delicada para se julgar, porque se corre o risco de despojar uma mulher da sua immortalidade. Não sei se será alvitre seguro limitar a selecção ás damas da Côrte, que se chamavam Catharina, ainda que Catharina, quem quer que haja sido, será o seu nome para a historia, o seu pseudonymo literario. Não fez Camões de mão propria nenhuma allusão á qualquer Catharina: esse nome foi trazido á posteridade muito depois da sua morte, e não parte de documento de cuja authenticidade se possa fiar. Tudo quanto se pode affirmar é que escreveu versos a uma Catharina, a menos que o não fizesse a duas. Sendo a propria rainha uma Catharina, devia a Côrte abundar em jovens Catharinas.

Em sua mocidade éra Camões cultor assiduo de versos amatorios, e sós as desventuras de sua vida, causadas seguramente pelo arrôjo de suas ambições amorosas, o fariam voar tão alto. Alguma indiscreção em materia de amores motivou a sua exclusão da Côrte Real, e depois, o seu alistamento para combater os Mouros na Africa, onde foi ferido, perdendo um olho. Esse ferimento marca uma epoca na literatura

portuguêsa. Dissiparam-se por isso as suas esperanças, como còrtezão, e desfaleceu-lhe o orgulho de amante, vindo assim a sentir-se á mercé de quem quer que lhe olhasse o semblante desfigurado. Chama a si proprio Polyphemus, ao passo que a sua amada é Galatea. Em amores as coisas mudam muito de figura quando se adquire uma deformidade.

Não se pode deixar de advertir nos estranhos processo de que lança mão o destino para forçar o Poeta a dar o melhor de si, sabido que a prosperidade não gera a mesma especie de trabalho que o infortunio; e não sei de nada mais pathetico que a libração acima das circumstancias com a qual o poeta insiste em servir á sua inspiração. O grande poeta, como creador humano, vive de facto uma vida dupla e contraria, gosando verdadeira bemaventurança em companhia das suas creaturas durante as grandes maguas, e padecendo agonias com ella durante os seus proprios raptos. Sem a cegeira de Milton, o seu *Paraiso* fôra bem outra composição; sem o desfiguramento de Camões, de outro genero houvêra sido a sua obra poetica. Foi aquella disformidade que lhe fez renunciar em desespero ao amor, á vida da Còrte, a Lisbôa, a Portugal, e desferir o seu vôo rumo aos Lusíadas. Quasi todos os grandes homens prefeririam o poder, as honras, os applausos, os praseres, a opulencia, á immoredoira fama, se lhes fôra dada a escolha. E' o destino que, a bem delles mesmos, a cinte os persegue do exterior, ou os converte em seus proprios perseguidores. Não sei o que será daqui por diante. Entre as muitas novidades do



nosso tempo, ha a creação da profissão literaria. O que dantes éra vocação, agora é carreira lucrativa. Só uma consciencia verdadeiramente superior pôde pôr còbro a que o mercador, avido de fortuna, tire partido do favor publico e lhe não corrompa a inspiração. Receio que a opulencia venha a subverter toda a nobre tradição de em officio que o infortunio tanto se esmera em apurar e sublimar. E' certo que o cyclo da Literatura ja parece encerrado, tendo-se attingido nelle a méta do ideal humano, como na Pintura, na Esculptura, na Architectura, na Musica e na Religião.

Durante annos e annos foi Camões um Petrarcha, encontrando nos seus proprios sentimentos um filão inexgotavel de poesia. Chegou a ser um Poeta do mais alto quilate, sacando unicamente sobre os seus amôres, até escrever aquella immortal Canção XI, a que, entre todos os seus poemas, vos desejaria lêr, afim de melhor comprehenderdes por que o Amôr tomou parte tão conspicua na inspiração dos Lusíadas. E' um tal surto de harmonia, como raramente mana do coração de um poeta, passando em revista a sua vida toda dada a amôres, e gasta em vans esperanças e affeições espediçadas. Não a trouxe porque não haveria tempo durante esta conferencia para esquecerdes o poeta e seguides serenamente a sua evolução.

Desesperançado de achar protecção e bôa vontade em redor de si, resolveu Camões, para livrar-se da prisão em que se achava, ir militar nas Indias, e partiu na primavera de 1553. Foi essa viagem, de perto de seis

mezes, muito sujeita a naufragios e a doenças fatais. No discurso della veio-lhe a inspiração dos Lusíadas, não provavelmente que elle então houvesse toda a concepção do Poema, mas a da parte onde entram o oceano e a vida do mar. Nas Indias então, a viagem de Vasco da Gama, que abriu esses mares, apodera-se d'elle e vem a ser o elo de toda a composição. O seu fito é celebrar os feitos dos Lusíadas, a progenie de Lusos, filho de Baccho. Quando naufragou entre 1559-1560, á foz do Mekong, ja era acabado o seu Poema. Não ha razão para refugar a lenda de que o elaborou durante a sua estada em Macáu, na China. A piedade filial das raças que falam o português ficará para sempre vinculada a esse longinquo relicario do Oriente. E' possivel que elle tenha augmentado o seu Poema durante a sua estada em Moçambique, em 1567, e até a sua publicação; mas o tempo que durou a sua inspiração, não terá passado alem da sua estada nas Indias. E' lei do genio que a mesma inspiração não pode durar por muitos annos, quanto mais por toda a vida.

Os tres principais factores na composição dos Lusíadas são: os habitos amorosos do poeta, seu extraordinario cabedal de conhecimentos classicos, e sua ambição nacional. Corre uma tradição que em Sofala ou Moçambique, amanheceu Camões um dia em grande alegria, dizendo que ia escrever um poema, como se lhe então houvera sido revelada a idéa, o plano dos Lusíadas. Creio bem nessa *eureka* ao momento em que a ambição nacional lhe tocou o immenso cabedal accumulado e a fonte de poesia que tinha n'alma. Nessa

manhã terminou a fase pessoal do poeta. A arte converteu-lhe o amor, que nelle foi sempre uma obsessão, em um sentido divino; tornou-lhe a lamina peçonhenta, que só lhe servia para torturar-se a si proprio, no cinzel que devêra talhar o poema nacional.

Tratei na Universidade de Yale das seis grandes impressões dos Lusíadas; culto á patria; a poesia do oceano; a mythologia; a idade dos descobrimentos; o espirito da Renascença; e por derradeiro, a lei do maior esforço na vida. Prometti apresental-o em outra occasião, que acertou a ser esta, como o poema do amor, e espero ter ainda uma occasião, em minhas digressões de propagandista, de expôr á luz mais algumas das suas brilhantes facêtas. De feito, se perlustrardes os Lusíadas, vereis que duas correntes parallelas lhe passam a través: a corrente patriotica e a amorosa, cada uma com as suas culminancias distinctas, tais como, na primeira, a Invocação a Dom Sebastião, a batalha de Ourique, a de Aljubarrota, o sonho de Dom Manoel, a partida de Vasco de Gama, de Belem, a passagem do Cabo da Boa Esperança, isso com referencia somente aos primeiros Cantos; e no tocante á corrente do amôr, estas culminancias realmente notaveis: Venus diante de Jupiter no primeiro Canto, Ignês de Castro, no terceiro, Adamastor no quinto, a forja de Cupido e a ilha dos Amores no nono.

Tendes que me perdoar haver eu mesmo traduzido o que vos ora vou ler. Ha varias traducções de Camões em verso inglêz, mas todas se resentem duma forte

collaboração do traductor, e gosto mais d'elle só. E' incalculavel o serviço que lhe prestaram, fazendo-o lêr a muitos, que o não leriam em prosa inglêsa, e eu tambem lhes devo muito em minha traducção, mas creio que a verdadeira poesia dos Lusiadas, quando privados de sua musica propria, resalta melhor em prosa estrangeira.

Para mostrar que os "Lusiadas" são o poema do Amôr, basta dizer que é o poema de Venus. Camões não tem nada a recear da Eneida, e quantos comparem a sua Venus com a de Virgilio serão conformes em que a questão — *qual das Venus é a mais bella?* — é um problema insolúvel em literatura, como em Estatuaría ou em Pintura. Os paineis de Venus por Camões são os parelhos em poesia dos frescos de Venus na Farne-sina de Rafael. Com ella através de todo o poema, faz-se o poder do amôr apparecer como a força dominante do Universo.

Em seguida á incomparavel pintura de Venus no segundo Canto, a grande pagina amorosa dos Lusiadas é Ignês de Castro. A historia de Ignês de Castro, chamada, em virtude do seu pescôço comprido, "Collo de Garça" é largamente conhecida. Era uma donzella ao serviço de D. Constança, esposa do Principe Dom Pedro, herdeiro do Rei Affonso IV. Morreu a Princesa poucos annos depois de casada, e por dez annos Dom Pedro e Ignez sós se occuparam a gozar o seu amôr na maxima intimidade. A possibilidade de subir ella ao throno com a ascenção do filho, dispoz contra

ella o Rei, e assim foi que por sua ordem ou com seu consentimento alguns cortesãos rivais a assassinaram em Coimbra, na ausencia do amante. Poucos annos após sua morte, vindo ao throno o Principe, tomou a mais cruel vingança contra alguns dos assassinos, que lhe não encontraram escape, e fez trasladar de Coimbra os seus restos para um jazigo real no Mosteiro de Alcobaça, onde jazem ao pé dos seus. A lenda cantada por Camões é que elle a corouou depois de morta e que o seu corpo exhumado, sentado ao seu lado, em toda a pompa da realesa, recebeu a vassalagem da nobreza e do povo. Coroação semelhante não registra toda a historia da Realesa.

Ler-vos-ei o episodio de Ignês de Castro, lastimando somente não o pudêdes ouvir nas suavissimas e patheticas estancias de Camões.

Passada esta tão prospera victoria,  
Tornando Affonso á Lusitana terra,  
A se lograr da paz com tanta gloria,  
Quanta soube ganhar na dura guerra;  
O caso triste, e digno de memoria,  
Que do sepulchro os homens desenterra,  
Aconteceo da misera, e mesquinha,  
Que depois de ser morta foi Rainha.

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Dêste causa á molesta morte sua,  
Como se fôra perfida inimiga:  
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua  
Nem com lagrimas tristes se mitiga,  
E' porque queres, aspero e tyranno,  
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Ignês, posta em socego,  
De teus annos colhendo o doce fruto,  
N'aquelle engano da alma, ledo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito ;  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus formosos olhos nunca enxuito,  
Aos montes ensinando, e ás hervinhas  
O nome, que no peito escripto tinhas.

Do teu principe alli te respondiam  
As lembranças, que na alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando dos teus formosos se apartavam ;  
De noite em doces sonhos, que mentiam,  
De dia em pensamentos que voavam :  
E quanto em fim cuidava, e quanto via,  
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, e Princezas  
Os desejados thalamos engeita ;  
Que tudo em fim, tu, puro Amor, desprezas  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranhezas  
O velho pai sisudo, que respeita  
O murmurar do povo, e a phantasia  
Do filho, que casar-se não queria :

Tirar Ignês ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho, que tem preso ;  
Crendo co'o sangue só da morta indina  
Matar do firme amor o fogo acceso.  
Que furor consentiu, que a espada fina,  
Que pôde sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse alevantada  
Contra huma fraca dama delicada?

Traziam-na os horribicos algozes  
Ante o Rei, já movido á piedade;  
Mas o povo com falsas, e ferozes  
Razões á morte crua o persuade.  
Ella com tristes, e piedozas vozes,  
Sahidas só da magoa, e saudade  
Do seu Principe, e filhos que deixava,  
Que, mais que a propria morte, a magoava.

Para o céo crystallino alevantando  
Com lagrimas os olhos piedosos;  
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Hum dos duros ministros rigorosos:  
E depois nos menimos attendando,  
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,  
Cuja orfandade como mãe temia,  
Para o avô cruel assi dizia:

Se já nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aves agrestes, que sómente  
Nas rapinás aeria tem o intento,  
Com pequenas crianças vio a gente  
Terem tão piedoso sentimento,  
Como co'a mãe de Nino já mostraram,  
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

Oh tu, que tens de humano o gesto, e o peito,  
(Se de humano é matar uma donzella  
Fraca e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencel-a)  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens á morte escura d'ella:  
Mova-te a piedade sua, e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha.

E se, vencendo a Maura resistencia,  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe tambem dar vida com clemencia  
A quem para pardel-a não fez erro.  
Mas, se t'ó assi merece esta innocencia,  
Põe-me em perpetuo e misero desterro  
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,  
Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre leões e tigres; e verei  
Se nelles achar posso a piedade,  
Que entre peitos humanos não achei:  
Alli co'o amor intrinseco, e vontade  
Naquelle por quem mouro, criarei  
Estas reliquias suas, que aqui viste,  
Que refrigerio sejam da mãe triste.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,  
Movido das palavras, que o magoam;  
Mas o pertinaz povo, e seu destino  
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdôam,  
Arrancam das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito alli apregôam,  
Contra huma dama, oh peitos carniceiros,  
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena,  
Consolação extrema da mãe velha,  
Porque a sombra de Achilles a condena,  
Co'o ferro o duro Pyrrho se aparelha:  
Mas ellas os olhos, com que o ar serena  
(Bem como paciente, e mansa ovelha)  
Na misera mãe postos, que endoudece,  
Ao duro sacrificio se offerece:



Taes contra Ignez os brutos matadores  
No collo de alabastro, que sostinha  
As obras, com que amor matou de amores  
Aquelle, que depois a fez Rainha,  
As espadas banhando, e as brancas flores,  
Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam, férvidos e irosos  
No futuro castigo não cuidadosos.

Bem puderas, oh Sol, da vista destes  
Teus raios apartar aquelle dia,  
Como da seva mesa de Thyestes,  
Quando os filhos por mão de Atreo comia!  
Vós, oh concavos valles, que pudestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,  
Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, candida e bella,  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da menina, que a trouxe na capella,  
O cheiro traz perdido, e a côr murchada:  
Tal está morta a pallida donzella,  
Seccas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva côr, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram;  
E, por memoria eterna em fonte pura  
As lagrimas choradas transformaram:  
O nome lhe puzeram, que inda dura,  
Dos amores de Ignez, que alli passaram.  
Vêde que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

E' este o fim da historia de Ignês. Agora as duas estancias em que o poeta bosqueja o reinado do marido, conhecido por Dom Pedro, o Crú. A morte de Ignês delineou a sua missão de exterminador do crime.

Não correu muito tempo, que a vingança  
 Não visse Pedro das mortais feridas:  
 Que em tomando do reino a governança,  
 A tomou dos fugidos homicidas:  
 Do outro Pedro cruissimo os alcança;  
 Que ambos imigos das humanas vidas,  
 O concerto fizeram duro, e injusto,  
 Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.  
 Este castigador foi rigoroso  
 De latrocinios, mortes, e adulterios:  
 Fazer nos mãos cruizas, fero e iroso  
 Eram os seus mais certos refrigerios;  
 As cidades guardando, justicioso,  
 De todos os soberbos vituperios,  
 Mais ladrões castigando á morte deo,  
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

III, 136-137.

Não ha entre os tumulos reais na Europa dois que estejam ligados por laço mais forte de poesia, como os de Dom Pedro, o Crú, e da meiga Rainha posthuma, Dona Ignês de Castro, em Alcobaça. Tão pouco ha recanto mais poetico que a Quinta das Lagrimas, em Coimbra, com as suas arvores vetustas e as suas aguas, consagrada á immortal lenda dos amores de Ignês.

Tendes ouvido, acerca da grande criação de Camões nos Lusiadas, o enorme e medonho gigante que era a sentinella do Cabo das Tormentas. Em um livro de 1803, o *Progresso dos Descobrimentos Maritimos*,

de Clarke, verdadeiro monumento aos feitos portuguezes, ha uma gravura, no frontespicio, intitulada o *Espectro do Cabo*, que é uma perfeita illuminura do episodio de Adamastor. Debruça-se sobre o Cabo uma gigantea nuvem escura, ao Oriente fuzila a tempestade, as náos de Vasco da Gama, com as suas velas de traquête esfarrapadas, mergulham em mar revôlto. Ostenta a Natureza, em toda a redondêsa, as suas furias, correspondendo aos versos :

Que ameaço divino ou que segrêdo  
 Este clima e este mar nos apresenta,  
 Que mór cousa parece que tormenta?

O que é caracteristico de Camões é que emquanto faz de Adamastor uma horrivel evocação, — barba esqualida, olhos encovados, postura medonha, de côr terrena e pallida, cabellos crêspos e cheios de terra, bôcca negra e dentes amarellos; emquanto personifica nelle as forças brutas e cegas da Natureza, que se oppunham ás investidas do homem ao oceano, emtanto lhe dá o coração mais terno que jamais teve um amante. Até em suas tremendas profecias o gigante se mostra sensivel aos revêses do amôr, como em sua tocante descripção da morte de Sepulveda com a sua formosa esposa nas areias da Africa. O papel, cujo desempenho lhe é dado, de vigiar o portão maritimo do Oriente, não nos impressiona tão fundamente quanto o reconto do seu amôr, sobre o qual nem a Eternidade parece ter poder. A poesia para Camões, quando não cifrava em amôr, era sempre conversivel em amôr, em sua mais alta pujança.

A's grandes series de Homero e Hesiodo não aggregou a literaotra moderna nenhum mytho, a não ser este: Adamastor, que, como Ignês de Castro, é um dos triunfos do amôr nos Lusiadas. Traduzirei o reconto que faz o gigante da sua metamorfose, para decidirdes se a Poesia antiga deixou creação mais delicada que esta. Sem duvida alguma a idade capaz de additar a velha Mythologia com um mytho que tanto a enriquecêra, bem merece o nome de Renascença.

Como vêdes o poeta esparge amor ás mancheias por todo o seu poema. Este passo, por exemplo, na descripção de uma tempestade:

As Halcyoneas aves triste canto  
 Junto da costa brava levantaram,  
 Lembrando-se do seu passado pranto,  
 Que as furiosas aguas lhe causaram:  
 Os delfins namorados entretanto  
 Lá nas covas maritimas entraram,  
 Fugindo á tempestade, e ventos duros,  
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.

VI, 77.

Quando Venus do alto da sua estrella d'alva vê o perigo que corre os seus marinheiros favoritos, ordena sem detença ás suas Nynfas que vão conquistar os ventos.

Assi foi, porque tanto que chegaram  
 A' vista dellas, logo lhe falecem  
 As forças com que d'antes pelejaram,  
 E já como rendidos lhe obedecem:  
 Os pés, e mãos parece, que lhe ataram  
 Os cabellos, que os raios escurecem.

VI, 88.

E nos conta o Poeta as brandas censuras que fez a “bellissima Orithia” a Boreas :

Não creias, fero Boreas, que te creio,  
 Que me tiveste nunca amor constante ;  
 Que brandura é de amor mais certo arreo,  
 E não convem furor a firme amante ;  
 Se já não pões a tanta insania freio,  
 Não esperes de mi, daqui em diante,  
 Que possa mais amar-te, mas temer-te ;  
 Que amor contigo em medo se converte.

VI, 89.

Mencionarei agora só uma intervenção mais de Venus, quando ella e suas nnyfas se postam em frente das náos portuguezas para as livrar de uma destruição imminente. Disse em Yale que Camões converteu em poesia o roteiro de Vasco da Gama. Neste caso apropriou-se elle de um incidente referido no Roteiro de Vasco da Gama : vendo este que as suas náos reluctavam a virar de bordo, mandou novamente largar o ferro, senão quando os pilotos do paiz, que vinham abordo, precipitam-se de um lance ao mar, receiosos de que se havia descoberto a cilada que planearam.

Tudo o que elle toca se converte em poesia devido a esse raio de amôr. Chega Vasco da Gama a Melinde em um domingo de Paschoa. Eis como elle data o acontecimento.

Era no tempo alegre, quando entrava  
 No roubador de Europa a luz Phebea,  
 Quando hum, e o outro corno lhe aquentava,  
 E Flora derramava o de Amalthea :

II, 72.

E' a descripção da primavera com o seu sol e as suas flores.

A memoria do dia renovava  
 O pressuroso Sol, que o ceo rodêa,  
 Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,  
 O sello poz a quanto tinha feito:

II, 72.

E' a Ressurreição.

Agora a descripção da forja de Cupido nos montes Idalios. E' Camões incontestavelmente uma combinação de duas almas: é assim um poeta grego, como um poeta moderno. Com toda a sua frescura é digna a forja de Cupido da imaginação grega. Eis aqui o novo mytho camoneano:

No carro ajunta as aves, que na vida  
 Vão da morte as exequias celebrando,  
 E aquellas em que já foi convertida  
 Peristera, as boninas apanhando.  
 Em derredor da deosa já partida  
 No ar lascivos beijos se vão dando:  
 Ella, por donde passa, o ar, e o vento  
 Sereno faz com brando movimento.

Já sobre os Idalios montes pende,  
 Onde o filho frecheiro estava então  
 Ajuntando outros muitos; que pretende  
 Fazer huma famosa expedição  
 Contra o mundo rebelde, porque emende  
 Erros grandes, que ha dias nelle estão,  
 Amando cousas, que nos foram dadas,  
 Não para serem amadas, mas usadas.

Via Acteon na caça tão austero,  
De cego na alegria bruta, insana,  
Que, por seguir hum feio animal fero,  
Foge da gente, e bella forma humana:  
E por castigo quer, doce e severo,  
Mostrar-lhe a formosura de Diana;  
E guarde-se, não seja inda comido  
Desses cães, que agora ama, e consumido.

E vê do mundo todos os principais,  
Que nenhum no bem publico imagina:  
Vê n'elles, que não tem amor a mais,  
Que a si sómente, e a quem Philaucia ensina:  
Vê que esses, que frequentam os reais  
Paços, por verdadeira e sã doutrina,  
Vendem adulação, que mal consente  
Mondar-se o novo trigo florecente.

Vê que aquelles, que devem á pobreza  
Amor divino, e ao povo caridade,  
Amam sómente mandos, e riqueza,  
Simulando justiça, e integridade;  
Da feia tyrania, e da aspereza  
Fazem direito, e vãa severidade;  
Leis em favor do Rei se estabelecem,  
As em favor do povo só perecem.

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,  
Senão quer que tanto tempo se releve  
O castigo, que duro, e justo seja,  
Seus ministros ajunta; porque leve  
Exercitos conformes á peleja,  
Que espera ter co'a mal regida gente,  
Que lhe não for agora obediente.

Muitos d'estes meninos voadores  
 Estão em varias obras trabalhando,  
 Uns amolando ferros passadores,  
 Outros hasteas de settas delgaçando :  
 Trabalhando, cantando estão de amores,  
 Varios casos em verso modulando,  
 Melodia sonora, e concertada,  
 Suave a letra, e angelica a soada.

Nas fragoas immortaes, onde forjavam  
 Para as settas as pontas penetrantes,  
 Por lenha, corações ardendo estavam,  
 Vivas entranhas inda palpitantes :  
 As aguas, donde os ferros temperavam,  
 Lagrimas são de miseros amantes ;  
 A viva flamma, o nunca morto lume,  
 Desejo é só, que queima, e não consume.

IX, 24-31.

E em quatro estancias mais, descreve os effeitos produzidos entre os mais baixos e os mais altos da humana especie, pelos tiros do pequeno exercito de Cupido, "moços maldestros" e a descripção do officina do Amôr vai por diante até apear Venus do carro, na estancia 36.

Esta estancia pudera recitar em portugûes como amostra da musica da lingua e da sonoridade do Poeta. Não creio que haja muitas outras no Poema que mostrem com mais vantagem a excellencia da lingua portugueza. Dar-vol-a-ei em partes. Lerei os quatro primeiros versos, não excedidos em cadencia em nenhuma outra lingua, e formam um painel sumamente ideal.



Mas ja no verde prado o carro leve  
 Punham os bracos cysnes mansamente  
 E Dione que as rosas entre a neve  
 No rôsto tráz, descia deligente.

E remata o Poema com essa maravilhosa apothese do amor, a ilha dos Amôres, que Venus faz surgir diante das náos portuguezas, e onde ella mesma e as suas nymfas festejaram os heróes pela seu descobrimento do novo mundo. Tenho a miúde me referido a esse immenso fresco poetico, sem parelha em literatura, o qual está para os jardins de Armida como a natureza para encantamento.

Lerei somente o seu começo:

De longe a ilha viram fresca e bella,  
 Que Venus pelas ondas lha levava,  
 (Bem como o vento leva branca vela)  
 Para onde a forte armada se enxergava;  
 Que, porque não passassem, sem que nella  
 Tomassem porto, como desejava,  
 Para onde as náos navegam a movia  
 A Acidália, que tudo em fim podia.

Mas firme a fez e immobil, como vio,  
 Que era dos nautas vista, e demandada;  
 Qual ficou Delos, tanto que pario  
 Latona a Phebo, e a deosa á caça usada.  
 Para lá logo a proa o mar abriu,  
 Onde a costa fazia huma enseada  
 Curva e quieta, cuja branca area  
 Pintou de ruivas conchas Cytherea.

Tres formosos outeiros se mostravam  
 Erguidos com soberba graciosa,  
 Que de gramineo esmalte se adornavam,  
 Na formosa ilha alegre, e deleitosa :  
 Claras fontes, e limpidas manavam  
 Do cume, que a verdura tem viçosa :  
 Por entre pedras alvas se deriva  
 A sonora lympha fugitiva.

N'hum valle ameno que os outeiros fende,  
 Vinham as claras aguas ajuntar-se,  
 Onde huma meza fazem, que se estende  
 Tão bella, quanto pode imaginar-se :  
 Arvoredo gentil sobre ella pende,  
 Como que prompto está para afeitar-se,  
 Vendo-se no crystal resplandecente,  
 Que em si o está pintando propriamente.

Mil arvores estão ao ceo subindo  
 Com pomos odoriferos e bellos :  
 A laranjeira tem no fruto lindo  
 A côr, que tinha Daphne nos cabellos :

IX, 52-56.

E vai por diante nas outras estancias descrevendo  
 as frutas.

Pois a tapeçaria bella e fina,  
 Com que se cobre o rustico terreno,  
 Faz ser a de Achemenia menos dina,  
 Mas o sombrio valle mais ameno :  
 Alli a cabeça a flor Cephisia inclina  
 Sôbolo tanque lucido e sereno :  
 Florece o filho e neto de Cinyras,  
 Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

IX, 60.

E depois de algumas estancias mais, descreve as flores com esses finos traços da lenda:

Nesta frescura tal desembarcavam  
 Já das náos os segundos Argonautas,  
 Onde pela floresta se deixavam  
 Andar as bellas deosas, como incautas:  
 Algumas doces citharas tocavam,  
 Algumas harpas, e sonoras frautas,  
 Outras co'os arcos de ouro se fingiam  
 Seguir os animaes, que não seguiam.

IX, 64.

Então corre através de vinte estancias a caça ás Deusas pelos Descobridores, sagrando todo o Canto IX á ilha dos Amores. E' uma composição maravilhosa, de rara belleza nos mais dos seus pormenores, e duma grandeza sem par no seu todo. Devo accrescentar, é tão pura como uma visão celestial, que Amôr na Poesia, como na Religião, apura a sua corrupção terrena, sendo as Houris do Paraiso Mahometano, as Valkyrias de Valhalla, as Nynfas da Ilha dos Amores outras tantas allegorias de gloria, de immortalidade heroica.

Camões, não houvera emtanto sido o perfeito poeta que foi, se a Cavallaria muribunda, ou morta, não entrasse em seu Poema. Entrou, no episodio dos doze cavalheiros portuguezes, que foram á Inglaterra pelear numa justa por doze damas Inglesas offendidas, que não encontraram entre os seus quem as desaggravasse.

Fico que tenho justificado a minha opinião de que a maior fonte de inspiração de Camões foi o amôr. Dado aos amôres, em amôr tudo tornava, e quando

deixou de fazer caso das mulheres e se absorveu no Poema nacional, a sua experiencia habilitou-o a dar vida real a todo episodio em que amôr tomava parte. O amôr para elle era a força dominante assim da vida, como da Natureza, os principais meios do Ideal, a fonte de toda a criação, o amôr, mas não o seu espurio homonymo, que elle tão fortemente condemna no seu Poema.

A lição dos Lusíadas para os homens superarem a Morte pudera resumir-se nestes versos com que abre o poema :

Aquelles que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando.

*(Those who by noble deeds are freeing themselves from the law of death.)*

Ou, segundo a versão de Sir Richard Fanshaw para o inglês Isabeliano :

*and Those who by  
Their deeds at home left not their names defac't.*

E' assim tambem o poema uma escola de immortalidade ; não de immortalidade pessoal só, de immortalidade collectiva, tal como a dos ignorados Descobridores e conquistadores que cercavam a Vasco de Gama ; e de amôr, visando o seu mais nobre alvo, esse que gera os immortais. Em tudo recommenda a especie alevantada do amôr.

Que um baixo amôr os fortes enfraquece.

III, 139.

Falando da selecção de Vasco da Gama e da sua marinhagem, dirá :

Foram de Manuel remunerados ;  
 Porque com mais amor se apercebessem,  
 E com palavras altas animados  
 Para quantos trabalhos succedessem.  
 Assi foram os Minyas ajuntados,  
 Para que o veo dourado combatessem,  
 Na fatidica não, que ousou primeira  
 Tentar o mar Euxino, aventureira.

iv, 83.

*Fatidica* porque foi a não Argo construida de madeiras da profetica floresta de Dodona.

Não ha aqui o cunho da mais nobre linguagem humana, em que amôr, dever e religião se fundem em um?

Senhores, é esta a terceira vez que compareço perante estudantes americanos, como um peregrino Camoneano, e, posso assegurar-vos ao retirar-me, que me não peja mendigar por sua gloria. Ao ver o seu grande Poema tão largamente ignorado, como o é no estrangeiro, não é delle que tenho dó. Que importa a Antares ou a Sirius se não são vistas em todo seu resplendor por todos os homens? Uns poucos telescopios assentados para ellas, lhes bastam para a sua gloria em nosso pequeno planeta. Mas tem Comões maior consolação que a admiração de uns poucos. A lingua portugueza será sempre chamada "a lingua de Camões," em quanto que nenhum poeta no mundo tem mais que elle a devoção do seu proprio povo, ou antes, de quantos lhe falam a lingua. Ninguem que soubera da celebração nacio-

nal do seu tricentenário, em 1880, ássim em Portugal, como no Brazil, teria duvidas a este respeito. Foram honras divinais. Não as houveram rendido ao poeta duas nações, tres seculos após sua morte, se não deixasse elle no coração e no espirito de quantos lhe falam a lingua, a inspiração, um impulso alevantado e cohesivo, que sós os genuinos creadores podem produzir. Comparado com os escriptores de hoje, Homero não tem leitores; sem embargo, não ha reccar a seu respeito.

Vai para quarenta annos que acompanho a marcha da litteratura, e o seu lugar relativo no mundo parece que cada dia vai ficando mais reduzido. Cumpre não esquecer que esta não é mais a Idade da penna, senão a Idade da dactylographia. O manuscripto morreu. Tenho duvidas se as affinidades de inspiração com a machina de escrever serão jamais as mesmas que com as da penna. Haveis de permittir-me que externe toda a minha fé. Não creio que haja em qualquer parte através do céos um registro para transacções de dinheiro; mas creio piamente que o ha para creações intellectuais, e que a obra de Homero, Dante, Camões, Shakespeare, e os seus emulos, transcendem á Terra.

---

## A INFLUENCIA DE LINCOLN NO MUNDO

---

Allocação proferida no 14º banquete annual do *Lincoln Republican Club* aos 12 de Fevereiro de 1906.

Meus Senhores,

Não nos enganou o vosso distincto representante, Mr. William Alden Smith, com a sua descripção da festa annual em honra de Lincoln. E' satisfação intima, para todos nós, unirmo-nos a esta celebração, e de minha parte ,muito lhe agradeço haver-me elle trazido até cá. Fôra todavia grande prova da vossa bondade não reparardes na omissão em meu discurso do H aspirado. O povo romano usava aspirar essa lêtra, mas as raças latinas descobriram que podiam emittir as vogais com uma economia de fôlego, e naturalmente cedêram ao que se conhece na Sciencia da Linguagem por lei do menor esforço. Receio que tal lei não venha toar bem neste centro de actividade sempre crescente e de porfiosa concurrencia, e muito menos na presente occasião, visto que Lincoln deu um exemplo na Historia precisamente opposto ao dessa lei: o do maior esforço.

O nome de Lincoln representa muitas coisas, uma das quais é a vinda do Oeste para a dianteira da politica americana. Mas tal assumpto deve ter reservado

para si, Mr. Smith, ou para alguém muito de ao pé de si. O discurso que elle me designou para responder é a *Influencia de Lincoln no Mundo*.

Lastimo poder vos dar apenas dessa influencia as feições que saltam de um lance aos olhos de qualquer espectador.

Tratarei primeiro de sua influencia *directa* no exterior.

Antes de tudo, Lincoln representa para o mundo o espirito da União nacional contra o do separatismo local, o direito e dever das nações de combater a desintegração em seu meio. Nesta ordem de pensamento elle incorpora, em segundo lugar, o espirito da grandeza nacional, que elle parece ter convertido por toda a parte em o espirito do seu seculo, ainda em evolução. De tal espirito surdiu, após elle, mais de uma nacionalidade e parece estar incubando mais de um grande imperio do occidente ao oriente. Terceiro, o nome de Lincoln traz para logo a cada espirito, como elle sustentou a doutrina Monroe no seu momento critico, o pensamento de que não fôra elle, com dispartir-se a União americana, o nosso systema constitucional estivera agora dividido em dois polos differentes. O quarto effeito de largo alcance da personalidade de Lincoln, é o prestigio do seu nome para quantos pugnam, ou ainda hão de pugnar, em qualquer parte, contra a Escravidão.

Posso dar testemunho dessa inspiração aos Abolicionistas brasileiros, e o meu amigo, Senhor Quesada, posto que somente o saiba por tradição, pode dal-o



egualmente em relação aos Abolicionistas espanhóes e hispano-americanos. O Brazil e Cuba devem especialmente a Lincoln o não se ter creado, ha quarenta annos, na America do Norte, uma nova e grande Potencia, adoptando a Escravatura como o seu espirito de lutas e de sua expansão nacional. Por outro lado nós, como os demais paizes Sul-americanos, lhe devemos o haver feito, do primeiro paiz do nosso continente, uma grande nação inteiramente livre, estabelecendo deste modo o verdadeiro character da civilisação americana.

Tais são os pontos que indicaria de carreira como a influencia directa, por assim dizer, pessoal, fóra das fronteiras dos Estados Unidos. E' profundissima. Quanto a sua influencia indirecta, presente ou futura, na Historia, reputo-a incalculavel.

Graças a elle, vós outros, americanos, não tendes mais duas soberanias, a União e o Estado; duas patrias, mas só uma e a maior das duas. Não se vos antolha mais a possibilidade de dissolver-se a maior das corporações nacionais, pelo direito da separação, em duzias ou centenares de corpusculos. Os que imaginavam, como na lenda grega, que os irmãos irreconciliaveis pelejariam até matar um ao outro, viram, ao revés do remate da tragedia grega, o amplexo dos irmãos gêmeos dos partidos *Blue* e *Gray*.\*

O Sul logo após a terminação da guerra fôra visto de novo a contar as estrellas da velha bandeira para

---

\*Assim se denominavam os partidos belligerantes. Os *Blue* representavam as forças da União, os *Gray*, os separatistas.

certificar-se se todas lá estavam. Tal união nunca se pudera impor pela conquista aos americanos, de modo que a gigantea guerra civil só veio mostrar ao mundo, e nem outra coisa podia mostrar, a indestructibilidade da cohesão nacional. A certeza universal desta solidez, que prevalece dês de Lincoln, foi obra sua, e sem falta nenhuma a maior de todas. Assentou elle, e pode dizer-se que para sempre, o vosso destino nacional, tornando-se o symbolo da felicidade da nação. A influencia de Lincoln, no mundo, e a dos Estados Unidos são uma e a mesma.

Não me abalançarei a sopesar tamanha massa de energia, de riqueza, de labor, em uma palavra, de força humana. Podeis calcular a influencia de Roosevelt no mundo? Ainda que o pudesseis, isso não bastaria, havieis que estimar uma esfera inda maior: a da civilização americana no presente e no futuro. “Adicionai estrella sobre estrella,” disse uma vez Lincoln, “até o seu brilho irradiar sobre quinhentos milhões de homens livres e felizes.” Tal é o limite que elle traçara em sua imaginação para a grandeza do vosso paiz, e não será ainda proporção exaggerada para o que chamaes a sua Influencia no Mundo.

Devolvo, portanto, intacto ao meu amigo William A. Smith, o alto thema que me deu para discorrer. E' demasiado vasto para mim. Sinto vos haver logrado, posto que tenha como certo que não vos queixareis de mim, senão do vosso digno Representante que aqui me trouxe. Para responder pela vossa decepção encontrareis nelle o natural bode espiatorio.

## POSSIBILIDADES SCIENTIFICAS NO BRAZIL

---

Observações feitas no 3º jantar annual do *Washington University Club* aos 16 de Fevereiro de 1907.

Vejo-me sempre embaraçado ao falar inglês, quanto mais perante uma audiencia como esta que, segundo me dizem, representa cento e quarenta dos nossos Collegios Universitarios; e o meu embaraço sobe de ponto com a difficuldade de aspirar o vosso H. E' esse o unico som aspirado latino que caducou em nossa lingua. Mas por vos divertir a attenção da minha pronuncia, começarei por informar-vos que o Governo Brasileiro acaba de criar no Rio de Janeiro uma Repartição de Geologia e Mineralogia, entregando a sua direcção a um geologo americano, Professor Orville Derby, velho amigo do Brazil.

O Brazil tem o segrêdo de inspirar essas fortes afecções aos geologos e naturalistas. Inspirou profundo affecto a Alfredo Russel Wallace, a quem as florestas amazonicas revelaram mais de quinhentas especies de passaros, e a Louis Agassiz, em seus derradeiros annos, a quem o rio Amazonas apresentou mais especies de peixes do que o proprio Atlantico parece conter. Fôra longa a lista dos sabios a quem a natureza ha por este modo attrahido e fascinado.

O elogio do Brazil está escripto no livro do mais fervoroso amante que a nossa terra já houve, Eliseu Reclus, summo geographo moderno. Limito-me porem a vol-o recommendar. Sinto-me deveras acanhado em tratar do thema que me deram, *As possibilidades scientificas no Brazil*, perante esta encyclopedia viva que vós constituís reunidos. Sabeis de antemão o que eu posso dizer. Melhor que eu sabeis que possuímos, por exemplo, o mais completo systema hydrographico do mundo, visto que o Brazil entre o Atlantico e os rios occidentaes, é formado de ilhas collossais cortadas por vastas correntes d'agua, muitas das quais ainda não foram exploradas. Ha tres campos enormes á espera do botanista, do zoologista e do mineralogista. Se ha botanistas entre vós aqui, poderá dar-se que sejam tentados pelos ricos troféos do Dr. Rodrigues Barbosa, do Jardim Botanico do Rio de Janeiro, que, durante a sua estada no Amazonas, classificou centenaes de palmeiras. A despeito de todo o concurso que os vossos naturalistas nos trouxeram, não logramos ainda levar a cabo o catalogo illustrado da nossa natureza durante uma geração. Sempre fomos considerados a terra do ouro e do diamante, e os vossos mineralogistas fariam grandes achados se a mesma physionomia das rochas pudesse servir de indicio á presença do ouro, e se, pelo que toca aos diamantes, deramos credito ás antigas tradições ligadas aos rios e jazidas ainda por explorar-se scientificamente.

Quanto ao ferro, o Brazil Central parece ser feito deste metal. O Prof. Gorceix, sabio francês, que fun-

dou a Escola da Minas, de Ouro Preto, ficou pasmado ao ver minerios de ferro de primera qualidade empregados no calçamento das ruas, ou na construcção de paredes, os quais jazem á superficie do solo por centenas de kilometros, ou formam montanhas de centenas de metros de altura.

A unica grande feição natural que não temos e nem lhe sentimos a falta, são vulcões, sequer ao menos extinctos.

Senhores, muito devemos á sciencia americana, especialmente depois que a attenção de Louis Agassiz volveu para o Brazil. Foi o prof. Hart, membro da sua Expedição, a *Thayer Expedition*, pois que o nome de Mecenas não deve ser esquecido, que assentou os alicerces da divisão paleontologica do nosso solo. Outro geologista vosso, Prof. Branner, da Universidade de Stanford, palmilhou as praias dos nossos Estados do Norte a estudar os recifes que as orlam, de Pernambuco á Bahia. As vossas explorações do Amazonas contam-se entre as mais luminosas contribuições acerca do poderoso rio. Lastimo que o meu amigo e vosso patricio, Coronel Church, da Real Sociedade Geographica de Londres, não esteja aqui para ajudar-me. Em parte nenhuma haveis de encontrar um campo para descobrimentos geographicos e scientificos como o Brazil, que supposto haver emergido do oceano muito antes de qualquer outra parte do mundo, conserva todavia as maiores extensões de territorio desconhecido no globo. Lembrai-vos que estão localisadas em vosso continente.

Receio que todos nós venhamos a ser havidos pela posteridade, por vandalos e iconoclastas, porque todo o dia, em toda a parte, as mais admiraveis formas de vida, debuxos unicos, padrões inimitaveis da creação, são brutalmente destruidos sem que sejam sequer copiados para os salvar do esquecimento. Emquanto a Sciencia olhar calada e de braços crusados para esse desbarato, a Idade Scientifica não terá ainda começado. Ora, quer me parecer que a vós, vos toca a responsabilidade da nossa fama perante a posteridade, visto que vós sós, mercê da generosidade dos vossos doadores, é que tendes bastante riqueza para realizar qualquer obra que pareça verdadeiramente um dever da Sciencia para com a Natureza e o seu grande Autor.

Esta minha referencia aos vossos millionarios faz-me lembrar uma coisa que li nos antigos papeis da Embaixada. Costumava o nosso primeiro representante aqui, enviar ao seu Governo, que éra então monarchico, commentarios a respeito das coisas deste paiz. Em uma das suas notas escrevia: "Acaba o ex-presidente Jefferson de obter da legislatura do seu Estado permissão para vender a sua propriedade por meio de uma loteria afim de poder pagar aos seus credores. Adams, a quem fiz uma visita, não me pareceu tão pouco homem de grandes riquezas, e em verdade não possúe nada de seu. Madison não parece ser homem de recursos. Monroe está a pique de pedir esmolas." Em outro officio elle informará que o Congresso votou vinte nove mil dollars para ajudar o ex-presidente. E remata com o seguinte reparo: "Esta situação de ver-

dadeira pobreza entre as mais preeminentes homens do paiz, convencerá ao mundo que o hoje chamado republicanismo moderno só vingá gerar indignancia.”

Tomara saber o que diria elle agora, se visitasse o vosso paiz, acerca do republicanismo moderno gerar pobreza. Mas asseguro-vos que de minha parte não irei relatar que elle só gera riqueza.

Não. Gera coisas mais preciosas. A face moral e mental da vossa medalha nacional, debuxada por Benjamin Franklin, é ainda a sua principal face, e não a da vossa incalculavel riqueza. Mas não deixarei de commentar a parte salientissima, a funcção publica, que a riqueza desempenha com referencia ás vossas Universidades, favorecendo directamente á educação publica e, por derradeiro, a Sciencia. Essa alliança da Riqueza e da Sciencia é a mais bemfazeja de quantas registra a historia. Accelerar a marcha da Sciencia é de feito o mais alto serviço que se pode render á humanidade, ao passo que é difficil esmar o desperdiço de energia humana, a somma de penas causadas pelo mais insensivel retardamento no seu passo. A Sciencia ali geira sem duvida as penas do homem, multiplica-lhe os labores, melhora-lhe a condição, em um gráo e medida que a beneficencia e caridade nunca o logriam. Caridade é local, Sciencia é universal.

Ora bem, Senhores, o Brazil vos offerece a maior possibilidade de dilatar o dominio da Sciencia. Tendes os homens ; tendes os meios : mãos á obra. Ajudai-nos a fazer o inventario scientifico da nossa natureza antes que ella venha a ficar mutilada, antes que desap-

pareçam as mais das suas obras desconhecidas e ineditas. Se quizerdes pôr peito a essa empreza, os meus melhores votos vos acompanharão. Haverieis de averiguar por toda a parte que lá a hospitalidade é o producto mais natural da nossa terra, como o é da vossa.

---



## DISCURSO

Pronunciado por ocasião do lançamento da pedra do edificio destinado ao Bureau Internacional das Republicas Americanas, em Washington, aos 11 de Maio de 1908.

---

Alludistes, Snr. Presidente, aos outros Estados deste Continente, de um modo que vai causar viva satisfação a todos elles e immensa gratidão á vossa pessoa. Podeis muito bem avaliar que, com a sua admiração pela vossa raça e pela andadura, até hoje, inda não emparelhada do seu progresso, todos trazem a esta União o orgulho de sua herança latina, cujo mais alto testemunho é a propria lingua inglêsa. Somente quando chegar a vez de cada um delles desenvolver o quinhão recebido em sua nascença, como fez esta nação com o seu, é que o mundo poderá ajuisar da grandeza do legado de Colombo. Oxalá que os vossos bons augurios venham a ser realidade. A par das generosas saudações, o vosso discurso exhala a alma de um povo que não consente jamais differença de tratamento entre nações fortes e nações debeis.

Muito folgamos de acclamar os altos louvores que acabastes de tecer ao presente Secretario de Estado, ao conferir-lhe a *laurea insignis*, neste dia do seu triumpho. A sua visita á America do Sul, e á Central, foi

uma destas inspirações que caracterizam o Estadista fadado a viver no coração de muitos povos. Pela elevação dos seus ideais, sua lealdade, suas amplas sympathias, seu tacto para lidar com a imponderavel sensibilidade internacional, soube captivar o coração de todas as nossas nações, e logrou enviar-vos o mais brilhante *veni, vidi, vici* da Diplomacia. Por sua vez esses povos o aprêsaram e hão de guardar a sua imagem para sempre, como refem amistoso de paz e bôa vontade desta grande Republica.

Podeis muito bem ser generoso, Snr. Presidente. Nenhum Presidente dos Estados Unidos deixará mais fundo sulco na historia do Pan-Americanismo, do que estais abrindo de oceano a oceano, para mudar os caminhos maritimos do mundo, afim de approximar os povos e as cidades nos dois frontespicios do nosso continente.

Nós vos agradecemos, Mr. Carnegie, a munificente doação. Com escolher esta cidade para os trabalhos permanentes da nossa União, mostraram as Republicas latinas da America, de modo mais eloquente o seu alto apreço á nação que tem a supremacia neste continente e que por isso é tambem um dos luminares da Civilização. Recordaste que o vosso paiz é a um tempo nosso associado e nosso hospede, e que nunca se pagou mais alto tributo, que o nosso, a esta Democracia americana, a qual o vosco livro tanto encareceu ás gerações presentes. Ha de vos ter movido tambem o pensamento que deu origem a tantas obras vossas: o de contribuirdes através da posteridade para a causa

da Paz. Acreditais com muita razão que a Paz é a Caridade Universal. A nossa é com effeito uma aliança de todo pacifica e refulge alem da orbita americana, somente para mostrar que este Continente já se pode chamar o Continente da Paz.

Senhores, ainda não houve paralelo para o espectáculo que esta cerimonia ostenta: o de vinte nações, de varias linguas, a erigir juntas um edificio para as suas deliberações communs. E tanto mais impressivo é tal espectáculo, quanto se adverte que esses paizes com todas as differenças possiveis entre si, assentaram a sua união no pé da mais absoluta igualdade. Aqui, têm os votos dos mais pequeninos o mesmo pêso que os dos maiores. Tantos Estados soberanos não podiam espontaneamente reunir-se em tão apertado contacto, senão por obra de uma força irresistivel, se não existira em todos elles, no intimo ou á superficie de cada consciencia, o senso do destino commum de toda a America. Parece de feito que um decreto da Providencia fez a costa occidental do Atlantico surgir a cinte tão retardada na Historia, para ser a terra eleita da grande reformação da especie humana. Dês dos primeiros dias da sua colonisação, rebentou no coração de todos os seus filhos o sentimento de que este é de veras um novo Mundo. Tal é o sentimento que nos aggrega a todos nós neste dia auspicioso. Sentimos que somos todos filhos de Colombo. E se aqui nos achamos reunidos, é que somos tambem filhos de Washington. Alçando-se por sôbre o Potomac, com o Capitolio á vista, a nova casa das Republicas ameri-

canas será outro monumento ao fundador da Liberdade moderna. Aquelle é o seu monumento nacional, este é o continental.

Senhores, ouvindo ainda a vós de sua Eminencia, o Cardeal Gibbons, a invocar para esta União, as bençãos celestiais, as nossas preces são para que o nosso pacto venha a sêr cada vez mais forte, afim de que logremos sentir a perfeita inspiração da indissolúvel confraternisação das duas Americas.

---

## O ESPIRITO DE NACIONALIDADE NA HISTORIA DO BRAZIL

---

Conferencia feita perante o *Spanish Club* da Universidade de Yale aos 15 de Maio de 1908.

Senhores do Club hispanico  
da Universidade de Yale:

Parece natural sequencia falar do Brazil, depois de me haver occupado dos Lusiadas, uma vez que o Brazil e os Lusiadas são as duas grandes obras de Portugal. Conheceis os pontos e factos capitais relativos ao Brazil. Como não ignorais, é um dos mais vastos paizes no mundo, e o tamanho é consideravel elemento em psychologia racial. Tratarei pois somente das circumstancias que nos habilitaram a retê-lo unido em nossas mãos até os dias presentes. Foi isso o resultado dum espirito publico nacional mui precoce, e da sua bôa estrella.

O espirito nacional desenvolveu-se, lá como aqui, dès dos seus primeiros dias. As colonisações na costa, pequenas e separadas por longas distancias, aprenderam, para logo, como por instincto, a ajudar umas ás outras. O espirito original era naturalmente o espirito portugûes, o qual nunca se afastara da fidelidade ao Rei; mas a distancia e o desamparo aos seus

proprios recursos, geraram em todas as colonias, entregues a si mesmas, um sentimento de nacionalismo á parte, que se revelou muito cedo ainda nos tempos coloniais. As varias capitánias tinham que se entender com a Metropole através do oceano, de modo que uma differente individualidade com laivos de particularismo surdiu em quasi todas, Maranhenses, Pernambucanos, Bahianos, Paulistas, Mineiros, comquanto todas sentissem um laço commum, embora secundario. Si a obediencia portugûesa era um penhor de união, o era tambem a Religião, o Catholicismo. Sem o fervor religioso fôra o Brasil seguramente vasado em varios moldes, adquirindo nacionalidades diversas, portugûesa, francêsa, hollandêsa, espanhola e mui provavelmente inglêsa. Se foi o Catholicismo, foi o Jesuita.

Não fôra Portugal feito ainda em tempo de Loyola uma Provincia da Companhia, outro destino tivera o Brasil. Sem o Padre Nobrega não teriam os Francêses sido expulsos do Rio de Janeiro; sem os Padres Manuel Gomes e Diogo Nunes, não o seriam tambem do Maranhão. Sem os Jesuitas não houvera população fixa até muito tarde, e desapareceriam as raças indigenas nos sertões, e em vez de igrejas e aldêas, o paiz teria unicamente que mostrar, por largo espaço, os caminhos do trafico de escravos através das florestas, como na Africa portugûesa. E' verdadeiramente uma raça de gigantes essa dos Jesuitas nos seculos 16<sup>o</sup> e 17<sup>o</sup>: em qualquer parte do mundo que se encontre. Não se poderia lastimar muito que as raças selvagens não ficassem sobre si para se perpetuar, como os Guaranyes

no Paraguay, nem por outro lado, que elles cessassem de ser Missionarios. E que Missionarios, se lhes acompanhardes os passos quer no Brazil, quer no Canadá; entre os Iroquois ou os Arancanios. Pegai de um homem como o Padre Antonio Vieria, um homem de genio, cujo nome nas lettras portuguezas se acha somente abaixo do de Camões, o pujante orador, a quem o pulpito espanhol não tem nenhum nome a contrapôr. Vêde-o debil e enfermo emprehender longas jornadas pelos sertões do Norte do Brazil, a pé ou em rêde, a bem dos Indios, por amôr delles. O historiador pode marcar a fronte do Brazil Colonial, quer na infancia, quer na adolescencia, simplesmente com duas lettras: C. J.

Dês de muito cedo as colonias, de seu proprio alvedrio e inspiração, por assim dizer, prestaram assistencia ás mais distantes por occasião das invasões. Não fôra pela assistencia das que vieram a ser os Estados da Bahia e São Paulo, a bahia do Rio de Janeiro seria provavelmente francêsa. Uniram-se ellas para repellir os Francêses, alliados com os Indios locais, os Tamoyos, e de 1565 a 1571 destruíram o germen da França Antartica, de Nicolau Durand, de Villegaignon. Do mesmo modo o povo de Pernambuco em 1615, sob Jeronymo de Albuquerque, irá ao Maranhão para destruir a nascente França Equinoxial do Senhor de La Ravardière. Que grande e incessante esforços os desses Colonizadores para ficarem com o paiz para si. Em 1616 elles fundam, partindo do Maranhão, a cidade do Pará, e em seguida rechassam os hollandêses, to-

mando-lhes os fortes á esquerda do Amazonas, em 1625, e o dos ingleses á direita, entre esse anno e 1629. De 1637 a 1639 exploraram o poderoso rio dês da foz até a jurisdição de Quito. Tomai, por exemplo, a expedição de Pedro Teixeira (1637-39). Leva comsigo, em 47 canôas grandes, obra de 2000 homens, sobre o Amazonas, da embocadura ao seu affluente Napo; lá deixa as suas tropas e vai por terra a Quito na esperança de ver o Vice-Rei do Perú, em Lima, mas d'elle recebeu ordem para regressar sem detença ao Pará afim de vigiar o hollandês. Isso representa uma viagem de mais de 4000 milhas em canôa sobre um rio deserto e com dois mil homens.

Nada vos mostra tão bem que, no seculo XVII, já tinha o Brasil uma vida nacional bastante forte, como a luta dos Pernambucanos com os hollandêses. Em 1580 desapareceu Portugal dentre as Nações Europeas, sendo a sua corôa unida á da Espanha. Os hollandêses que eram inimigos dessa, vieram accommetter as suas novas possessões através do oceano e conquistaram larga porção do Brasil. Certo tempo houve, durante o governo do Principe Mauricio de Nassau, em que a Potencia hollandêsa parecia definitivamente estabelecida lá. Havia muita riqueza em Pernambuco. Eis o que dizia de Olinda um frade, escriptor do tempo: "artigos de ouro e prata eram sem numero nas custosas casas, e quem não possuía um serviço de prata era havido por pobretão. Não se contentavam as mulheres com taffetás, veludos e sedas; queriam os tecidos finos de ouro e prata e brocados; eram em tal abun-



dancia as joias que parece havia chuído em seus collos perolas, rubis, esmeralda e diamantes. Banquetes e jogos eram todos os dias, de sorte que o lugar podia dizer-se uma pintura do Paraiso terrestre.” Em vez dessa cidade, preferiu o Principe Mauricio para a sua capital, o sitio proximo do porto, a presente capital do Estado de Pernambuco, Recife, nome tomado a uns recifes que lhe ficam em frente. Os livros hollandêses desse periodo são monumentos do seu claro governo. Havia em torno delle mais cultura que no resto do Continente. Estava cercado de um grupo de naturalistas, pintores, architectos, escriptores, cuja era elle a alma. Era um typo nobre de governante; accendeu naquella idade, na ponta occidental do Brazil, esses dois grandes lumes, liberdade de consciencia e liberdade commercial. Houvera elle ficado, ninguem pode dizer o que teria realizado um espirito tão superior ao estado de cultura do paiz a esse tempo. Mas a Companhia das Indias Occidentaes chamou-o e mostrou que apenas queria o Brazil para uma feitoria. Ingente foi o esforço da longingua e jovem colonia portugûesa na America do Sul para expulsar o invasor hollandês; levou uns trinta annos, mas teve a perseverança e pertinacia de um espirito nacional completamente maduro.

Durante a occupação hollandêsa no Brazil, Portugal se libertou do jugo espanhol e a um dado tempo pensou em comprar a sua paz na Europa a troco da cessão do Brazil ao hollandês. Foi o espirito nacional que levou Fernandes Vieira, lavrador Pernambucano, chefe do movimento popular a resistir ao Rei e as suas ordens

de depôr as armas. “Primeiro,” respondeu elle, “varrerei o hollandês do Brazil, e então me submeterrei a qualquer penalidade por desobedecer a Vossa Magestade.” A não ser pela Inglaterra entrar no mar contra a Hollanda, a attitude de Vieira puzera em risco a posição de Portugal na Europa; para elle já o Brazil estava acima de tudo. E’ esse ou não o verdadeiro sentimento de nacionalidade, o espirito do Continente? E’ tal espirito sobretudo que alcança para o povo de Pernambuco as duas victorias de 1648 e 1649, que decidiu da sorte do poder hollandês no Brazil. Em a sua *Historia do Brazil*, resume Robert Southey as tentativas hollandêses nestas palavras: “A peleja ambiciosa que os hollandêses sustentaram por tantos annos, com tal deshumanidade e tal dispendio de thesouro e sangue, não produziu outro beneficio que o de provar, como um aviso ás demais Potencias, quão impossivel é effectuar uma conquista permanente do Brazil. Povo de tão affincada nacionalidade como o portugês, em pais como esse, é invencivel por qualquer fôrça humana.”

Olhai para o Sul, os Paulistas por exemplo, descendentes dos primeiros colonisadores portugêses em São Paulo. Atravessam todo o paiz, quasi de um cabo a outro, em suas aventurosas expedições a cata de minas. Conhecem os sertões tão bem como talvez se não conheçam hoje. O espirito dessa gente era liberdade e independencia, que é o que cresce com a raça, e mediante o qual cada filho de Nova York se distingue do pai nascido no Reino, ou antes, cada pai europeu

toma a nacionalidade dos seus filhos. Poderia accumular muitissimos outros indicios do seu precoce desenvolvimento no Brazil amparado por todos elementos que tomaram parte em sua colonisação a pesar da politica da Mãe Patria sempre receiosa de o perder.

Mas não foi só o espirito nacional; foi tambem a sua bôa estrella. Mencionarei um ou dois factos. Até da occupação espanhola de Portugal nos resultaram grandes augmentos de territorio. A isso pode dizer-se, devemos a nossa parte da bacia do Amazonas. Não houvera Portugal submergido na Monarchia hespanhola, em 1580, a Espanha sem falta nenhuma disputaria o rio Amazonas, cuja foz descobrira-a um espanhol, Yañez Pinson, em 1500, e que foi pela primeira vez navegado, dos Andes á embocadura, por outro espanhol, Orellana, em 1542. Demais a mais esse rio estava comprehendido na parte do Mundo designada para a Espanha pelo papa Alexandre VI e pela linha de demarcação de Tordesillas. Com a união da corôa de Portugal á sua, não lhes importara, aos Reis de Espanha, á qual das duas corôas ficava sujeito o Amazonas, que ambas suas eram. Devido a essa circumstancia, não somente ratificaram o direito de Portugal sobre o estuario do grande rio de Orellana, senão tambem deram á corôa portugûesa as duas margens até a jurisdicção de Quito. Quando Portugal sacudiu o jugo de Espanha, as susa velhas colonias a seguiram, e destarte o Brazil tomou conta do territorio amazonico, que lhe viera ás mãos durante a occupação espanhola. A isso chamo sorte, dadiva de Deus.

Bôa fortuna chamarei tambem as circumstancias que immediatamente precederam e cercaram a Independencia. A America espanhola iniciou o movimento para a separação do governo europeu mais cedo que o Brazil, porem o nosso escape ao dominio de uma remota Metropole verificou-se antes do de qualquer Colonia espanhola. Em Novembro de 1807, o principe regente de Portugal, depois Dom João VI, que então governava no lugar da sua Mãe, ao saber que as tropas francêsas haviam transposto as fronteiras, passou apressadamente de Lisbõa ao Rio de Janeiro com toda a familia real, a côrte e o governo. Em o seu Manifesto, de 1º de Maio de 1808, ás Potencias amigas, disse que a ellas se dirigia das plagas do “novo Imperio que tinha vindo crear.” Era então o Rio de Janeiro a verdadeira capital da Monarchia. Não eramos mais Colonia. Em 1822 proclamou o Brazil a sua separação, mas dès do manifesto de Dom João a idéa do Imperio o absorvia e elle se considerava o primeiro e não o segundo socio.

Foi tambem á vinda da familia real para o Rio de Janeiro que devemos a rara fortuna que aguardava a nossa Independencia. Foi seguramente circumstancia unica na historia que o herdeiro de uma Corôa preferisse construir novo throno para si a tomar o dos seus antepassados. Se em vez de se fazer Imperador do Brazil, obedecera o Principe Dom Pedro ás Côrtes de Lisbõa e tornasse á patria, a nossa pacifica Independencia, como se realisou no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Geraes, Pernambuco e quasi em todo o paiz,

houvéra sido perturbada por toda parte pela resistencia das tropas portuguezas como foi o caso na Bahia e Pará. Fôra talvez uma Independencia sanguinosa, e é bem possivel que a Inglaterra, á vista da sua tradicional alliança com Portugal, houvesse sustentado a politica da Santa Alliança para suffocar o movimento Republicano na America latina. Mas não é só isto: ainda que o sentimento nacional já estava formado e inspiraria certamente o paiz, era ainda muito cedo para alcançar-se sem o prestigio de uma antiga Dynastia, o apagamento das rivalidades locais. O que aconteceu sob a Regencia de 1830 a 1840, uma perigosa distensão de patriotismo, teria talvez occorrido dez annos atrás, de uma forma mais perniciosa, dispartindo a America Portuguezá em varios fragmentos, como se deu com a America Espanhola.

Mencionarei ainda um indicio da nossa bôa estrella: o character dos governantes que sempre teve o Brasil. Nos seculos 17° e 18° durante o periodo colonial pertenceram elles á antiga classe de velhos governadores portuguezes, disciplinados no estricto sentimento de lealdade ao Rei e na responsabilidade civica. Veio com o seculo 19° a Independencia. O nosso primeiro Imperador, Dom Pedro I, era arrebatado, voluntarioso e arrogante nos modos, mas recto, cavalleiroso e liberal. Morreu, e vive ainda, como o heróe popular de dois paizes, como o seu amigo, General Lafayette. Deu liberdade Constitucional aos dois paizes Brazil e Portugal. Dom Pedro II, seu filho, que á idade de cinco annos, em 1831, se tornou o guarda da nação brasileira,

regeu-a de 1840 a 1889, — entrava no 50° anno de governo quando veio abaixo a Monarchia, — e durante todo o seu reinado, para debuxal-o com um só traço, a liberdade da Imprensa não foi uma só vez atacada. O seu principal cliente era sempre a Opposição, e ella bem o sabia; fazia questão que cada êrro se fizesse publico e discutido contra os seus Ministros; acreditava na rotação dos partidos politicos, e assegurou-a. O seu Paço conservava-se aberto para o povo. Qualquer pessoa podia falar-lhe. A par disso, um character notavel por sua abnegação. A sua lista civil estava secretamente aberta para os pobres. Por esta razão tinha somente dividas, quando deixou o paiz, e as pagou com a venda em hasta publica dos seus moveis. Não dava grande apreço ao throno. “Se a attitude imprudente dos Partidos Monarchicos der ganho de causa aos Republicanos,” escreveu elle á margem de um pamphleto politico, “que prova isso?... Colloco sempre o bem estar da Nação acima da exclusiva consideração do interesse monarchico.” Em uma palavra, elle é um Benjamin Franklin corôado. Em seguida, em 15 de Novembro de 1889, foi de um lance proclamada a Republica. O ideal da democracia, sem o principio hereditario, sempre se figurou á mocidade brasileira como a meta politica. Foi isso obra da nunca interrompida attracção do poderoso magnete posto na cupula do Capitolio de Washington. Depois disso nunca se levantou a minima duvida acerca da absoluta integridade dos seis Presidentes, que formam a serie dos governantes dês de Dom Pedro II. Os dois pri-

meiros eram antigos generais do Imperio, eleitos pelo Congresso ao tempo em que a Republica estava ainda no seu berço, e se receavam convulsões. As eleições populares dos demais, foram as mais felizes escolhas que se podiam fazer para a missão especial a que cada qual era chamado.

No Brazil, como vêdes, nunca se abriu mão da liberdade a bem da ordem; ella, pelo contrario, vingou sempre como fructo seu, da mesma arvore da ordem plantada em nossa Independencia. Bem sei que a ordem precede a liberdade, e que baldados são os empenhos para ter liberdade onde a ordem não se acha assegurada, e portanto nunca deixaria de render homenagem aos grandes governantes que surgem como salvadores da sociedade, onde a liberdade abala e destróe os seus necessarios alicerces, que são a ordem. Nós outros nunca nos encontramos carecidos de taes homens, em tanto que foi sempre a nossa bôa fortuna não acontecer que em nenhum momento da nossa vida houvessemos de entrar em um desses balburdiamentos politicos, com que se têm avindo por tanto tempo algumas das nossas irmãs. Se o Brazil, sob a Monarchia, em vez de ser por annos e annos um caso solitario de antogoverno liberal, na America latina, houvera sido um exemplo de despotismo, o germen das liberdades politicas vingara muito mais tarde em torno d'elle. No que toca á Republica Argentina, o exemplo liberal do Brazil foi com certeza um factor poderoso na transformação do despotismo local em um governo nacional liberal.

Sempre teve o Brazil consciencia da sua extensão e foi governado pelo sentimento profetico do seu futuro. Mostrou-o como Nação, dès do seu primeiro dia, tomando para si o titulo de Imperio, ao passo que Portugal, a antiga mãe-patria, ficava sendo Reino. O Principe Dom Pedro ao preferir a nova corôa americana á antiga corôa européa, seguiu simplesmente o conselho do seu pai. Dès de D. João IV, consoante as revelações da Rainha ao grande Jesuita, Padre Antonio Vieira, tornara-se o Brazil a derradeira esperanza da dynastia portugêsa.

Entre as circumstancias felizes que concorreram para conservarmos o nosso territorio, sem recorrer novamente ás armas, após a expulsão dos hollandêses, devemos contar, durante o periodo colonial, a tradicional amizade entre Portugal e Inglaterra, e depois da Independencia, a influencia exercida sobre toda a Europa por esta grande Nação. O desejo da Europa de alcançar a vossa bôa-vontade permittiu que a Doutrina Monroe passasse sem protestos. Foi um bem que Monroe apparecesse no tempo de Canning. A conjuncção foi sem duvida a mais feliz. Para provar que dependia a immunidade da America Latina grandemente do prestigio deste Paiz, por mais muda e inadvertida que fosse a força de sua presença, quer para os que se lhe oppunham, quer para os a quem ella beneficiava, basta recordar-vos o facto de que ao re-bentar a Guerra da Separação, quando a muitos se figurava inevitavel que o vosso paiz se dispartiria em dois corpos distinctos, para logo se deu a subita invasão do



Mexico por un exercito europeu, portador de novas instituições politicas.

Tanto comprehendeu logo o Brazil o bem que importava para a America Latina a Doutrina de Monroe, que foi a primeira das novas nações que lhe deu apoio. Sessenta dias depois de ser emittida, na Mensagem de 3 de Dezembro de 1823, mandou o Governo Brasileiro ao seu Representante em Washington instrucções para propôr ao Governo Americano uma Alliança offensiva e defensiva. Muito antes da nossa Independencia, quando até pensar nisso era crime, já os Patriotas brasileiros punham os olhos na nova democracia americana. Já em 1787 tentaram interessar em sua causa a Jefferson, então em França, e elle lhes não recusou sua sympathia, ainda que estava obrigado, como Agente Diplomatico, a lhes negar cooperação. Parte dahi o curso da sympathia nacional, da nossa parte.

Se me perguntasseis qual vem a ser o principal caracteristico nacional do Brazil, responderia certamente que é o idealismo. Desse idealismo comparte o americano. Sempre fomos e continuamos leais ao nosso Continente. Nunca poderia a nossa Nação se escravisar a um commettimento egoistico e baixo: governa-a a imaginação. Sempre obedecerá ao idealismo. E por isso é que nunca conheceu governo arbitrario e pessoal; não pode sequer produzir o despota, e se elle apparecesse havia de sentir o vacuo em torno de si. Cada movimento em nossa historia pode lançar-se á conta do idealismo, e idealismo só. Interesse ou ego-

ismo não explicaria nenhum. Vêde os nossos dois Imperadores: um é um libertador, um heróe nacional; o outro um philosopho devotado ao seu paiz. A attitude de ambos, por toda a vida, quer no throno, quer no exilio, era uma constante idealisação do papel que deveriam representar para merecer o applauso da posteridade. E por falar em idealismo no throno, não apresenta a historia muitos exemplos mais brilhantes e impressivos que o da Princeza Imperial Dona Isabel, que emquanto Regente do Imperio, em 1888, provocou, de seu motu proprio, a queda de um Gabinete, afim de chamar um estadista resolvido a propôr ao Parlamento a abolição immediata da escravidão. E ella o fez sabendo que os antigos conservadores desamparariam o throno diante do progresso da agitação republicana no paiz. Que maior pagina de idealismo haverá na historia, que o curso do movimento para a abolição da escravatura no Brazil? Os mesmos senhores de escravos muito concorreram para o seu esplendor. Alforriaram os seus escravos, ás vezes aos centos, facto que se não registrou, ainda nos tempos das Perseguições, quando a sociedade romana era arrastada pelo novo ideal e pela vivida perspectiva de uma vida superior. E a passagem da lei da abolição pelo Parlamento dentro em sete dias! Attentai nos nossos Presidentes: cada um trouxe uma idéa á defender; cada um trouxe um plano a pôr por obra em sua Administração, ao qual tudo subordinaram, e terminado o seu mandato, ligaram-lhe o nome. Isso é idealismo. A Independencia, a Abolição, a Republica, todas as tres nasceram

immaculadas de sangue, mercê do idealismo que adorna os interesses adversos e as expectativas logradas, por maiores que sejam, sempre que um dos grandes destinos da Nação tem que ser cumpido. Os grandes acontecimentos politicos amaduraram na arvore e os frutos colheram-se perfeitamente sasonados.

Lastimo que me aqui não esteja fazendo as vezes o meu patricio, Senador Ruy Barbosa. Então verieis que não ha nada na sciencia americana da Politica e do Direito, ou na literatura americana, que se não conheça no Brazil. Ninguem parecia ter lhe ouvido o nome no estrangeiro, se bem que fosse a mais conspicua figura intellectual nos ultimos vinte annos da nossa politica; sem embargo, na Segunda Conferencia da Haya conquistou elle de um lance uma reputação mundial. Alli se mostrou valer uma legião. Sinto que uma vez se houvesse desavindo com a Delegação Americana, mas os principios que elle pleiteava mais cedo ou mais tarde terão que vingar, que sem elles é impossivel estabelecer-se um Tribunal de Arbitramento, que quadre a toda a humanidade. Donde lhe veiu tamanho renome? Certo não foi só do poder intellectual; foi o poder da intelligencia, a serviço do idealismo. Outro exemplo: o nosso Ministro do Exterior, Barão do Rio Branco, nome festejado através de toda a America Latina. Foi Ministro do Exterior com o Presidente Rodrigues Alves, e continúa com o Presidente Penna. Prova isso que o Brazil afastou a sua politica externa da esfera politica ou partidaria, dès que appareceu um homem que podia identificar-se ex-

clusivamente com a idéa da Patria. Foi elle um estudioso da historia, da geographia e das relações exteriores do Brasil, uma sentinella da integridade do nosso territorio, que elle augmentou, não somente porque venceu inteiramente dois pleitos seculares, nos quais estavam envolvidas as nossas fronteiras, um perante o Presidente Cleveland, o outro perante o Conselho Federal Suizo, senão tambem porque aggregou-lhe larga extensão, no valle do Amazonas, adquirindo-a por negociação e compra. Não é isso prova de que o paiz é regido pelas suas mais altas aspirações? Não é tudo isso idealismo da mais lidima especie, a que é sempre sabedoria?

Senhores, permitti-me uma observação mais. Dom Pedro II do Brazil, General Mitre, da Republica Argentina, e General Porfirio Diaz, do Mexico, foram as tres grandes figuras da America Latina do meu tempo. Visitou Dom Pedro este paiz em 1876, foi amigo de Longfellow e de Agassiz, como o foi de todos os grandes poetas e naturalistas do seu tempo; mostrastes a miude em que altura havieis o seu character, como, por exemplo, quando os cabeças da União e da Confederação, recusando uma mediação durante a Guerra Civil, consta haverem declarado que, se isso viesse a dar-se seria o natural mediador o Imperador do Brazil; e tambem quando vós e a Grã Bretanha lhe pedistes para indicar um dos Arbitros, no caso de Alabama. O General Diaz vive ao pé da vossa fronteira: sois testemunhas, por assim dizer, oculares, da grande obra que elle ha realisado para o Mexico. Mas o terceiro,

General Mitre, vos é ainda um completo estranho. E' de lastimar, do ponto de vista Continental, que um heróe nacional Sul-Americano, com uma vida tão longa, brilhante e nobre, como o General Bartholomé Mitre, vivesse e viesse a morrer sem disso dar fé esta grande Nação. Inutil será addicionar qualquer outra prova do pouco que é conhecida a America Latina nos Estados Unidos. Muito podem fazer as Universidades Americanas para chamar a attenção da mocidade americana para as Republicas do Sul. Adverti, — se me é licito repetir as minhas palavras do outro dia ao lançar-se a pedra triangular da futura casa das Republicas Americanas em Washington, — em que ellas são comvosco co-herdeiras do grande legado de Colombo e que a nossa associação é indissolúvel.

---



## A APPROXIMAÇÃO DAS DUAS AMERICAS

---

Discurso de convocação pronunciado na Universidade de  
Chicago aos 28 de Agosto de 1908.

Senhor Presidente,  
Senhores da Universidade,

Antes de começar a minha conferencia, desejara me consentissem transportar os espiritos um momento para o lugarejo alemão, a que hoje, a esta mesma hora, foram dados os restos mortais do Embaixador Alemão, Barão Speck von Sternburg. Elle podia ser havido como o typo do diplomata completo, cuja missão é crear, entre a nação junto a qual está acreditado e a sua propria, solidos laços de amizade e confiança. Nenhum homem em seu pòsto pudera aspirar mais honrosos epitafios do que os telegrammas do Imperador Alemão e Presidente Roosevelt, lastimando a grandeza da sua perda, quer para a Alemanha, quer para os Estados Unidos.

“Quanto ao homem em si, nenhum espectaculo de coragem moral e de altos escopos na vida teve tamanha belleza como a sua imperturbavel attitude em frente da morte, avançando a largos passos ao seu encontro.

O seu unico meio de arrostar as crescentes sombras foi augmentar intensamente o nobre uso de sua vida. Como um collega que tem que falar no dia do seu funeral a uma Universidade Americana, da qual elle teve a honra de ser alumno, senti-me na obrigação de exprimir primeiro êste sentimento de pesar e admiração.”

Orgulho-me de falar a esta Universidade, digna da cidade que, pêlo subito e gigantesco crescimento, tanto pasma ao mundo e que é a primeira de todas as estações de experiencia de americanização.

Em Chicago, melhor que em outra qualquer parte, pode seguir-se o processo rapido por que passa uma planta estrangeira para, em uma ou duas estações, dar fruto genuinamente americano. Aqui nos achamos em um dos portões do mundo, por onde entram novas concepções sociais, novas formas de ser, em uma das fontes da civilização moderna.

O tributo á sciencia, do qual surgiu esta Universidade, é o mais benefico dos que a riqueza ja-mais pagou á especie humana. Alargar a proporção em que se desenvolve a sciencia é, sem comparação, o maior serviço que se poderia prestar á humanidade. A religião será impotente para trazer á terra o reino de Deus, sem o concurso da sciencia em um estado de adeantamento que ainda nem podemos sequer ajuizar.

Em augmentando o numero de homens aptos para o meneio dos delicados instrumentos da sciencia, para lhe entenderem as differentes linguagens, para lhe apprehenderem os altos intuitos, concorrem as Univer-



sidades, mais que qualquer outra instituição, para este adeantado estado de saber, mediante o qual se transformará um dia a condição do homem.

Sinto-me' falto de palavras para exprimir o meu apreço ao chamado que recebi para falar deante de vós.

Tenho que levar tamanha honra á conta de uma distincta deferencia pessoal, mas peço venia para enxergar nisso principalmente um indicio da vossa sympathia para com a obra da approximação das duas Americas. Se o progresso dos nossos tempos muito ha de pasmar ás gerações futuras, maior admiração lhes causará que as duas grandes partes do nosso Continente hajam permanecido até tão tarde na historia quasi desconhecidas uma da outra.

Uma das razões desse afastamento foi que muitos espiritos na America Latina por largo tempo recearam o contacto mui de perto comvosco, attenta a grande differença de fôrça entre esta e as demais nações americanas. Por sua vês, os Estados Unidos, já de si um mundo, e mundo que cada dia cresce mais depressa, oppuseram sempre a esse movimento a mais forte das resistencias possiveis,—a da indifferença. Felizmente, um novo brado já resôa por toda a parte. As suspeitas cedem á confiança, e, se as Universidades puserem peito á obra do Secretario Root, a indifferença, por sua vês, dará passagem ao sentimento de afinidade continental.

No Brazil, devo dizê-lo, os principais estadistas nunca temeram a associação com este paiz. Tanto que foi recebida no Rio de Janeiro a Mensagem do Presi-

dente Monroe, em Dezembro de 1823, logo propôs o Governo Brasileiro aos Estados Unidos uma alliança offensiva e defensiva sôbre a base da Mensagem, allegando que sacrificios taes como os que ella implicava, a bem da America Latina, não deveram ser acceitos de graça.

Houve retardamento na transmissão da proposta e igual demora na resposta; Henry Clay, que neste entremente fôra feito Secretario de Estado, ao cabo respondeu que o Governo Americano não divisava nenhum perigo que justificasse uma alliança; mas do espirito dessa proposta nunca tivemos motivo de desviar-nos, e, como nenhum dissabor nos adveio, nunca esparámos que sobrevivessem a outros com adoptar o rumo que dês da nossa Independencia vimos seguindo.

Alguem disse uma vês que a sociedade de qualquer paiz latino comvosco, lembrava a sociedade, na fabula de Lafontaine, da panella de barro com a de ferro.

Não penso que a comparação assente a nenhuma das Republicas latinas. Com uma irreductivel cohesão, nenhuma dellas ha que reccar da sua nacionalidade.

O que importa essencialmente a uma nação é crystalizar, reduzir todas as suas partes á mesma forma symetrica, o esbôço de um sentimento nacional common; isto alcançado, como cuido ser o caso de toda a America latina, nunca viria a partir-se como de panella de barro. Vós, com toda a vossa alta civilisação, não podeis fazer mal a nenhuma outra nação. O contacto

intimo comvosco, seja em que condições for, só poderá, portanto, trazer beneficio e progresso á outra parte.

O unico effeito certo que posso enxergar no trato intimo da America latina comvosco é que ella viria a ser lentamente *americanizada*; isto é, se impregnaria, em medida diversa, do vosso optimismo, intrepidez e energia.

Fôra como um tratamento pêla electricidade. Não quero dizer que algum dia emparelhemos com o vosso passo. Nem o desejamos. Excedestes a toda actividade humana de que ha memoria, sem perturbar o *rhythm*o da vida. Fizestes novo *rhythm*o só para vós. Nós nunca o poderíamos conseguir. Para as raças latinas *festina lente* é a regra da saúde e da estabilidade. E seja-me licito dizer que é um bem para a humanidade que todas as raças não marchem a passo igual, que todas não corram. O reinado da sciencia ainda não começou, e sómente na idade da sciencia é que a humanidade poderia chegar á uniformidade, sem entrar logo em decadencia. Dignidade de vida, cultura, felicidade, liberdade, podem frui-las tambem as nações que se movem lentamente, comtanto que se movam com firmeza para a frente.

Tome-se um ponto commum em nosso destino. Devemos todos ser paizes de immigração. Mas para que possamos oppor a qualquer immigração estrangeira um espirito nacional capaz de reduzi-la de prompto a um civismo patriotico, como fazeis, a capacidade assimiladora do organismo latino tem que ser reforçada por toda a parte. Paizes de immigração devem possuir a

fôrça necessaria de assimilar quanto absorvem. Não basta para isso um solido patriotismo. O patriotismo é intenso em quasi todas as nações e porventura em nenhuma o é tanto como nas tribus sem historia. Não foram mais patrioticos os Romanos que os Lusitanos. Não é patriotsimo que attrahe immigração.

Em nossa estada entre vós tivemos occasião de observar o que é que a assegura. Deveis o vosso nunca emparelhado triumpho, de paiz de immigração, ao vosso espirito politico, em primeiro lugar. Sem isso, dada a natureza do vosso solo e da vossa raça, não teria limites o numero de forasteiros entre vós; e não terieis a innumeravel cifra de cidadãos, em que elles logo se convertem.

O espirito politico americano é uma combinação do espirito da liberdade individual com o da igualdade. A liberdade por si só não converteria o immigrante estrangeiro em novo cidadão; não nos consta que estrangeiros adoptem a nacionalidade dos livres paizes europeus para onde emigram. A igualdade é agente mais poderoso. O immigrante europeu eleva-se socialmente na America, e eis o que o faz desejar ser americano. Mas não lhe offerecesse o vosso progresso alguma coisa mais de que se orgulhar como cidadão, e elle não abraçaria tão geralmente a nova nacionalidade. E' o progresso dêste paiz, o lugar que abriu para si no mundo, que ajuda com orgulho nacional o espirito de liberdade e igualdade a conquistar para vós os milhões de immigrantes que tentam a vida na America. O trato comvosco ensinaria aos paizes americanos o se-

grêdo de empolgar os immigrants que os procuram e attrahi-los em largo numero. Esta seria por excellencia a mais util lição que lucrariam, porque, quando soubessem e lograssem transformar em verdadeiros cidadãos os seus immigrants, o grande problema nacional estaria resolvido para todos elles. Para comprehender que elles todos devem ser paizes de immigração e crear um apropriado *habitat* para o immigrant, indispensavel é que estudem em vosso laboratorio.

Eu nunca acabaria se houvera que enumerar todos os beneficios que á America Latina derivara do estreito intercambio com os Estados Unidos. Preferirieis talvez ouvir que vantagens adviriam para vós dêsse intercambio. Digo-vos francamente que a primeira seria apenas a vantagem que vem do fazer amigos; mas a meu ver não ha beneficio mais substancioso que esse para a nação que tem a supremacia no Continente.

A questão está em averiguar se assentastes em vosso espirito que êste Continente devera ser para cada uma das suas nações um prolongamento do seu solo nativo; que alguma especie de laço devera fazer delle uma só unidade moral na historia. Inspirou-se a doutrina de Monroe somente do receio de ver a Europa extender as suas esferas parallelas de influencia sôbre a America, como fez mais tarde na Africa, e quasi o logrou fazer na Asia, arriscando destarte a vossa posição solitaria? Ou vos moveu a intuição de que êste é um novo mundo, nascido com destino commum?

Acredito firmemente que a doutrina Monroe inspirou-se muito mais desse instincto americano — tome-se

a palavra *americano* no sentido continental — do que de qualquer temor ou perigo para vós outros. Sem duvida nessa doutrina se delineou toda uma politica estrangeira, da qual êste paiz nunca se afastou, de Monroe a Cleveland, de Clay a Blaine e a Root. Tal constancia, tal continuidade, é a melhor prova de que vossa politica americana obedece a um fundo instincto continental e não é somente uma medida de precaução nacional e defesa propria. Essa politica vos reteve alheios ao labyrintho da diplomacia européa, no qual, não fôra a doutrina Monroe, talvez viesseis a enredarvos.

Bem facil de comprehender é a tradicional reluctancia dos Estados Unidos em contrahir allianças de guerra. Os alliados de hoje são os rivais de alguns annos atrás, e o systema de allianças tem sempre que ser rotativo. Mas ha uma politica estrangeira que é transitoria e perigosa e outra que é permanente e segura.

A transitoria é toda aquella com que uma nação assegura auxilio, pensando só em si propria, isto é, a com que se serve de outra nação como instrumento; a politica estrangeira permanente é a por meio da qual tenta realizar com outra um destino commum. A differença entre a politica estrangeira permanente e a temporaria é que a ultima deve assumir a forma de uma alliança escripta, de um compromisso formal, com um prazo fixo de duração. As allianças passam, não têm elasticidade e são cheias de perigos, ao passo que a espontanea concurrencia nas mesmas linhas de acção

é o natural desenvolvimento do destino de cada nação. As alianças suppõem guerras ; a livre cooperação suppõe paz e mutuo auxilio, mediante sympathia e bôa vontade. Vós vos guardaes *das enleantes alianças*, que deprecou o Pae de vosso paiz, e todavia a concentração das Republicas americanas com a idéa que todas formam, sob varias bandeiras, um só systema politico, já é uma alliança moral.

Esta idéa fez largos progressos nos ultimos cinco annos e confio que não lhe faltará neste paiz o enthusiasmo que carece para vingar. A visita do Secretario Root á America latina ficará como uma balisa nas relações do nosso Continente, como a Mensagem de Monroe em 1823, a iniciativa de Blaine do movimento Pan-Americano. Pode chamar-se esta politica de criação dual, porque, se Blaine moldou o grupo das nações americanas unidas, foi Root que lhe deu vida e movimento.

As Conferencias Pan-Americanas, além da obra que realizam com as suas assembléas periodicas, são de muito alcance simplesmente pêlo seu character de instituição permanente. Dêste modo, ellas obram ainda durante os intervallos de quatro annos. Ahi está o movimento que levou á experiencia, ora em ensaio na America na America Central, de um tribunal internacional, o que é realmente um tentamen de Paz organizado em uma região trabalhada de choques politicos.

Nisso podeis ver o desenvolvimento do interesse que os Estados Unidos francamente professaram de ver a ordem e a paz permanentemente estabelecidas de ante-

mão em toda a circumvizinhança do futuro Canal de Panamá; mas bem certo é que a cooperação dos Estados Unidos e Mexico com as Republicas da America Central foi tambem um desenvolvimento da confiança mutua creada através do nosso Continente pêlas Conferencias Pan-Americanas, principalmente pêla ultima no Rio de Janeiro. Fôra em verdade de lastimar que essas nações pequeninas e bravas, cujo civismo está aberto para cada uma das outras em um espirito ignorado pelos demais paizes do mundo, não lograssem reduzir a politica a uma contestação sob regras strictas mantidas pelos arbitros de sua propria escolha. O Tribunal de Carthago devera ser saudado como um dos mais dignos commettimentos da moderna politica. Toda a America está em sympathia com essas bravas communidades, fortemente embebidas no espirito nacional, no seu empenho de crear um Amphictyonio da Paz na nêsga de terra que divide os dois oceanos e une as duas Americas.

Mas as Conferencias Pan-Americanas não bastam para levar avante a idéa que inspirou a sua criação. E' certo que os Governos falam nellas pêlas nações e as vistas que apresentam são as nacionais, que teriam o apoio de todos os partidos; mas os Congressos de delegados não tocam em certos pontos melindrosos, havendo uma tendencia geral de os occultar da opinião publica. As Conferencias Pan-Americanas são assembléas diplomaticas; os povos não se reúnem nellas para declarar aos outros os seus erros, nem appellar para a sympathia dos outros; a questão do progresso interno



de uma comunidade não é das que a diplomacia pode abertamente auxiliar. De sorte que ao lado das Conferencias ha lugar para um maior factor, já uma vez alludido por Mr. Root, para uma opinião publica pan-americana.

Vimos em nossos dias os principios parlamentares mais ou menos reconhecidos pêlas antigas monarchias absolutas: Russia, Japão, Persia e agora a Turquia. Não fôra nenhuma surpresa se a China as acompanhasse. Essa é a melhor evidencia da fôrça niveladora da opinião do mundo. Essa opinião do mundo já exerce, sem duvida, consideravel influencia sôbre os paizes americanos. Não pode dizer-se que qualquer Republica Americana lhe tenha sido inaccessible. Fôra absurdo imaginar qualquer nação do nosso Continente insensível e fechada a uma influencia que affectou e transformou politicamente as sociedades Budhistas e Mahometanas. As revoluções estão se tornando raras na America latina. Nas regiões em que surdiam com mais frequencia não se ouve falar dellas ha obra de meio seculo; a area em que as revoluções continuam activas tornou-se muito reduzida; mas ainda onde ellas occorrem mais amiude, o antigo estado geral revolucionario de anarchia cessou de existir, a ordem é sempre promptamente restabelecida. A revolução parece o acto do homem para quem a faculdade de observar a ordem se embotou; é uma tremenda tempestade, porém não mais um furacão arrasador. Emtanto, a par dessa distante e vaga opinião do mundo, que tanto já fez, havemos mistér de uma opinião americana com-

num, ampliada pela concentração e reflexão directa de nação a nação.

Somente o progresso dessa opinião pode, por exemplo, tornar obsoleto o direito de asylo. A maxima positivista é tão verdadeira quanto profunda: "Somente se destroe o que se substitue." Não podemos destruir o direito de asylo se não pusermos em seu lugar alguma cousa que melhor preencha as funcções que o geraram. Esse direito somente foi substituido pêlo progresso da justiça. Se o direito e a justiça viessem a ser intermittentes, o direito de asylo reaparecia por toda a parte. Esta é uma das mais antigas e nobres tradições da especie humana. Não o supprimirieis matando a piedade e a generosidade; ellas não podem ser eliminadas; somente o supprimirieis, alargando a protecção das leis e o senso de justiça.

Uma opinião publica americana polirá á maior perfeição as instituições publicas dos Estados Americanos, mas essa opinião está ainda em formação. A sua fase inicial ou preparatoria será a publicidade continental; publicidade, não só desimpedida mas desapaixonada, clara e verdadeira, começando com a inviolavel liberdade da imprensa. Quando essa opinião chegar a seu completo desenvolvimento, fazer parte da União das Republicas Americanas importa immumidade para cada uma dellas, não só de conquistas estrangeiras, mas tambem de govêrno arbitrario e suspensão da liberdade publica e individual.

Na influencia dessa opinião commum a todas as Americas grande parte está reservada ás Universidades

do Continente, aos educadores e nenhum dos nossos paizes pode comparar-se com o vosso na extensão e multiplicação dos seus meios de educação. Não ha duvida que os principais agentes dessa opinião serão o livro e a imprensa. Permitti-me exprimir a esperança que em todos os nossos paizes os escriptores pensarão na sensibilidade das Nações estrangeiras.

A sympathia é sempre necessaria para se fazer bem. Antes de mais nada cada um ha de educar-se a tolerar a diversidade na raça humana. O mundo estivera bem cêrca do seu fim, se todos os paizes falassem o mesmo idioma. Que todos se convençam que Deus deve ter tido lá suas razões para crear raças humanas diversas, em vez de uma só. Em affeiçoando-se a essa idéa, o critico estrangeiro adquirirá mais clemencia, mais paciencia e dobrará de empenho em tudo comprehender, e com isto crescerá o seu interesse e alargará o seu horizonte intellectual, e então estará apparelhado para melhorar, em vez de somente agravar, a condição em que encontrou faltas.

Comprehendendo que a razão da minha presença aqui era o vosso desejo de mostrar interesse em a nova politica pan-americana, fiz della o thema da minha conferencia. Tenho que não errei com acreditar que o assumpto harmonizava com o espirito da presente occasião.

Esta cerimonia bem pudera comparar-se ao lançamento de novos barcos no mar da actividade civica americana.

Ao emprehenderem a sua viagem, desejo exprimir-lhes a minha viva esperança de que a par das largas transformações que se realizarão no mundo, a seu tempo, as quaes nem podemos avaliar, elles vejam todos os Estados das duas Americas conhecendo-se, amando-se e havendo uns aos outros como membros de uma só familia entre as Nações.

---

---

A *Revista Americana*, No. 8, publicou uma traducção minha desta conferencia. (N. do T.)

## SAINT-GAUDENS

---

Allocução proferida na Sessão commemorativa do Instituto Americano dos Architectos na *Concoran Gallery of Art*, Washington, aos 15 de Dezembro de 1908.

Minhas Senhoras,  
Meus Senhores,

Posso perfeitamente comprehender porque nenhum genio americano aspira a outra immortalidade, senão a que lhe assegura o seu proprio paiz. Porem, como a sciencia, a arte é una, e para um nome viver na arte por todo o sempre, tem fatalmente que conquistar o mundo inteiro. Creio que Saint-Gaudens viverá para sempre e a sua conquista já principiou.

Não é difficil reconhecer de prompto a immortalidade. De Platão e Phidias a Emerson e Saint-Gaudens, todo o espirito immortal causou para logo essa impressão. Recordo-me da primeira vês que estive em contacto com Saint-Gaudens, o dia em que desembarquei em New York e vi o seu Sherman. Não sabia siquer quem havia esculpido essa estatua, mas logo comprehendi achar-me em frente de um dos mais inspirados symbolos de triumpho que a arte jamais concebeu. Tive outra vez a sensação que sempre se experimenta á vista de uma inesperada obra-prima,

quando um dia, em um salão nesta cidade, achei me em frente ao baixo relevo de Wayne MacVeagh. Era tão simples, e emtanto quão difficil de olvidar-se! Mais tarde visitando o Cemiteiro Rock Creek, ia certo de alli encontrar uma obra immortal; mas como pudera prever aquella apparição? Nenhuma duvida mais era possivel. Só o genio pode exprimir a eternidade. De todas as creações modernas essa\* é a unica que se pode associar com a Noite de Miguelanjo. Posto que mui diversas na forma, são ambas o reflexo do mesmo raio escuro do mysterio, que indica e, para o espirito, desvenda, toda a luz da Creação. Aqui, todavia, a impressão fôra porventura uma suggestão; as duas primeiras, revelações directas.

Não cuideis que a gloria dispensa a critica. Aquella existiu antes dessa. Ella mana da propria fonte. A gloria é principalmente distribuida pela emulação e desespêro dos homens do mesmo officio, porfiando em vão por alcançar a perfeição que outro já adquiriu. A "Vida dos Pintores," de Vidari, nos mostra como se chega á fama nessa profissão, muita vês mediante rivalidades generosas, outra vês, pela inveja, e até pelo odio. Os artistas, entretanto, seriam de si impotentes para consagrar a obra do genio; o seu conhecimento ha que ser completado pela emoção das massas, cujo coração pulsa nelle. Nós somos gôtas no oceano; todavia, deligenciamos por apprehender a consciencia

---

\*O orador refere-se a um monumento, da lavra de Saint-Gaudens, á memoria de Mrs. Henry Adams, representando o Anjo da Morte.

do oceano, e não somente a da gota d'agua. Em cada um de nós aqui, dentro no seu glorioso ambiente, essa consciencia reflecte a imagem do glorioso escultor americano. Isto é gloria. Isto é immortalidade.

---





## RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL DE CUBA

---

Discurso proferido no jantar offerecido ao Vice Presidente da Republica e Membros do Gabinete Cubano, em Havana, aos 31 de Janeiro de 1909.

Em nome do Brasil e dos demais Estados da America Latina, aqui representados, saúdo a Republica de Cuba no dia da feliz restauração do seu governo proprio. Vimos todos de Washington, o que significa que os nossos Governos emquanto dão os parabens á Cuba, como republica irmã, desejam tambem honrar á lealdade e sinceridade com que os Estados Unidos deram cumprimento á sua palavra, de que a intervenção nada mais visava, senão assentar em alicerces solidos a independencia deste povo. E porque vimos de Washington muito folgamos de congratular o nosso caro collega, Senhor Quesada, por ver recompensado, de modo tão cabal, o nobre sacrificio que fez, permanecendo em seu posto durante o periodo da intervenção, afim de não dar aso á minima suspeita de que o seu paiz por um momento deixara de existir.

Durante a ultima luta pela independencia, Cuba exprimiu por vezes certa estranheza de que a sua causa não levantasse em toda a America Latina o mesmo entusiasmo que nos Estados Unidos. Não sei se isso

é facto, pelo menos com relação ao Brazil; dado porem que o fosse, em algum ponto isolado da America Latina, nada mais facilmente explicavel. Em parte ha que attribuir-se á emoção causada, entre as nações de origem espanhola, pelo esforço heroico da Espanha para reter a sua ultima nêsga de terra neste Novo Mundo, que ella descobriu e povoou de nações tiradas as melhor do seu sangue. Mas a principal explicação do facto, o que iria constituir uma excepção a toda a historia do nosso Continente, seria o receio de que Cuba, com alcançar a sua independencia mediante a ajuda dos Estados Unidos, viera eventualmente a perder o seu character de nação latina.

Carecia de fundamento tal receio. Se em nossos dias não têm as raças patrioticas nada que receiar quanto á sua nacionalidade, ainda sob o jugo de conquistadores a cinte empenhados em prival-as della, como houvera uma Nação americana de receiar a este respeito de outra, principalmente da que representa o mais alto gráo de liberdade nunca jamais attingido no Mundo?

Tenho que a responsabilidade dos Estados Unidos em crear esta Nação e o seu orgulho do concurso que lhe prestou, são os mais altos beneficios que podiam recair no povo Cubano. A lição da intervenção será para a Republica, no correr da sua historia, uma dessas recordações da infancia que imprimem rumo seguro pela vida fora. Mercê della os patriotas Cubanos adquiriram o verdadeiro sentimento da responsabilidade nacional, e porque seja tal sentimento o unico palladio

a que se pode ligar o destino de uma nação, eu felicito a Cuba pelo ter adquirido em tão curto espaço após a sua independencia.

Ouvi a Mr. Mangoon a comparação favoravel que fez dos dez primeiros annos da independencia Cubana, com a primeira decada da independencia dos Estados Unidos. Poder-se-ia, seguramente com mais vantagem para Cuba, fazer essa comparação com a infancia de todas as nações latinas da America.

Bebo á saude do Presidente Gomez, absolutamente confiante de que o Governo de Cuba, pelos Cubanos, nunca será interrompido no futuro dessa bella ilha. Fazendo meus os desejos expressos em uma carta que hontem recebi de um eminente collega em Washington, o Embaixador Italiano, direi com elle á livre Cuba :

*Ad multos annos, ad multa seculæ.*

---



## O CENTENARIO DE LINCOLN

---

Discurso proferido por ocasião da celebração em Washington do Centenario de Lincoln, organizada pelos Commissarios do Districto de Columbia, aos 12 de Fevereiro de 1909.

Não foi sem muito hesitar que acquiesci a falar ao lado dos homens eminentes escolhidos para vos dirigir a palavra nesta ocasião solemne, mas quando me disseram que vinha aqui representar a America latina, comprehendi que não podia esquivar-me a esse appello.

A presença neste recinto de uma só nação estrangeira bastaria para indicar que Lincoln pertence ao mundo inteiro. Razões ha, porem, para que as demais nações deste Continente se sintam mais intimamente associadas a elle, que o resto do mundo, e tambem para que lhe devam maior gratidão, depois dos Estados Unidos.

Temos fatalmente que formar comvosco uma unidade politica moral, e homem nenhum, depois de Washington, fez mais que Lincoln para revigorar o magnete que nos attrae para vós. A libertade americana, creou-a Washington; Lincoln purificou-a.

---

\*A *Revista Americana*, No. 5, estampou uma traducção deste discurso, sem declarar o nome do traductor.

Pessoalmente devo a Lincoln não só a escolha, senão também o desempenho fácil do que cuido haver sido a minha missão na vida, como o foi de tantos outros: a emancipação dos escravos. Ninguém com effeito poderia dizer o que fôra a campanha da abolição no Brazil, se após meiado o seculo XIX, houvera surgido uma nova e poderosa nação na America, tendo por programma a mantença e expansão da escravatura. Pelo que fez Lincoln, mercê da grande luz que espalhou por todo o mundo com a sua Proclamação, logramos ver triumphar a nossa causa, sem se perder uma só gôta de sangue. De feito, ganhalmol-a em um largo amplexo nacional, em que os proprios senhores de escravos, com a prodigalidade de suas cartas de manumissão, emulavam com a acção das leis liberadoras, successivamente promulgadas.

Lincoln, á similhaça de Washington, é um dos poucos grandes nomes da historia, acerca do qual se não divide o juiso da humanidade. A sua memoria é por toda a parte inspiradora. A sua acção na Casa Branca foi a do Destino nacional. Hoje em dia, quando se olha de tão longe, no tempo, para os campos dessa terrivel Guerra Civil, enxerga-se logo, já não direi o atalho, mas o unico caminho possivel para o destino nacional commum. Interpreto, de mim para mim, essa Guerra, como uma dessas illusões ordinarias da vida, em que os homens parece moverem-se de seu livre alvedrio, quando em verdade estão representando uma tragedia composta pela Providencia, afim de salvar a sua nação do descaminho que vai levando. Nin-

guem pode dizer quanto duraria a escravidão, se os Estados meridionais não procedêsem, como procedêram. Com separar-se, condemnaram-n'a á morte e se salvaram. Daquelle modo a separação, posto que um episodio bem diverso, não houvera tido na historia dos Estados Unidos o mesmo effeito que teve na historia de Roma a secessão do povo para o Monte Sacro, nos primeiros tempos da Republica ; isto é, o de cimentar a unidade nacional e assegurar cada vês mais os destinos da nação através dos seculos.

Lincoln com o tino especial que lhe deu o autor da grande peça, na qual lhe tocou o papel de protagonista, viu para logo que o Sul não era uma nacionalidade, e nem cogitara de o ser, senão durante a hallucinação da crise. Viera o Sul a ser uma nação, o Norte com toda a sua força não o subjugara. Nem soffrera o povo Americano ter por visinha uma nacionalidade estrangeira senhoreada pela conquista, assim como, após guerra tão sanguinosa, uma nação coacta não tornara á União, com o espirito de ahi ficar para sempre, uma vês dissipada a paixão que a moveu a separar-se.

Creio ter sido este o sentimento do General Lee durante toda a campanha ; somente não o podia exprimir, e o segredo desceu á cóva com elle. Mas só um tal sentimento é que havia de determinar uma rendição tão estreme de azedume, como se elle apenas acabara de sustentar um duelo de honra para o Sul. Folgo de proferir estas palavras diante do grande escriptor

meridional, Mr. Nelson Page, cujos livros não somente contam a gallantaria e cavalheirismo do velho Su- senão também, á similhaça de tantos outros lacrimatorios, recolhem, como lagrimas perpetuas, a poesia da escravidão, o encanto desse laço unico entre escravos fieis e senhores reconhecidos, de cujas familias eram realmente partes. Nada me fascina mais na celebração deste primeiro centenario de Lincoln, que o tributo dos homens que representam o mais nobre espirito do Sul.

Aqui vim para dizer-vos uma palavra e vol-a disse. Com a crescente velocidade das transformações modernas não podemos antevêr o que será o mundo daqui a cem annos. Seguramente não serão os mesmos ideais os da geração do anno 2000. As nações serão então governadas por correntes de pensamento politico, que podemos tanto conjecturar quanto o podia o seculo XVII com relação ás do seculo XVIII, que em parte ainda nos regem. Porem se o espirito de autoridade ou de liberdade vier a augmentar, a legenda de Lincoln apparecerá cada vês mais luminosa no amal- gama dos seculos, porque elle incarnou de modo summo ambos esses espiritos. E essa reverencia á memoria de Lincoln, através do mundo, ha de concentrar-se cada vês mais nesta cidade, que lhe foi o theatro da glorias, e que só de si bastaria para reflectir as anciedades e a altivez do seu coração durante todo o desempenho do seu papel na historia; porque o sitio do seu grande relicario nacional, Washington, tem o titulo superior de ser o do seu martyrio.



Desvaneço-me de haver aqui falado no seu primeiro centenario em nome da America Latina. Todos nós devemos a Lincoln o serviço inestimavel de haver fixado para sempre o caracter da civilização americana.

---



## ELIHU ROOT E A PAZ

---

Allocução proferida no jantar offerecido pela *Sociedade da Paz de New York* em honra de Mr. Root, aos 26 de Fevereiro de 1909.

Antes de mais nada devo agradecer ao nosso Presidente a maneira bondosa por que se refere ao Brazil. Posso tambem assegurar-lhe que se houveramos que responder a questão proposta pelos jornais daqui: "Quem são os maiores americanos, da actualidade," logo nos acudiria á mente, entre os primeiros, o seu nome, como a personificação mais completa da antiga America. Ao passo que nos pasma, assim a nós, como ás demais nações do mundo, o incrível desenvolvimento da nova America, é á antiga, a que sobreviverá em livros quaes os de Tocqueville e Bryce, que devemos os nossos mais bellos ideais.

E' seguramente grande satisfação para mim tomar parte nesta magnificante manifestação em honra de Mr. Root, porquanto tenho como uma das maiores venturas da minha vida estar em meu posto em Washington e tão ao pé d'elle, durante os annos em que imprimiu o seu cunho na politica estrangeira dos Estados Unidos. Entendeu elle que essa politica havia de estribar na Doutrina Monroe. Em outras palavras, enxergou na Doutrina Monroe um código completo de

politica externa: para com este Continente, solidariedade; para com as demais partes do Mundo, bôa-vontade e paz.

Tarefa sempre ingrata é tentar separar-se o Secretario de Estado, do Presidente, de cuja administração é elle apenas um dos tributarios, posto que o maior. No caso vertente fôra demasiado futil, visto que o Secretario de Estado seguiu em toda a sua carreira a direcção dada pelo Presidente com o acto mais brilhante e do maximo alcance do seu governo: a mediação que levou á Russia e ao Japão a concluirem a sua paz em territorio americano.

Nesse dia fôram os Estados Unidos reconhecidos o mais poderoso factor da paz existente no mundo. A obra do Secretario Root foi fazer desse clarão que alumiou toda a terra, um pharol permanente; tornar esse impulso em uma politica nacional systematica. Tão completo foi o seu exito que se um dia viera a crear-se o cargo de Arbitro permanente para as nações, creio que elle seria a primeira escolha. De feito: elle é o mais eminente representante da paz entre os homens d'Estado do mundo. Tal posição deve-a somente á sua imparcialidade, ao seu tino, á sua larga sympathia com a humanidade, mas deve orgulhar-se de havel-a alcançado sem nunca dissimular o seu forte americanismo, no sentido de lealdade para com todo o Continente Americano.

DISCURSOS PRONUNCIADOS NO JANTAR OFFERECIDO PELO EMBAIXADOR BRAZILEIRO EM HONRA DO *Gridiron Club* E DO DR J. C. RODRIGUES DO JORNAL DO COMMERCIO DO RIO DE JANEIRO, AOS 6 DE MAIO DE 1909.

---

O DR. JOAQUIM NABUCO.

*Senhores do Gridiron Club:*

E' com a maior satisfação que hoje vos recebo aqui juntamente com o eminente Redactor Chefe do "Jornal do Commercio," do Rio de Janeiro, Dr. Rodrigues. (*Applausos*). Lastimamos de veras que devido a uma seria doença não pudesse vosso presidente comparecer, mas ao mesmo tempo folgamos de saber que está em via de restabelecer-se e tornar á sua actividade, e, esperamos, por dilatados annos. (*Applausos*). Devo confessar que me sinto entre vós como um Rip Van Winkle,\* porque quando estive pela primeira vez neste paiz, não ereis ainda nascidos — quero dizer, como

---

\* Personagem dum conto de *Washington Irving*. Rip Van Winkle vagueando pelas montanhas de Kaatskill, encontra numa caverna uns individuos de aspecto estranho que lhe dão de beber uma beberagem que para logo o adormenta. Quando desperta, torna á sua aldeia e acha tudo mudado. Ninguém mais o conhece, nem elle reconhece ninguém. A muito custo logra por fim provar a sua identidade e então se averigúa que o seu somno durara vinte annos. — (N. do T.)

Club — e agora vos encontro gosando de uma reputação nacional. Se bem me posso explicar, recordando as lutas daquelles tempos, especialmente a que se travou entre Hayes e Tilden, cuido que a athmosphera de Washington era demasiado quente para a vossa grelha,\* que tão fresca parece aos que collocais sobre ella. Pelo menos as duas vezes que tive occasião de apreciar os vossos methodos de grelhar, os Presidentes Roosevelt e Taft, não me pareceram guatmozins, senão pessôas muito bem deitadas em leito de rosas. O vosso bom senso, bom gosto e bom humor tornaram os mythicos tiros de pistola do velho jornalismo Americano, em fogos de artificio.

Incontestavelmente naquelles tempos, e muito antes, os jornais americanos eram salamandras, viviam ao fogo, ao passo que agora parece, em sua evolução, viverem no gelo, como as phocas, e cada dia que passa, cada eleição que se realisa, nota-se o abaixamento da vossa temperatura. (*Risos e applausos*). Naquelles tempos chamava-se a imprensa o Quarto Poder, se bem que não creia se contentasse ella com essa categoria; dêz de criança que aspira ser o primeiro. Pretende-se agora que a vossa influencia está em declinio. Quanto a mim, não penso que jamais dependessem os Estados Unidos tanto da Imprensa como agora. Quanto maior uma nação, menos apta para prescindir della, visto que para alem de certo limite, só podem as Nações ver e ouvir através dos seus jornais. O que se deu foi,

---

\*Gridiron, quer dizer grelha, e é o nome do Club, que o orador aproveita para esta metaphora.

cuido eu, coisa muito diversa: sendo a Imprensa tão bellicosa entre si mesma, neutralisa grandemente a sua acção, e cada dia adverte melhor esse facto; a consequencia é a grande tendencia para a unidade, para tornar-se harmonica, e porque não sejam visiveis os obstaculos que oppondes uns aos outros, pensa-se que a vossa acção diminuiu, quando a verdade é que o concurso que prestais augmenta de dia para dia. Não sois a môsca do coche (*Risos*); nem tampouco só o motor do carro, senão tambem o farol da jornada. (*Applausos*). A unica questão é se fazeis tanto empenho de guiar, como fizestes outróra.

Tinha receios que vos parecesse estranho tomardes parte em um jantar sem os entremêses do estylo, mas fiquei tranquillo com saber que trouxestes para cá as vossas diversões, e agradeço de antemão ao Club o deleite que nos vai proporcionar, a todos que nos sentamos em torno destas mezas. Senhores, bem pouco são os que sabem quão difficil fôra a tarefa da diplomacia se a Imprensa não trabalhasse com tanto affinco ás horas da noite para nos trazer as noticias. (*Risos*). Antigamente cuidavamos assiduamente de respigar e recolher noticias internacionaes, mas agora creio que estamos reduzidos á condição de certas formigas, que para alimentar-se têm que depender de outra classe. Nem posso até conceber como teriamos que obter a nossa provisão de noticias, não fôra a vossa deligencia em nol-as trazer duas vezes ao dia. Por essa razão, ao agradecer a vossa presença aqui, quero exprimir a esperanza de que, jantar fôra não virá a ser a principal

função do vosso officio, como, graças a vós, tornou-se a nossa. (*Risos e applausos*).

Peço a todos me acompanheis em desejar prosperidade e sempre renovada popularidade ao *Gridiron Club*, bebendo á saude do Presidente Bone.

---

MR. SCOTT C. BONE.\*

*Snr. Embaixador,  
Meus Senhores,*

Retribuindo-vos o generoso brinde, exprimo a satisfação que sentem os membros do Gridiron Club de achar-se nesta agradável companhia. Não é apenas um praser, senão um privilegio, o augmentar e reforçar amizades feitas em outras occasiões. Sentimos hoje que estamos em casa de amigos nossos. Correndo a vista por esta assembléa diviso caras que recordo-me já haver visto, as mais dellas, em nossos jantares.

O nome "Gridiron Club" suggere cantos, chistes e folganças. E antes de mais nada suggere bôa camaradagem. Esse é o elemento que mais presamos. E' uma organização que toma liberdade com os graúdos. Explora o fraco dos que occupam o posto dos poderosos. Contribue com a sua parte para o bom humor da nação. Mas, Excellentissimo, nem tudo no Gridiron são cantos, chistes e folganças. Os seus membros são obreiros da Imprensa. Só uma fracção, e mui diminuta, do seu tempo é consagrada ás frivolidades da vida. (*Risos*).

---

\*Vice Presidente do Gridiron Club.



Sabemos o nosso tanto do hemisferio meridional. Talvês não quanto nol-o cumprira. Sabemos que possuis grandes paizes, de grandes recursos. Sabemos que tendes grandes cidades, grandes estadistas e grandes jornais. Hoje mesmo, temos a honra de encontrar e de saudar o redactor-chefe de um dos vossos mais importantes jornais, Snr. Rodrigues, do "Jornal do Commercio" do Brazil. (*Applausos*).

Fez o Embaixador algumas observações acerca da Imprensa deste paiz. São os nossos jornais tão varios como os matizes do arco-iris. Variam as suas opiniões quasi na mesma proporção, particularmente no que toca as tarifas. (*Risos*). Fala por si só a nossa Imprensa. Seria onsadia da parte de qualquer jornalista tentar falar pela Imprensa da America. Fala todos os dias do anno. E em alguns casos, Snr. Embaixador, muitas vezes por dia. (*Risos*). Fala em todos os formatos de typos. Fala em côres, alguma vez chamadas "amarellas." (*Risos*). Mas, Snr. Embaixador, sejam quais fôrem as particularidades dos nossos jornais, são em geral animados do espirito de lealdade, e intensamente patrioticos e intensamente ambiciosos. (*Applausos*). Ambiciosos para este paiz que é o nosso. Não é temeridade de minha parte, Snr. Embaixador, affirmar em nome de toda a nossa Imprensa, que ella está hoje prestes para estreitar e favorecer relações com as Republicas do Sul. (*Applausos*). Soube aqui-latar os serviços prestados por Mr. Root, nosso Secretario de Estado. (*Vivos applausos*). Confia que a sua obra será continuada pela do seu successer, Mr. Knox.

(*Applausos*). Este Club recorda-se com particular desvanecimento, que um dos seus membros, Mr. William Elroy Curtis, esteve identificado com o Bureau das Republicas Americanas, no periodo da sua formação. O presente director do Bureau não é um dos nossos, mas temol-o por um dos mais importantes adjunctos nossos. (*Hilaridade e applausos*). E' um agente de imprensa (*Risos*) — emprego o termo no sentido encomiastico — muito talentoso e cheio de recursos. Mas Mr. Barret é mais que agente de imprensa, é uma sentinella avançada, um pioneiro, uma especie de representante embaixatorial de todas as republicas deste hemisferio. (*Applausos*). Que a sua sombra, o seu prestigio pessoal, e a sua força persuasiva, nunca diminuam. (*Applauso*).

Por minha parte e pela de um jornal, o unico em que posso influir, abalanço-me a dizer aqui que ao reorganisar-se as novas tarifas, será a maior curtêsa de vistas nacional, a mais lastimosa myopia nacional, se o nosso Congresso deixar de estabelecer as tarifas alfandegarias de forma a promover o nosso commercio com as republicas meridionais, ou retardar isso.

O conhecimento mais de perto entre homens de paizes diferentes redunda no estreitamento das relações entre os proprios paizes. E pois, senhores do Gridiron Club, e amigos, convido-vos a beber á saude do Presidente da Republica do Brasil e do seu Embaixador nos Estados Unidos, nosso amfytrião esta noite, sua Excellencia o Snr. Nabuco.

## MR. ELIHU ROOT.\*

*Senhor Embaixador,  
Senhor Rodrigues,  
Meus Senhores,*

Ergo-me para propôr um brinde que deve ser acolhido sympathicamente por todos os representantes da Imprensa Americana, aqui presentes, por todos os amigos da America, aqui presentes, e por todos os amigos de toda a America, aqui presentes, (*Applausos*); um brinde á grande fôrça que está moldando o sentimento e traçando o futuro não só da America do Sul, senão de todas as Americas, e nesse brinde reunirei o nome de um cavalheiro que me conquistou, de ha muito, não só o respeito, senão a minha calorosa estima.

Quer me parecer que as grandes coisas da vida, os grandes feitos que affectam o curso e o desenvolvimento da civilisação, são levados a cabo por homens que na occasião não pensam estar desempenhando um grande papel. Em regra, quando um homem pensa em si e no que está fazendo, tem consciencia, ou a suppôer, de estar fazendo grandes coisas, em verdade não está fazendo coisa nenhuma. Mas as grandes obras da vida são essas que fazem certos homens que estão forcejando por realisar as que lhe ficam á mão, da melhor maneira que sabem, interpretando cada um a seu modo, no exercicio de suas funcções, o espirito do

---

\*Senador pelo Estado de Nova York.

seu tempo. (*Applausos*). E' nisso que estriba a força da Imprensa. Não estais fazendo obra por onde espereis grangear alto renome. Não imaginais estardes produzindo resultados que vos hão de dar fama, mas, dia após dia, noticia após noticia, artigo após artigo, estais fazendo o que vos fica a mão, exprimindo os pensamentos que vos acodem ao espirito, communicando os factos que vos vêm ao conhecimento, interpretando o espirito do tempo e o resultado liquido geral, dos vossos esforços é o movimento da humanidade ao longo da estrada do progresso humano. (*Vivos applausos*).

Sem o que fazeis aqui, sem o que fazem os vossos collegas dos outros paizes adiantados, o progresso seria impossivel, e todas as invenções e descobrimentos da sciencia moderna cairiam infructiferos no chão. O maior beneficio que presta o telegrafo é trazer ao prelo a verdade, acerca do que se está passando no mundo. O maior beneficio que presta a via-ferrea e o vapor é levar da imprensa á intelligencia da humanidade, o conhecimento universal do que está se passando no mundo (*Applausos*) e é isto, mais que qualquer outra coisa, mais do que todas as coisas juntas, que differença a civilisação dos nossos dias da do passado. (*Applauso*). São os vossos serviços que geram e cimentam a alliança de todos os homens com todos os governos, que fazem de cada homem um factor em cada avanço do desenvolvimento politico e social. Mas sois impotentes sempre que nessa grande tarefa não estiverdes interpretando o espirito e as tendencias do tempo.

Vós sabeis, porque tendes interesse na profissão, quão relativamente diminuto é o numero de pessoas nos Estados Unidos que sabem que nos paizes da America Latina deste hemisferio, existe uma Imprensa grande, livre e brilhante. (*Vehementes applausos*).

Sabeis—e tomara eu poder levar este facto ao conhecimento de cada um dos meus patricios — que um povo esclarecido e altamente culto, pensador e sensato, em todos os grandes paizes da America Latina, encontra nella expressão para as suas opiniões, e está empenhado em espalhar pelas massas do seus patricios, as melhores noções e alevantados ideais, o patriotismo puro, pelo orgam dessa Imprensa que não é inferior a nenhuma do mundo.

E' uma felicidade para os Estados Unidos, que para a mantença destes sentimentos de amizade ha tanto existente entre esta nação e a Republica do Brazil, que á testa de um dos maiores jornais da America do Sul, o grande jornal do Brazil, um dos grandes jornais do mundo, o "Jornal do Commercio," do Rio de Janeiro, se ache um homem ligado ao povo dos Estados Unidos por vinculos de intimo conhecimento e perfeita harmonia de idéas. (*Vivos applausos*). Por muito tempo membro da redação de um dos maiores jornais de Nova York, de quem me recordo com interesse e affecto, como membro do *University Club* de Nova York, levou para a gestão e direcção dessa grande folha, uma orientação, fóra de qualquer preconceito, de qualquer paixão ou falsa comprehensão, mas obedecendo aos mesmos sentimentos benignos, á mesma communitade

de escôpos e ideais que actuam sobre os membros dessa organização; que actuam sobre toda a parte pensante e instruída, do povo dos Estados Unidos no tocante ás relações entre as Americas do Sul e do Norte. (*Applausos*).

Elle e o seu jornal estão interpretando para os povos da America do Sul o sentimento do seu tempo, e quais são estes? Terá alguém duvida em que vai para um seculo e um quarto que as tendencias do povo, em todas as suas discordantes colonias que orlavam as praias do Atlantico na America do Norte, eram firmemente pela união e pela formação de uma grande nacionalidade? em que na Allemanha entre todas as discordias e zelos dos pequenos principados allemães, chegou a hora, ainda em nosso tempo — ou no meu (*Risos*) — que as aspirações gerais do povo convergiram para uma Allemanha unida? em que por todo o mundo, sejam quais forem as ambições pessoais e rivalidades, a tendencia é para a união, harmonia, organização? pode alguém duvidar á vista dos factos dos ultimos annos, que os povos das duas Americas, tacita ou abertamente, estão accelerando, sem olhar a nenhum obstaculo que lhes surja no caminho, arrastados por uma corrente occulta, a união em sentimento, em designios, e em ideais, de todas as Republicas da America? (*Estrepitosos applausos*). Esse sentimento, mais poderoso que qualquer vós humana, superior a acção de qualquer homem e de qualquer governo, uma parte da predestinação da raça na senda da civilisação, tal sentimento é o que o Dr. Rodrigues e o Jornal do Commercio estão interpre-

tando para os povos da America do Sul. (*Applausos*).

Peço me acompanheis a beber á prosperidade, á força, á efficacia do jornalismo da America do Sul, e á saúde, á prosperidade e á longa vida do nosso velho amigo Dr. J. C. Rodrigues, redactor chefe do Jornal do Commercio.

---

O DR. J. C. RODRIGUES.

*Exm. Senhor,*

*Meus Senhores,*

Raramente aconteceu achar-me a braços com tarefa tão delicada, como a presente, de agradecer o brinde com que acabo de ser honrado. Como se já não fôra altissima honra ver o meu humilde nome ligado ao Gridiron Club, como conviva desta bondosa e brilhante hospitalidade, houve por bem o Embaixador Brasileiro mandar levantar-me para, em nome da Imprensa latino-americana, responder ao eminente Senador Root, cujas palavras são de tanto peso e autoridade, acerca das relações dos nossos dois continentes e redobrou a difficuldade da minha tarefa com as mui bondosas, posto que immerecidas, palavras com que me honrou, ás quais não tenho expressões bastante significativas para agradecer.

Tenho que levar esta distincção, tamanha que me confunde, á conta da amizade com que o Embaixador me honra, vai para mais de trinta annos. Bem me recordo que foi neste paiz que primeiro me encontrei

com o então segundo secretario da Legação brasileira, de quem, o meu fallecido amigo, o Ministro Borges, costumava dizer-me, que se acanhava de dar-lhe despachos a copiar. (*Risos*). O jovem Nabuco já era um fino homem de letras, um brilhante escriptor, um grande orador, e deste então tornou-se um dos mais completos e perfeitos homens de nosso tempo em seu proprio paiz. (*Vehementes applausos*).

Mas não quero diminuir as idéas elevadas que tem do dever do Embaixador, attribuindo á razões particulares o mandato que vem de conferir-me. Sem duvida foi suggerido por dois factos. Primeiro, porque eu tenho sido jornalista ha obra de meio seculo, e ha quarenta annos me acho ligado ao mais antigo e influente jornal do meu paiz, como seu collaborador; e nas ultimas duas decadas, como director. Depois, em segundo lugar, o nosso digno hospede deve estar plenamente convencido que ninguem na Imprensa brasileira esposou mais sincera e zelosamente as suas proprias dominantes aspirações de aceitar o seu alto posto presente em Washington. Se o nosso Governo visa de véras manter as mais intimas relações de amizade com o vosso grande paiz, o seu primeiro Embaixador, Senhores, alçou essa commissão á altura de um grande principio, de uma politica de largos horisontes, que elle tem sabido encaminhar com tanto tacto, quanto summa competencia. Orgulho me de declarar que o nosso jornal tem sustentado com entusiasmo esses nobres esforços do nosso mais competente representante no exterior.



E, Senhores, como quem viveu entre vós doze annos, como jornalista, e acompanha desde então a vossa evolução politica e industrial com o mais acurado interesse e admiração, eu devo em verdade saudar a éra da approximação não só do vosso glorioso paiz com o nosso, senão com toda a America independente. Sempre acreditei, e hoje mais que nunca, que ha uma politica continental do Novo Mundo, que os seus povos devêram conhecer melhor uns aos outros; que o mais vasto e poderoso delles devêra procurar dissipar apprehensões, receios e cuidados dos Estados menores; e que se devêra estabelecer de uma vez um accordo definitivo, baseado no respeito mutuo de todos para com todos.

Com o verdadeiro instincto americano, estas vistas foram sustentadas pelo vosso Mr. Blaine, em 1882, e em 1889. O inspirado Secretario de Estado desejava convocar uma conferencia dos paizes americanos para o fim de crear, dizia elle, “uma sympathia americana tão larga como este Novo Mundo.” Devido todavia a muitas circumstancias, algumas das quais fôra doloroso recordar agora, a generosa idéa de uma conferencia não se converteu em programma definitivo. Foi somente mais tarde que a reunião Pan-Americana no Rio de Janeiro, assumiu o desejado character continental. Todos vós lhes sabeis os actos e excellentes resultados, que justificaram toda a expectativa, e outros se esperam da futura conferencia em Buenos-Aires.

Mas, Senhores, se a reunião de assembléas como essas são incontestavelmente frutiferas em bôa vontade

entre os respectivos paizes, e podem até firmar importantes regras de politica internacional, ellas sós nunca nos levariam, a nós da America do Sul, a vos conhecer mais de perto, se não fôram amparados por alguma prova cabal e irrefragavel da vossa desinteressada solícitude pelo nosso bem estar e progresso. Ora aconteceu que antes de reunir-se o congresso no Rio, uma felicissima inspiração moveu o vosso Secretario de Estado a dar um passo que foi o presagio do inicio de uma nova era na historia do Continente Americano. Mr. Root concebeu a genial idéa de ir em pessoa á conferencia do Rio de Janeiro. Foi a primeira vês, cuidou eu, que um Secretario de Estado americano teve que deixar o seu paiz em seu character official para visitar a outro. O seu intento foi mais longe: desdobrou-se em uma visita não só á conferencia, mas a todos os paizes do nosso Continente meridional, cujas capitais não estavam afastadas da costa.

Vós não podeis calcular o immenso alcance dessa missão. Que nós do Sul apprehendemos toda a sua significação, dá testemunho a respeitosa, solícita e cordial recepção feita por todos e por toda a parte ao grande Ministro. Elle não foi lá para conferenciar com os governos, nem fazer tratados. Como verdadeiro missionario, levou aos povos da America do Sul a mensagem de bôa vontade dos seus visinhos mais fortes e maiores (*applausos*); estendeu-lhes a mão da cordial protecção americana e de encorajamento em suas lutas para melhor se governarem, para os seus mais altos ideais politicos, para mais adiantada civili-

sação. Era este povo offerecendo, por intermedio d'elle, um convenio de verdadeira amisade, de generoso affecto mutuo.

Como membro da Imprensa posso affirmar, Senhores, que a vossa cavalheirosa mensagem não foi ouvida em vão e já começa a dar abundantes frutos. Os receios que pudessem porventura excitar no animo dos menos informados, quanto á vossa politica com relação á America do Sul, cederam á absoluta confiança na nobreza das vossas intenções, no escopo de vossas vistas continentais, as quais eram precisamente os nossos sonhos e aspirações. (*Applausos*).

Mas não foi só no character de sua missão que Mr. Root nos conquistou os corações. Pondo de parte, a sua propria captivante personalidade, uma mescla feliz de vigor severo, de autoridade serena e imponente, com as maneiras mais gentis e aprimoradas, entregou elle a sua mensagem de um modo tão vigoroso que será para sempre rememorado. Não posso esquivar-me a honra de relembrar aqui em sua integra, a impressiva declaração que elle fez no Congresso do Rio, que sobre sêr uma verdadeira gemma literaria, é tambem uma das mais profundas paginas da historia politica da America. Disse Mr. Root:

“Não queremos outras victorias que não as da paz; outro territorio que não o nosso. Consideramos a independencia e direitos dos mais pequenos e debeis membros da familia das nações, dignos de tanto respeito como os dos vastos imperios. Não reclamamos nem desejamos para nós quaesquer direitos, privilegios ou

poderes, que não concedamos livremente a cada república americana. Desejamos augmentar a nossa prosperidade, estender o nosso commercio, crescer em riqueza, sabedoria e espirito, mas a nossa concepção do verdadeiro meio de o realisarmos, não é pôr abaixo os demais e lograr-nos da sua ruina, senão ajudar todos os amigos a prosperar e crescer, por que venhamos a ser mais fortes e maiores juntos. \* \* \*

Ajude-mos uns aos outros afim de mostrarmos que para todas as raças humanas a liberdade por que temos pugnado e trabalhado é a irmã gêmea da justiça e da paz. Unamo-nos para crear, manter e tornar effectiva uma opinião publica toda-Americana, cuja força possa actuar na politica internacional e prevenir erros internacionaes e diminuir as causas da guerra." (*Applausos estrepitosos*).

A opportuna e peremptoria declaração, já consagrada no texto de uma das vossas mensagens presidenciais, está gravada indelevelmente no coração de todos os Latinos-Americanos. Os seus jornais, posso assegurar-vol-o, Mr. Root, estarão alerta para prestar effectividade á opinião publica toda-Americana. Estão inteiramente alerta para a responsabilidade de trazer aos seus leitores os consequentes frutos da vossa viagem pelos seus paizes. A vossa missão não se frustrará, Senhor, e como nós hoje em dia rememoramos agradecidamente os nomes de Monroe, John Quincy Adams, Henry Clay e Richard Rush, como bons amigos do nosso Continente, assim a prosperidade nos justificará em additar essa luminosa lista em as letras

mais radiantes com o nome honrado de Elihu Root. (*Calorosos applausos*).

E agora, cavalheiros americanos, mais uma palavra e terei concluído. O vosso paiz já está quasi cheio. Tendes accumulado tão larga somma de capitais que já começais a sentir difficuldades em empregal-os a uma taxa razoavel. Volvei os olhos para a America latina como o novo campo para a vossa actividade grande e pratica. Ella é digna dos vossos maiores esforços, e vos recompensará com vantagem.

Em um dos seus discursos em Santiago do Chile, Mr. Root emittiu um prognostico que muito nos lisonjeou, dizendo que o seculo XX será o do phenomenal desenvolvimento do Continente Sul-Americano. Naturalmente não podemos affirmar se os acontecimentos confirmarão a profecia. Mas os Estados Unidos nos ensinaram a pôr toda a confiança no poder do trabalho do homem, o qual, quando cercado de instituições livres, multiplica a potencia da sua actividade. Já temos um paiz Sul-Americano que em dez annos quadruplicou a sua exportação, e mesmo o nosso enormemente vasto Brazil, quasi sem immigração, já dobrou a sua producção no mesmo periodo, e quasi a triplicou em trinta annos.

Quando contemplamos a debilidade dos Estados Unidos ha um seculo, em suas lutas com a Inglaterra e França, por uma acção commercial livre, e attentamos em que a um certo tempo a bacia do Mississipi era pouco mais que uma regrão agreste, e que toda a sua população não excedia a actual população do Estado

de Nova York só; quando as receitas publicas eram apenas uns quinze milhões de dollars, e todo o valor da exportação, oitenta milhões, menos do que os vossos manufactores de madeira ou oleos minerais exportaram o anno passado; quando consideramos tudo isso, se não cubiçamos para a nossa evolução uma rotação correspondente á do vosso espantoso progresso, desejamos ao menos uma marcha que justifique a profecia do vosso Secretario, de modo que possamos apparecer a vossos olhos como satelites dignos de gyrar em torno da resplandecencia sem par de vosso exemplo, da vossa prodigiosa obra, para o bem do homem e da civilisação. (*Estrepitosos applausos*).

---

# O QUINHÃO DA AMERICA NA CIVILISAÇÃO

---

Discurso pronunciado na Universidade de Wisconsin por  
ocasião de receber o grão de bacharel  
aos 20 de Junho de 1909.

*Senhores da Universidade de Wisconsin:*

Uma vez, passando da Europa ao Brasil, ouvi, á meza do jantar, um escriptor inglês, grande viajante oriental, o fallecido William Gifford Palgrave, fazer ao Commandante do vapor a seguinte pergunta: — que vantagem pensava ter resultado para o mundo do descobrimento da America? Da sua parte, não via Pelgrave outra, senão o tabaco. Foi essa a primeira vês que ouvi aventar-se tal duvida; annos mais tarde porem, acertei de comprar um alfarrabio francês, de um Abbade Genty, intitulado: *L'Influence de la Découverte de l'Amérique sur le Bonheur du Genre Humain*, e notei que a curiosa questão fôra seriamente posta a premio pela Academia de Lyons, antes da Revolução Francêsa.

Era assim formulada: “Foi o descobrimento da America um bem ou um mal para a humanidade?” A obra, em seu todo, é uma declamação balôfa, onde não ha o que respigar, excepta a esperança do escriptor

na regeneração da especie humana, mediante a acção da recém-nascida America. Entrevê na Independencia dos Anglo-Americanos, para citar as suas palavras, “o acontecimento mais propicio para accelerar a revolução que restituirá a felicidade á terra.” “E’ no seio da Republica recém-nascida,” accrescenta, “que estão depositados os verdadeiros thesouros que enriquecerão o mundo.” E’ quanto basta para tornar o livro digno de conservar-se. Mas 1787, quando foi escripto o ensaio, éra ainda muito cedo para tratar-se do assumpto da contribuição do Novo Mundo para o bem estar da humanidade. Já éra o alvorecer da America, mas apenas o alvorecer. Georges Washington éra Presidente da Convenção Constitucional, mas a influencia do grande acontecimento, á parte o choque causado no Velho Mundo, que ainda não tinha produzido a Revolução francesa, não podia ser ainda entrevista.

Ha na vida das Nações um periodo em que o papel que lhes tóca desempenhar ainda lhes não foi revelado. O character da influencia Romana não se pudéra prever ainda durante os grandes dias da Republica. Uma pratica entre Cicero e Cesar, acerca do papel da Gallia ou da Bretanha na Historia, não entenderia com a França nem com a Inglaterra; em quanto que outra, entre Carlos Magno e Alcuim, acerca do papel da Allemanha, não passara de um conto da Idade Media, quasi esquecido agora. E ainda hoje quem pudéra dizer alguma coisa essencial acerca do papel do Japão e da China? Pode-se sim affirmar que o Japão está em sua alvorada para o mundo exterior, ao passo que



a China continúa envôlta no véo da sua longa noite, brilhando só para si. Quem póde siquer conjecturar qual venha a ser a missão de qualquer das duas na historia do genero humano? Mas já não é demasiado cedo para estudar o quinhão da America na Civilisação. Não lhe sabemos as possibilidades no futuro, como ignoramos as da electricidade. Mas já sabemos o que seja a electricidade, do mesmo modo que já sabemos o que é a vossa individualidade nacional. A um dado momento attingem as nações o seu maximo de crescimento, como individualidades; parece que chegastes ao vosso. Estais portando melhor aparelhados que o Abbade francês para falar a respeito.

Já havia escolhido este fascinante thema, senão quando me chamam a attenção para o admiravel discurso do Presidente Eliot a este respeito, ha annos atrás, assignando cinco grandes contribuições americanas para a Civilisação. Foram, em suas palavras: primeiro, e principal, a substituição da guerra pela discussão e arbitramento, como meios de resolver litigios entre nações; segundo, a mais larga tolerancia religiosa; terceiro, o suffragio popular; quarto, a demonstração da aptidão de uma grande variedade de raças para a liberdade politica; quinto, a diffusão de bem estar material entre a população.

Eu não acho que todos os pontos allegados pelo Presidente Eliot, passem na historia com a marca — *made in America*, mas penso que todos elles padecêram aqui tais e tantas transformações e melhorias, que em parte, bem merecem essa marca.

Sem embargo, tanto escrupulo nos cumpre têr em não escrever a historia da civilisação sem fazer conta do resto da humanidade, quanto em a escrever, excluindo a America. Não nasceu a raça americana assim de chôfre em um adiantado estado de civilisação. Era, no tempo da formação do Paiz, simplesmente a raça inglêsa creada em ambiente diverso; agora é a fusão, sob a sua predominancia, com as demais raças. E' muito provavel que o destino da humanidade ao cabo viêra a ser o mesmo, se a America não surgira á tona das aguas; todavia, sem ella, muito do que se ha aggregado á Civilisação ainda não existira, nem nunca talvês, justamente como, sem uma certa reunião de circumstancias, é possivel que a florescencia artistica da Renascença talvez não viêra a lume.

Quando procuramos o que propriamente pertence á America, não devemos incluir no seu quinhão o que é da raça inglêsa, nem, acrescentarei, o das demais raças que formam a nacionalidade americana, ainda que na acção dirigente exercida por este paiz ninguem pode ainda discernir a influencia de nenhuma raça, senão a daquella de que originariamente procede. Quanto pertence á natural evolução da civilisação anglo-saxonica não deve ser attribuido só á America. Um fruto não é especial de uma arvore, só porque lhe amadura mais cedo em qualquer parte do mundo. Frutos genuinamente americanos são os que vingam de arvore americana, quer cresça esta no seu Continente quer, transplantada para fóra do paiz, ainda que não hesitaria em chamar Americanos os frutos dessas arvores euro-

péas que em seu solo nativo são mirrados e rachíticos, e que na America adquirem seiva nova.

Isso posto, não levaria á conta de contribuição americana para a Civilisação o suffragio popular. Não pode dizer-se que a Inglaterra, ou o mundo, dependeu da America para a sua concepção e desenvolvimento. O suffragio universal até nem está associado com a America; antes prende-se á França. O mesmo direi acerca do Arbitramento. Não creio que nascesse aqui. Pregar a Paz é mais do interesse das nações ameaçadas pela guerra, da que se acha protegida contra ella. Nestes ultimos annos tem se notado mui caloroso movimento na America, em prol da Paz, mas seguiu atrás do europeu. Sendo a Europa o Continente ameaçado de guerra, deve pôr muito maior empenho na questão da Paz.

Mas o Presidente ao resumir o seu discurso, refere-se a essa contribuição em outras palavras, como *guarda da paz*. Assim expressa, estou certo que foi uma das mais valiosas contribuições para a Civilisação, porque a pressão pacifista exercida pela America sôbre a Europa, é a que mais pesa sobre o Mundo para afastar a guerra. A America, graças á Doutrina Monroe, é o Continente da Paz, e essa colossal unidade pacificadora, interessando fundamente outras regiões da Terra, — todo o Pacifico, a bem dizer — forma um Hemisferio Neutro e contrabalança o outro hemisferio, que bem poderíamos chamar o Hemisferio Belligerante. Quão verdadeiramente profeticas eram as palavras vaidosas de Canning sobre a sua obra, que

também era a de Monroe: "Chamei á vida um novo mundo, para rectificar o equilibrio do outro." Sem a Doutrina Monroe, os Estados Unidos não o teriam rectificado.

Em todo o caso, cumpre não esquecer, as guerras em geral nascem de obstaculos oppostos á expansão nacional, e a vossa ainda os não encontrou serios. Estais agora empenhados em uma obra, que, não fôra a confiança em vosso character neutral, e também o vosso prestigio, seria combatida, como empresa de uma nação, pelas Potencias navais, se qualquer outra nação tentasse leval-a a cabo. Com esse crescimento prodigioso, os vossos sentimentos pacificos terão que ser postos á prova, quando a vossa expansão nacional vier a encontrar de véras a primeira barreira. A questão é se então não proclamariéis a santa guerra nacional. Por emquanto ninguem pode affirmar que a Paz vos seja um inabalavel artigo de fé, tal como a democracia e a tolerancia religiosa, por exemplo. A grande fortuna da especie humana é que o periodo do vosso facil crescimento, permittindo-vos viverdes em paz e exercerdes vossa grande pressão moral e commercial pela paz, coincide com o tempo em que o progresso da civilisação e provavelmente o da Sciencia lográrá também substituir a Guerra pelo Direito Internacional, ou em separar a Guerra do Direito Internacional, cuja é ainda a principal parte.

Permitti-me dizer: estou persuadido que nada concorreria mais para fixar no espirito desta grande nação o ideal da paz, que o Pan-americanismo. Uma vez

que o Pan-americanismo viesse a ser sua política externa dominante, como já foi, com a Doutrina Monroe, um movimento reflexo della, não somente ella esposaria a paz, como promoveria o consorcio desta com o resto do Continente, e essa tarefa preencheria o tempo ainda necessario para a humanidade refugar a guerra. A Paz e o Pan-americanismo são termos conversíveis para vós e para nós. Mas, como o que mais vos fortalece o poder para a paz é a immigração, eu classificara a Immigração como a maior de todas as contribuições da America para a Civilisação.

E seja me licito fazer algumas observações sobre este ponto. Vós sois a muitos respeitois uma nação de um typo unico. Só o Imperio Romano se approximou desse typo, quando se avisinhava da dissolução. Toda a nação é, ou foi, composta de uma raça, ou de raças separadas, cada qual falando a sua lingua; vois sois a fusão de raças de linguas diversas, instigadas por solicitações superiores a falarem a só lingua hereditaria do Paiz. Por outra, sois uma nação formada de nações por sua livre vontade. Nisso consiste a differença: uma nação formada pela livre immigração, não por conquista. A America é de feito a Nova Europa; mas ao passo que a velha Europa conserva as suas barreiras raciaes por um differente patriotismo, tradições nacionaes differentes, lingua diversa, aqui na nova Europa, todas essas raças européas se misturam, se entrelaçam, esquecem as suas antigas vassalagens, trocam a velha alma européa pela nova, e como tal fusão se opera aos milhões, esta é uma nação, cuja formula

ethnica varia de geração a geração. Os componentes raciaes da vossa nacionalidade alteram tão rapidamente as suas proporções relativas, que não se poderia precisar como ficam entre si, uns em relação aos outros. Felizmente a vossa consciencia nacional não tem que se accomodar ao Censo; não fica á espera da analyse da raça, contendando-se com a inalteravel synthese, que é: *Americana*.

Notavel é que essa inconstante e mudavel composição ethnica seja o que sustém a vossa individualidade, e como esta consiste mais que tudo do espirito que vos foi soprado á nascença, as novas levas, venham donde vierem, assimilam tal espirito com avidês e ufanía, como o seu principal direito de nascimento. Com o constante affluxo de recém-chegados, não avulta tanto o residuo inutil, inerte e decahido, como aconteceria se não houvera elementos novos para compensar a perda. Ha de feito, em toda a sociedade um borralho formado dessas partes em que se abrasou o primitivo espirito nacional, pelo menos em parte, que de si sós não seriam aptas para manter e continuar a individualidade do paiz. Qualquer aristocracia na America fôra um sedimento dessa especie. Não me refiro a essa delicada patina do tempo, que figuradamente chamamos "aristocracia." Neste particular o tempo é por toda a parte aristocratico.

Tem havido nações formadas por conquista e composta de raças diversas, mas entre as ultimas sempre predominou o particularismo, e mantiveram-se indefinidamente apartadas umas das outras. Quando foi o

mundo antigo reduzido a provincias romanas, e depois de haver Caracalla estendido os direitos de cidadão a todos os habitantes do imperio, viu-se uma communi-  
dade do feitio da vossa, cujos membros reclamavam todos, movidos de orgulho, a mesma nacionalidade; mas esses eram tempos de grandes dissensões, e demais a mais, a fusão das varias raças não podia operar-se tão desaffogadamente como aqui, devido ás muitas barreiras da vida local antiga.

E' esta a primeira e mais consideravel influencia, que assignalaria, do descobrimento da America sobre a Civilisação: a apparição na terra de um immenso continente destinado a ser a nova patria das velhas raças européas, onde haviam de se encontrar e confundir-se, falando a mesma lingua, emquanto os velhos troncos cresceriam separados e até agora belligerantes. Em outras palavras, um facto ainda não visto nem imaginado: uma especie humana, porque esta é uma nova humanidade, formada por auto-selecção.

A nação americana foi creada pelo sentimento da patria; foi o amor do torrão nativo alliado ao sentimento da liberdade e da independencia, que levou os Colonisadores a partirem os laços que os ligavam a mãe-patria. Mas a Democracia americana, que, dès do principio, deu ao orgulho de patria força inda maior, attingiu ás presentes proporções pela mudança voluntaria de sua fidelidade nacional em milhões. Escolher qualquer a sua patria é um direito, embora não geralmente reconhecido, antes desse paiz o crear e fazel-o aceitavel para o mundo.

Antes do espirito Americano iniciar a immigração a maior migração humana éra o trafico dos escravos. O contraste entre immigração e o trafico dos escravo é sufficiente para salientar a parte que teve o espirito regenerador americano na marcha da civilisação. Na historia da Inglaterra não ha pagina mais brilhante que a sua lucta contra o trafico de escravos africanos quando a America estava de muito bom grado se enchendo dos negros roubados á patria e que escapavam de ser precipitados no mar ; mas o que de feito exterminou o trafico de escravos e a escravatura, foi a Immigração. A immigração, não a escravatura, representa a verdadeira seiva. Ainda que tenha a Europa nobremente abolido a escravidão, mercê do Christianismo, essa era a sua politica colonial ; no Mundo Novo a escravatura marcou o periodo da Colonisação e continuou como um legado dos tempos coloniaes depois da Independencia. A Immigração porem é caracteristicamente americana ; a attração da livre, e ampla e crescente America sobre os densos viveiros humanos da Europa. Quebrou essa attração na Europa as antigas stratificações ; creou forças centrifugas. Pela primeira vez na historia, a immigração asou assim a homens, como a mulheres, de todas as nacionalidades, ensejo á transplantação, e a tentarem a vida em circumstancias mais favoraveis ; destruiu o que ficou de um character de masmorra nas velhas fronteiras nacionaes ; em uma palavra subverteu para sempre os alicerces do despotismo, do servilismo pratico, tornando o povo de toda a parte livre de emigrar. Considero a



Immigração a maior força na moderna Civilização e não resta duvida que é uma força americana.

Depois de Immigração nomearei a Democracia, que também é distinctamente americana. Ainda que um producto inglês na America, é differente do da Europa, e reagiu muito tempo contra o espirito monarchico da raça inglesa. A historia americana não tem corôa, como a da Europa é real. O espirito da liberdade que é caracteristicamente anglo-saxonico, vingando numa região sem tradições monarchicas, tomou a forma de Democracia, ou Republica. Certamente ha elementos fundamentalmente ingleses na Democracia americana, como os ha também greco-latinos. Não se pode dispartir a cadeia que través da historia liga a evolução de uma idéa ou de um sentimento, mas a Democracia americana é genuinamente nova, um novo padrão; não n'a produziram os antigos, nem o poderia a Europa. De sorte que podeis reclamar para a America essa contribuição para a Civilização, não porque o governo republicano possa se chamar uma forma mais alta de civilização, que o governo monarchico-parlamentar, senão porque, por sua competencia e pelas lições mudas da immigração, exerceu a mais benefica influencia na evolução liberal do governo monarchico na Europa. Podeis revindical-o para vós, que transformastes com a vossa Democracia não só o systema monarchico da Europa, mas também os seus methodos coloniaes de governo. A Democracia tem um caracter de finalidade que falta á Monarchia, ainda expungindo-a de todo o

espírito de direito divino, comquanto a forma final da Democracia poderá ser ainda o governo do melhor homem, como era o Ideal Grego.

Pretendem alguns, como o Prof. Münsterberg, criticando o discurso do Presidente Elliot, que a vossa Democracia veiu da Europa, da Philosophia do Seculo XVIII. Mas a inspiração dessa Philosophia, pelo que respeita á liberdade, partiu largamente do Novo Mundo. Nada actuou mais sobre Jean Jacques Rousseau que a impressão do Novo Mundo. Os utopistas francêses daquelle seculo não tomaram muito ao descobrimento das Indias, da China e do Japão; mas o descobrimento da America foi-lhes uma impressão creadora, como o foi durante tres seculos para os seus predecessores. Um espirito superior como Montaigne, por exemplo, escrevia no seculo XVI, acerca dos naturaes da America: "Lastimo que Platão e Lycurgo os não tenham conhecido, pois, me parece, o que vemos por experiencia nessas nações, trascende á todos os paineis com que a poesia adornou a Idade de Ouro e as demais, quer nas invenções em imaginar um typo feliz de homem, quer na concepção e até na aspiração da Philosophia.

Quão alongada da perfeição encontraria Platão a sua Republica!" L. I. Cap. xxxi. Todo o *Contracto Social* de Rousseau caberia neste capitulo dos *Ensaio*s, escriptos dois seculos atraz. E' uma permanente e crescente impressão dos seculos a que o livremente nascido Mundo Novo produzia no espirito europeu, só comparavel á outra, igualmente imperiosa e sempre progressiva da Democracia ame-

ricana, depois da vossa independencia. Essas duas successivas influências do Novo Mundo na imaginação européa dariam sobeja materia para um livro.

Outra grandissima contribuição que desejo indicar é a igualdade da condição social entre todas as classes da nação. Foi o que mais impressionou a Alexis de Tocqueville: "Quando eu attento," escreveu elle, "nessa innumeravel turba-multa de seres moldados á similitude uns dos outros, entre os quais não ha altos nem baixos, o spectaculo dessa universal uniformidade me confrange e arripia." Mas este fragmento não reflecte fielmente os seus sentimentos, porque elle acaba por render homenagem ao grande principio da igualdade. O facto de ter Tocqueville concluido a sua inspecção da America, por onde começara, mostra que a sua maior impressão foi a da *igualdade geral de condições*. E esta é a maior que produzirá em qualquer. Isso é o que explica porque se tornou a patria adoptiva de todos, o lar eleito dos homens de todas as raças, nascidos e creados sob os principios contrarios da desigualdade. Como a Asia tinha as castas, assim tinha a Europa as ordens ou classes. Na America não ha entre as varias vocações da vida nenhuma differença de nivel, e esta simples idéa, verdadeiro ovo de Colombo social, fez o triumpho desta nação, transformando-a, de um povo de um só tronco, como principiou, em um povo de muitos troncos, todos dando o mesmo fruto. Mas a igualdade não fez só o triumpho da nação; fixou por toda a parte o typo definitivo da sociedade humana. Como a immigração, como a democracia, a igualdade

é final, e finalidade é em tudo a maior contribuição possível para o progresso.

Para muitos povos a idéa de civilização corresponde sempre á de maior desenvolvimento da Arte. Mas do ponto de vista esthetico, não ha nada que se compare ao Progresso no mundo moderno, porque se algumas artes se adiantaram, outras, pelo contrario, recuaram. Para resumir em uma observação: os varios paizes espalhados nos mares Mediterraneo, Ionio e Egeu devem necessariamente ter apresentado um espectáculo incomparavelmente mais bello nos dias de Adriano, ou de Constantino o Grande, que o dos nossos dias; na mesma proporção pelo menos que a Grecia descripta por Pausanias para a Grecia de Baedeker. Não ha procurar progresso humano na Arte. Em arte sejamos retrogradados, do tempo de Phidias, de Evainetos, de Vince, de Beethoven. Na Arte como na Poesia. A Poesia nunca mais emparelhará com a Mythologia. Ha ainda mais poesia na nêsga de terra que o ultimo terremoto de Messina convulsionou, que em todo o resto do Mundo, presente ou futuro. Para renovar o acervo de poesia da terra fôra mistér nada menos que a communicação com alguns dos demais planetas. Isso traria sem duvida uma renovação á imaginação do homem, infinitamente maior que a já de si tamanha, do descobrimento da America.

Sim, se me perguntassem que serventia tinha a America para a Europa, diria que Colombo abriu largas portas e janellas no outão do poente da velha casa senhorial da Europa, que só recebia a ventilação de

leste. Vem a América regenerando o Velho Mundo dês do século XVI, tão eficazmente, quão, na Idade Média, a regenerou o influxo da Europa Central. Pena é que nos tempos do Imperio Romano não fossem mais amplos os meios de navegação e que não se houvesse feito ainda o descobrimento, como para preservar a antiga civilização.

Mas pelo que toca a Arte, é fora de duvida que existe um traço distinctamente americano. Ao passo que o traço inglês é solido, e o francês gracioso, o vosso é nitido, *clean-cut*. Ha uma perfeição americana, tão característica como a japonesa, que cuida bem se definir com a palavra "clean-cut."

Civilização devêra ser essencialmente a melhoria da condição social do homem, mas com maior propriedade chamaremos Civilização o augmento da sua força intellectual, visto que tal augmento só por si traria permanentemente uma condição social satisfactoria; isto é uma condição fundada na verdade e confiada inteiramente á liberdade. Não creio que a América já esteja concorrendo para o augmento da faculdade intellectual do homem, isto é, da Sciencia; mas creio que o está para a melhoria da condição social do homem. Não digo só, mas a par de umas poucas nações, que têm os olhos postos em vós outros.

Até o presente tem sido a idéa de civilização associada com a da iniciativa individual; nas propriedades reais, mais com o systema de pequenas propriedades, que com os latifundios; no commercio e na industria, mais com a concorrência que com a concentração.

Mas já se nota um movimento, no sentido da unificação, que bem se lhe pode chamar Americano. Grandes nacionalidades, comboios cosmopolitas, navios rapidos, aeroplanos, cabos submarinos, telegraphos sem fio, a Conferencia da Haya, tudo annuncia que a nova tendencia da humanidade em todas as direcções é a fusão. Em theoria a centralisação parece assegurar melhor o serviço de tantos milhões de homens, justamente como as camaras frigorificas lhes asseguram alimento mais são, evitando lhes a deterioração de uma incalculavel quantidade, que se arruinaria no mesmo dia; mas ha muitos e muitos pontos que considerar na centralisação, politica e social, e só a experiencia poderá trazer lhes alguma luz. Por ora ninguem pode affirmar se a nova Economia Politica americana é ou não uma das maiores contribuições deste paiz para a Civilisação. São as Universidades da America admiraveis atalaias de onde pode seguir-se a marcha da evolução politica e solver-se a tempo o enygma da sfynge. Uma coisa é certa: a Idade de Franklin não terá fim, como a Idade de Midas.

Como não mencionar entre as vossas grandes contribuições para a humanidade o vosso systema de Educação? A educação americana parece a unica que não é de todo convencional, que não é mera galvanisação dos estados de espirito de outras idades, de ideaes de homens que nutriam o espirito e o coração sós dos livros, em vez de alimentar-os das opiniões e aspirações do seu tempo. Vós outros sós nos dais a maior de todas as lições humanas, a confiança do individuo em si

proprio. E sem precedencia na historia, o ensinaiis aos homens e ás mulheres. Nunca existiu no mundo uma mocidade de ambos os sexos tão aparelhada para a vida. Mergulhaiis a ambos, dès da infancia, em um banho que lhes dá a resistencia e elasticidade do aço. Alterastes o rythmo da vida; escreveil-a num "tempo" acelerado, e o mundo vos está a apanhar o espirito da transformação rapida, escrevendo-a tambem no *prestissimo* americano, em vez do velho *adagio*.

Conta muito bem o Presidente Elliot entre as grandes contribuições americanas para a Civilisação os vossos grandes inventos; todavia, como a Sciencia é universal, os inventos são geralmente suggestões ou aperfeiçoamentos da obra anterior de outros povos, e os realizados aqui teriam certamente, mais cedo ou mais tarde, que vir a tona com o progresso da Sciencia. O que emana de vós, em opposição á geral tendencia moderna, é o vosso respeito á mulher, o lugar que lhe abristes, para ella, na humanidade, a par da corrente de pensamento puro, que oppondes á literatura de sensualismo florente em outras raças. Certamente o Ascetismo nos tempos monasticos, e a Cavallaria, na Idade Media mostram sobejamente que a Europa é capaz de gerar as mais fortes correntes de pureza; e a vossa ainda é somente una revivescencia do Puritanismo Inglês, conservada viva sob condições mais favoraveis; mas pelo que entende com a pureza de pensamento para com a mulher, a palma mui legitimamente vos pertence.

Senhores, eu não pretendo enumerar todas as con-

tribuições deste paiz para a Civilisação. O seu catalogo completo fôra tarefa gigantea; comprehenderia tambem as vossas conspicuas contribuições para o Direito Internacional. Viso tão somente dar vos algumas impressões da utilidade da America, alem do tabaco.

Eis aqui como um observador inglêz, que, com A. de Tocqueville, ficará sendo um dos dois Classicos do seculo passado acerca da Democracia americana, o conselheiro James Bryce, debuxa o povo americano. Limitar-me-ei a resumir o perfil que vos traçou. Segundo elle, sois um povo de bom genio, alegre, bondoso, moralizado, esperançoso, bem educado e bem comportado; a vossa media de castidade, temperança, veracidade, honradês, está um tanto acima da de qualquer grande nação da Europa; sois um povo religioso; tudo entre vós tende para tornar o individuo independente e confiante em si; sois um povo activo e commercial; sois impressionaveis, capazes de uma idealidade maior que a dos inglêzes e francêses; um povo sem fundas raises no solo, mas sociavel e cheio de sympathia; variavel, mas não voluvel, somente a vossa temperatura sobe e desce de repente; um povo conservador, concorrendo a prosperidade para accentuar esta virtude. *American Commonwealth, Part IV, Chap. LXXX.* E assim remata, resumindo a sua obra: “Marca a America o supremo nivel não somente do bem estar material, senão tambem da intelligencia e da felicidade, que as raças já attingiram.” Estou que tal retrato na galleria das Nações, ainda que alguns toques pareçam demasiado lisonjeiros, o que não penso, já é de si uma contribuição



para a Civilização. Depois disso tenho que fazer um reparo.

Até agora nenhuma raça europeia deu na America exactamente o mesmo fruto intellectual que em seus solos nativos, á similhaça das vinhas francêsas que transplantadas para cá nunca dariam os mesmos finisimos vinhos. Não ha indício de que a hegemonia intellectual esteja a passar da Europa para a America. Não começou ainda a decahir a Europa, e cumpre não esquecer que a formação de novos ideaes, como, por exemplo, a Christandade, foi muitas vezes obra de idades de decadencia. A America não pudéra levar a cabo a mesma obra que a Europa. Ha uma geografia intellectual do mesmo modo que uma geografia botanica e zoologica. As virtudes intellectuaes de cada raça dominante são diversas, e viria a minguar o poder dos esforços neste pais, se um dia sentisse que já havia excedido a Europa. Ha inspiração na esperança, mas a victoria seria o principio da retrocessão. A humanidade deve ficar maior que as suas partes em quanto constitue a gloria da Civilização, e os filhos não devem exceder aos pais durante a sua vida. Por muitos seculos a Europa e a America serão os guias.

Falando da America, tomei aqui a parte pelo todo e apenas me referi a este paiz. E' muito cedo para falar do papel destinado na historia á America latina. Ainda não nos chegou a vês de entrarmos no palco. As peças de Deus são muito longas, os seus actos são Idades. Até aqui temos, todavia, prestado relevante serviço á

Civilização a pesar das immensas difficuldades, e nem creio que em qualquer parte se poderia escolher typos mais perfectos de homem e de mulher que entre as nossas differentes nações. Nutrimos a esperanza de que honramos os nossos progenitores, e que, comparados com elles, revelamos traços da mesma evolução, como vós em confronto com a raça inglêsa. Muitos ideais no mundo são, pelo menos em parte, sustidos pela nossa fé, sem que nisso se haja advertido, devido ao nosso afãstamento, porem mais de uma vez surdiu uma surpresa no mundo, quando homens da America latina entram em evidencia, como no ultimo Concilio do Vaticano, ou na Segunda Conferencia de Haya, ou quando Santos Dumont, voando em volta de Paris, inaugurou a éra da navegação do ar. Outras vezes nos apropriamos do progresso da Civilização de tal maneira que os de quem elle se origina o acham demasiado completo para seu uso. Nenhuma Constituição, por exemplo, excepta a do Brazil, dispõe que a guerra será autorisada só pelo Congresso Nacional, não sendo possivel o arbitramento, (Art. 34. § II). Nenhuma outra contem um artigo como este: “Os Estados Unidos do Brazil, em caso algum se empenharão em guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em alliança com outra nação.” (Const. Art. 88). Da mesma forma, a abolição da guerra por divida será no Direito Internacional um laurel cingindo o nome da Republica Argentina. Mas é nosso grande orgulho tambem reconhecermos nos filhos de Washington os modelos da nossa Civilização Americana.

Senhores, eu agradeço ao Presidente Van Hise, a honra de me convidar para dirigir a palavra a vossa Universidade, que está na dianteira das Universidades Americanas. Encaro isso como o melhor signal de que o sentimento Continental já está firmemente enraizado neste baluarte da individualidade Americana.

---



1897

1911



SEMPER SECURUS

GARANTIA DA AMAZONIA

# SOCIEDADE de SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908.

SÉDE SOCIAL:

**BELEM DO PARÁ, Brazil**

Departamento dos Estados do Sul: RIO DE JANEIRO.

Departamento dos Estados do Centro: PERNAMBUCO.

Succursaes, Filiaes, Agencias e Banqueiros  
em todos os Estados do Brazil.

**VISCONDE DE MONTE REDONDO, Director Gerente**









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).